

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

JOÃO PAULO PEREIRA DE ALMEIDA

**AS CUNHAGENS DE GALBA (68-69 D.C): PROPAGANDA DO PODER NAS
MOEDAS ROMANAS**

Alfenas/ MG
2017

JOÃO PAULO PEREIRA DE ALMEIDA

**AS CUNHAGENS DE GALBA (68-69 D.C): PROPAGANDA DO PODER NAS
MOEDAS ROMANAS**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan

Alfenas/ MG
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Alfenas

Almeida, João Paulo Pereira de

As Cunhagens de GALBA (68-69 d.C): propaganda do poder nas moedas romanas / João Paulo Pereira de Almeida. -- Alfenas/MG, 2017.
130 f.

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2017.
Bibliografia.

1. Poder (Psicologia). 2. Numismática. 3. Propaganda. 4. Moedas romanas. I. Carlan, Cláudio Umpierre. II. Título.

CDD-930

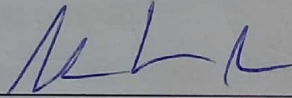
JOÃO PAULO PEREIRA DE ALMEIDA

**“AS CUNHAGENS DE GALBA (68 - 69 D.C): PROPAGANDA DO PODER NAS
MOEDAS ROMANAS”.**

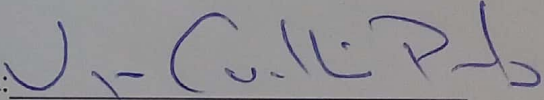
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
História Ibérica pela Universidade Federal de
Alfenas. Área de concentração: Ensino e
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 27,09,2017

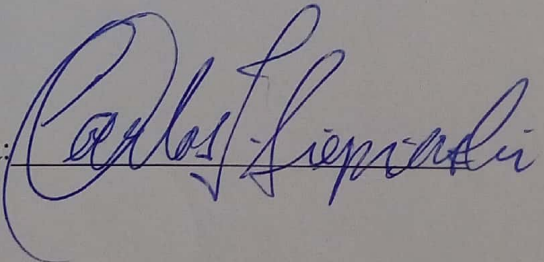
Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Prof. Dr. Vagner Porto
Instituição: Universidade de São Paulo USP-SP

Assinatura: 

Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta caminhada para a realização deste trabalho. Aos meus pais, José e Terezinha, e irmãos, Thiago e Lucas, pelo imenso suporte e apoio ao longo destes dois anos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan, pela paciência, conversas, cordialidade e por ter me apresentado ao mundo da numismática.

Aos membros de minha banca de qualificação Profa. Dra Luciane Munhoz Omena e o Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto por terem aceitado o convite e pela atenção, ajuda, comentários e críticas que foram essenciais para conclusão desta dissertação.

Aos professores do programa que fizeram parte de minha formação nesta etapa de minha vida, em especial a Profa. Dra. Fabiana de Oliveira e ao Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski pelas observações e por aceitar compor também minha banca examinadora.

Aos colegas de mestrado pelas conversas e trocas de experiências nas quais me ajudaram a aproveitar ao máximo minha experiência discente neste período.

E por fim, a Universidade Federal de Alfenas por me propiciar um ensino público e de qualidade.

"O grande ator político comanda o real através do imaginário"

(BALANDIER, 1982)

RESUMO

A presente dissertação tem como tema a construção e legitimação do poder imperial através da propaganda utilizada pela numária romana. Baseada em uma análise das moedas cunhadas no principado de Galba, buscamos analisar aquelas que obtinham mensagens relativas às virtudes, à *Hispania* e *Roma Renasc* e o vínculo destas escritas com a construção da imagem pública do *princeps*. Pois acreditamos que Galba introduziu um novo meio de sua legitimação ao poder, criando uma propaganda que o torna apto a governar. Assim, levando-nos a concluir que Galba utilizava de uma estratégia distinta de consolidação do seu poder comparada à dinastia que governava anteriormente. Logo, compreendido o processo de montagem da representação de Galba, podemos então conhecer as expectativas que ele tinha sobre ser o imperador romano, pós Nero, em seu imaginário.

Palavras-chaves: Galba, poder, numismática e propaganda.

ABSTRACT

This dissertation aims to approach the building and legitimisation of imperial authority through the propaganda that was employed by the Roman numismatics. Based upon an analysis of the coins minted during the principality of Galba, we have sought to examine those that carried messages regarding the virtues of *Hispania* and *Roma Renasc* and the link between these prints with the construction of the public image of the *princeps*. Because we believe that Galba inserted a new way of validating his power creating a propaganda that misled the people into thinking he was able to rule. Thus, leading us to conclude that Galba used a differing strategy of consolidating his power, in contrast to the dynasty that governed previously. Thereby, upon understanding the process of development of Galba's depiction, we can get to know the expectations he had in mind on what was necessary to be the Roman emperor post-Nero.

Keywords: Galba, power, numismatics and propaganda.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 55.....	72
Imagem 2 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 10	88
Imagem 3 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 11.....	89
Imagem 4 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 23	89
Imagem 5 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 39.....	90
Imagem 6 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 442	90
Imagem 7 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 221.....	92
Imagem 8 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 30.....	92
Imagem 9 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 93.....	92
Imagem 10 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 281	93
Imagem 11 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 380	94
Imagem 12 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 491	95
Imagem 13 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 28	99
Imagem 14 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 160	100
Imagem 15 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 19.....	105
Imagem 16 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 20.....	105
Imagem 17 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 18	106
Imagem 18 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 1.....	107
Imagem 19 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Civil War 135	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Moedas cunhadas no principado de Galba.....	15
Gráfico 2 - Moedas cunhadas em Roma e <i>Hispania</i>	81
Gráfico 3 - Moedas cunhadas na <i>Hispania</i>	81
Gráfico 4 - <i>Moedas cunhadas em Roma</i>	82
Gráfico 5 - <i>Virtudes cunhadas na Hispania e Roma</i>	87
Gráfico 6 - <i>Moedas Roma Renasc</i> cunhadas em <i>Roma e na Hispania</i>	98
Gráfico 7 - Moedas com o cunho da imagem da Hispania	101
Gráfico 8 - Moedas com o cunho da imagem da Hispania em Roma	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Virtudes cunhadas em Roma e na Hispania.....	87
Tabela 2 - Virtudes cunhadas em Roma e na Hispania.....	103

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - AS FACES DO PODER EM ROMA.....	20
2.1 O curto principado de Galba.....	21
2.1.1 Galba nas Fontes escritas.....	24
2.2 O Poder Imperial	26
2.3 O reverso do poder: as relações interpessoais	38
2.4 O anverso do poder: a propaganda do poder	45
3 - NUMISMÁTICA: QUESTÕES GERAIS.....	51
3.1 Numismática: do colecionismo a ciência	55
3.2 A história da moeda	61
3.3 As moedas de Galba	68
4 - NUMÁRIA DE GALBA: TIPO E ANÁLISE DAS CUNHAGENS.....	79
4.1 As virtudes de Galba.....	83
4.1.1 As virtudes nas moedas da Hispania e de Roma	86
4.2 Roma Renasc	96
4.2.1 As moedas Roma Renasc.....	98
4.3 Hispania	100
4.3.1 A <i>Hispania</i> nas moedas	102
5 - GALBA VAI À ESCOLA.....	109
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	125

1 - INTRODUÇÃO

As moedas que carregamos todos os dias são recheadas de informações, apesar de darmos pouca atenção a elas. Seja pelo seu baixo valor monetário ou por falta de costume em observá-las. Na História, quando as moedas são utilizadas como fonte, é possível interrogar vários elementos culturais de uma sociedade através de representações que versam sobre religião, política, poder, guerras, grandes "heróis" e eventos. No mundo antigo, as moedas serviram como um meio eficaz, por conta de sua grande circulação, de propaganda oficial.

Na Roma Antiga, a cunhagem de moedas, do séc. IV a.C até o II a.C, é marcada pela influência grega, cujos deuses e símbolos, ligados a práticas religiosas, são representados. Após 136 a.C, o conselho da casa da Moeda começa a utilizar, no anverso e no reverso das moedas, símbolos que visam valorizar as famílias dos magistrados responsáveis pela cunhagem das moedas romanas. Utilizam-se das moedas como forma de autopromoção (MANCINI, 2015, p. 94). No império, esta prática também é difundida, as moedas buscam destacar o imperador e membros de sua família, suas virtudes são utilizadas para conseguir a graça de um magistrado provincial ou do imperador ou valorizar identidades regionais (MANCINI, 2015, p. 102).

Assim é que buscamos, através da numismática, analisar elementos de legitimação do poder nas moedas do imperador romano Galba. O principado de Augusto (27 a.C a 14 d.C) marcou a transição da República ao Império e, conseqüentemente, a sua consolidação, visto que houve uma transição na forma de poder em Roma - de uma oligarquia aristocrática, que comandava o Estado nos fins da República Romana, para o poder centralizado na figura do *princeps*, com o advento do Império, ou seja, a transição de uma forma de poder pluralista para um poder centralizado. Neste contexto, fundaram-se novas práticas políticas nas quais estrutura-se o poder.

Nesta perspectiva, Renata Venturini propõe que a legitimação do Império ocorre através da acumulação de títulos por Augusto, através dos quais obtém total comando na área militar, política, religiosa e civil, prática esta que se perpetuará no império. Na sociedade romana, apesar de o imperador centralizar o poder nele, as instituições que permanecem no antigo modelo republicano, como o Senado, o Exército, províncias, entre outras, possuem fontes próprias de poder e são extremamente atuantes durante todo o Império, fato que é destacado por Jeremy Peterson, ao afirmar que o imperador precisa ser legitimado pelo Senado e pelas tropas, o Exército (PETERSON, 2007, p. 122).

O imperador é um membro da aristocracia senatorial e, através do Senado são legitimados e acumulados signos de poder sobre a sua figura, o que ajudava, ou não, em sua governabilidade. O imperador pode promover o acesso de um indivíduo a diversos tipos de benefícios, tais como cargos militares, consulados, governos de províncias, concessões de cidadania, perdão por algum crime, por exemplo.

Da ascensão de Augusto até a morte de Nero, todos os imperadores foram ungidos dentro de Roma e eram pertencentes a uma mesma linhagem familiar, a *gens* Júlio-Claudiana. Mesmo com a morte trágica dos antecessores de Nero, havia uma lógica sucessória que era reforçada através de uma propaganda imperial. Esta propaganda ocorria através de estátuas, obras públicas, textos, pinturas, celebrações públicas e cunhagem de moedas.

Nero, além de não deixar descendentes, eliminou a mãe, o irmão adotivo, duas de suas mulheres e diversas pessoas ilustres de Roma. E, antes de morrer, é decretado inimigo público de Roma, sendo perseguido até seu suicídio, o que ocasionou as guerras civis de 68 e 69. Este período é pouco abordado pela historiografia. Neste contexto, buscamos abordar a construção da imagem de Galba perante o império Romano através da numismática, acreditando que a análise de moedas cunhadas na época de seu governo é essencial para compreendermos os mecanismos de difusão da legitimação do poder e a construção da figura do imperador.

Hekster destaca que períodos de transição política são interessantes para analisar as formas de construção de imagens entre os imperadores romanos, principalmente nas cunhagens de moedas. Neste caso a guerra civil de 68-9 é um campo de investigação formidável. Hekster destaca que as moedas refletem, nestes contextos, mensagens para fortalecer bases do poder (HEKSTER, 2003, p. 27).

No ano de 68, Roma conhece seu novo imperador aclamado por suas tropas na *Hispania*: Sêrvio Sulpício Galba. Sua trajetória rumo ao cargo de imperador começa ao dar apoio à Revolta de Vindex, na Gália. Ele aparece como um forte candidato a se tornar imperador, principalmente após Nero ser decretado inimigo público. Galba faz parte de uma importante linhagem romana, possui uma carreira política recheada de homenagens e títulos e possui excelentes qualidades administrativas e militares, segundo algumas fontes escritas (Tácito, Suetônio e Plutarco).

Galba governou Roma em um período conturbado. A crise econômica vivida pelo Império, principalmente pelos gastos excessivos de Nero para a reconstrução de Roma, após o incêndio de 64 e a construção da *domus aurea*. Ele teve que reduzir os custos do império para tentar resolver a crise econômica romana. Porém, a sua postura política foi vista como um vício por Suetônio, por exemplo, pois gerou um certo grau de descontentamento entre vários

segmentos da sociedade, principalmente, dentro do exército (RABANAL ALLONSO, 1997, p. 184).

Outra característica que se inicia no governo de Galba, e que será cada vez mais comum nos sucessores ao título de imperador, é o apoio das elites provinciais e das legiões na escolha do imperador, devendo ele dar espaços e apoio às províncias ou dar brecha a contestações e gerar concorrentes a seu cargo.

O surgimento e o fortalecimento de grupos políticos de cunho regional que desejavam a autonomia com relação ao poder imperial centralizador. Muitas vezes alijadas das decisões políticas tomadas na corte imperial, as aristocracias senatoriais dispersas pelos territórios imperiais ofereciam o seu apoio à elevação do chefe militar romano na região que, a partir de então, passava a ser um concorrente do *Imperator Legitimus*. (FRIGUETTO, 2004, p. 42)

Galba chegou ao poder com setenta anos. Uma idade avançada no mundo antigo, e a escolha do seu herdeiro era muito concorrida entre seus apoiadores. A escolha de seu herdeiro político foi, inclusive, um dos motivos da sua morte, devido às conjecturas políticas que o levaram ao poder. Tanto é que as muitas divergências entre seus apoiadores acarretaram uma conspiração que levou à morte de Galba e à ascensão de Otho como imperador

Manuel Abílio Rabanal Alonso chama atenção para o fato de que a mesma elite que Nero perseguiu durante o seu governo buscou legitimar Galba como uma maneira de se salvar e, junto, o império (RABANAL ALLONSO, 1997, p. 189).

Como foi apresentado acima, Galba foi aclamado imperador por suas tropas na província da Hispânia, apoiado pelas elites locais e pelo Senado. Porém, para governar é necessário agradar vários segmentos sociais, senadores, militares, povo, equestres, provincianos. Isto ocorria com medidas diretas a estes segmentos e através de uma propaganda oficial de governo através de monumentos, espetáculos, cultos. Nós buscamos analisar um destes meios de propaganda e poder que o imperador utilizava: as moedas. Através delas, buscamos compreender e analisar como Galba as utiliza para apresentar-se a todo o império, bem como ele exercia seu poder e propaganda de suas realizações e virtudes.

Isto nos leva a algumas perguntas tais como:

A representação numismática é utilizada na propaganda, consolidação e legitimação do poder imperial no principado de Galba? Como Galba se legitima no poder durante o Alto Império Romano? Como Galba utiliza da numismática como forma de legitimação e propaganda de seu poder?

Ao buscar respostas para estas perguntas, buscamos, por meio desta dissertação, analisar a representação numismática como forma de propaganda para consolidação e

legitimação do poder imperial no principado de Galba. Esta discussão ocorrerá através da análise dos símbolos nas moedas cunhadas neste principado na propaganda de seu poder, buscando compreender quais valores Galba apresentou para Roma através das moedas cunhadas em seu principado.

O período das guerras civis de 68-69 é abordado na historiografia pautada, principalmente, em fontes escritas que relatam este período e chegaram aos nossos dias, tais como: Histórias, Tácito, Vida dos Doze Césares, Suetônio, A vida de Galba e Oto, Plutarco e a História de Roma, de Dion Cassio. Fontes estas escritas, em sua maioria, no século II, que apresentam estilos literários e pontos de vista distintos sobre os eventos narrados. Neste ínterim, nossa pesquisa visa contribuir com estas discussões ao se nortear através da utilização de fontes materiais, moedas cunhadas no principado de Galba. (MORGAN, 2006, p. 3-4)

A utilização da numismática nos permite interrogar diversos aspectos da sociedade romana, tais como: religião, política, poder, guerras, províncias, entre outras. E acreditamos que a análise de moedas cunhadas na época do governo de Galba é relevante para compreendermos os mecanismos de difusão da legitimação do poder, bem como a construção da figura do *imperador*, pois “a moeda acessível a todos os extratos sociais, e circulando em todo o vasto território do Império, permitia identificar um indivíduo concreto, com características físicas muito personalizadas, como senhor absoluto, divino e com poderes ilimitados.” (SOUSA, 2012, p. 1). Porém, qual imagem Galba busca construir?

Nossa dissertação busca, primeiro, propor uma revisão crítica da produção historiográfica sobre as formas de legitimação do poder durante o principado romano. Buscamos, por fim, analisar elementos retóricos e imagéticos utilizados nas representações numismáticas no período acima citado. Ao abordar algumas destas lacunas, problematizar como o imperador conseguia se legitimar fora de Roma e qual a atuação das províncias romanas neste processo em um período tão conturbado. Analisaremos, desta forma, aspectos do poder e integração da Península Ibérica no contexto das Guerras Civis de 68-9.

Utilizaremos como fonte nesta pesquisa moedas romanas cunhadas no principado de Galba. Neste principado, foram cunhadas moedas na Hispania, Roma, Gália e Cartago. Destas, analisaremos as moedas cunhadas na *Hispania* e em Roma. O motivo da escolha destas localidades se deu em razão da linha do mestrado do qual fazemos parte, que é um mestrado em História Ibérica. Porém analisar apenas as moedas cunhadas na *Hispania* pode não ajudar a compreender como a numismática pode ser utilizada para compreendermos a construção e legitimação do poder. Como forma de contraponto achamos interessante analisar também as moedas cunhadas em Roma. Outro motivo que levou à escolha destas duas

localidades é que a maioria das moedas deste período sai destes locais, como podemos observar no gráfico abaixo.

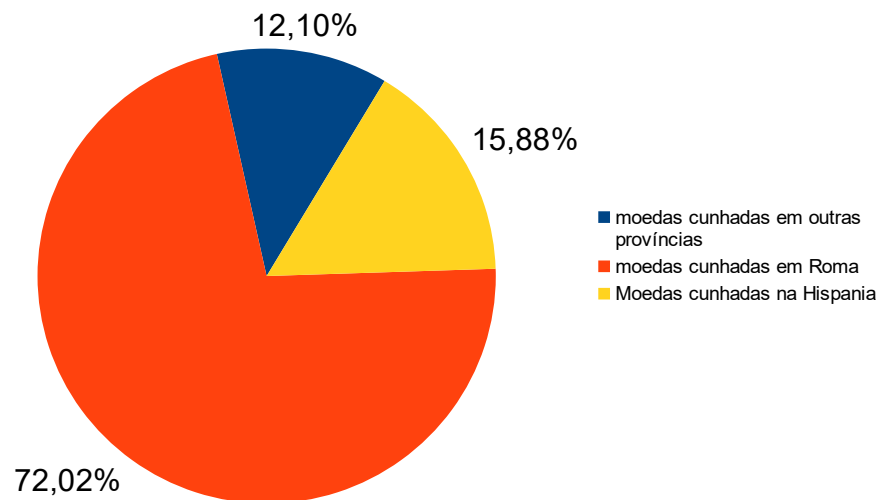


Gráfico 1: Moedas cunhadas no principado de Galba

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba>. Acessado em 20 de jun. de 2017

Este gráfico buscou retratar o número de diferentes moedas cunhadas em seu principado. Vale destacar que a tiragem destas moedas não é desconhecida, mas a sua quantificação nos oferece indícios sobre a sua relevância nas duas regiões no mundo romano em que Galba governa.

Nestas moedas, buscamos analisar a propaganda do poder imperial. Para tal, nos centramos em três grupos de moedas: as que tangem às virtudes, as que representam a *Hispania* e as que cunharam Roma Renascida. Através delas, exploraremos como Galba constrói sua imagem pública e sua relevância na legitimação de seu poder.

As moedas que utilizaremos estão catalogadas e o acesso a elas é relativamente fácil, tanto de maneira digital quanto de maneira física indireta, através de catálogos feitos com viés acadêmico. Nossa fonte encontra-se digitalizada no Online Coins Roman Empire, OCRE, forum ancient coins e na wildwinds. Optamos por estes sites por seus catálogos serem resultado do trabalho de diversas instituições americanas de estudo em Roma Antiga e por seguirem o padrão de referência utilizado no Roman Imperial Coin, ou RIC. O RIC é um renomado catálogo organizado pelo museu britânico sobre moedas romanas. Será utilizado o primeiro volume, que trata das moedas cunhadas de Augusto a Vespasiano além dos sites citados acima. Segundo o RIC, foram cunhadas 521 moedas no principado de Galba. Porém, vale ressaltar que neste catálogo uma mesma moeda é referenciada mais de uma vez, devido à

utilização do mesmo molde em moedas de valores monetários distintos e por causa de pequenas variações de cunhagem das moedas. Percebemos, assim, que as variações entre verso e reverso não chegam a cinquenta tipos de anverso e reverso.

Para o levantamento de dados, confecção de tabelas e gráficos, utilizaremos exclusivamente o OCRE. O motivo desta escolha são as ferramentas de busca que este site oferece, por ele ser dedicado à pesquisas acadêmicas e pelo fato de que a utilização de mais de um banco de dados poderia apresentar problemas na tabulação de nossos resultados. Os outros sites também foram de suma importância pela qualidade das digitalizações e pelo suporte de dicionários que oferecem.

No que tange ao modelo teórico, ele será refinado a partir da leitura e análise da bibliografia que aborda os seguintes temas: numismática; propaganda e poder.

No estudo numismático, as moedas podem ser analisadas buscando apenas classificá-las em um sentido mais técnico (peso, material, local de cunhagem). Porém, as utilizaremos buscando compreendê-las através de um perfil histórico e descritivo em que são analisadas como símbolos e são cunhadas com um objetivo específico do emissor para seu receptor. Assim, a moeda é analisada como objeto de propaganda oficial do governante, na qual conseguimos ler, em seu anverso, a imagem do imperador e seus títulos e em seu reverso informações mais específicas ou genéricas de Roma, na antiguidade. (FUNARI, CARLAN, 2011, p. 27). A leitura dos aversos nos dá indícios sobre quando as moedas foram cunhadas, devido aos títulos que circulam o busto do imperador. Porém, privilegiaremos os reversos em nossa análise, pelas mensagens que elas nos transmitem e pelos grupos de moedas com as quais trabalharemos se aparecerem em seu reverso.

Na leitura do reverso e anverso de uma moeda romana, um romano consegue identificar o governante, mensagens sobre a administração do império, notícias sobre conquistas ou resolução de algum conflito, ele sendo alfabetizado ou não. As moedas seguem um padrão de cunhagem que facilita a identificação do receptor, por possuir códigos escritos e imagéticos.

Quando pensamos em propaganda como forma de difusão e legitimação do poder imperial, nos nortearmos pela discussão proposta por Ana Tereza Marques Gonçalves em seu livro *"A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos: O caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala"*, no qual afirma que a "propaganda, isto é, o conjunto de símbolos, ideias e imagens que era divulgado no território imperial, mediante a utilização de vários suportes, formando seu conjunto a imagética imperial" (GONÇALVES, 2013, p. 7). Dentre estes vários suportes nos limitaremos ao numismático.

A moeda como elemento de propaganda e poder imperial romano busca legitimar o poder de maneira simbólica. Segundo Carlos Augusto Ribeiro Machado, em “*Entre o homem e Deus: o ritual de apoteose imperial na Roma Antiga*” o governante se legitima ao consolidar o culto imperial, isto ocorre, ao acumular títulos sobre o imperador e ao torná-los públicos. Estes títulos apareceram nas moedas, o que nos ajuda a compreender a evolução da propaganda na legitimidade do poder imperial.

Já sobre o conceito de poder, não será utilizado como luta entre opressor e oprimido, e sim como uma luta constante que se dá através das relações interpessoais e desempenha um papel importante na manipulação de memórias e construção de imagens. (FUNARI, CARLAN, 2011, p. 25). Estas relações interpessoais criam grupos que buscam legitimidade e acesso perante o imperador. E estes grupos, por sua vez, ajudam tanto na ascensão do imperador quanto na sua governabilidade.

Richard Saller, em seu livro “*Personal Patronage in the Early Empire*” (1982), traz grandes contribuições para a análise das formas de poder e dinâmica social na Roma imperial. Em vez de uma análise focada nos aspectos jurídicos e estatutários, acentua aspectos informais de poder através de conceitos como patronato, amizade e benefício. O imperador é um ponto chave neste tipo de análise, pois é o maior detentor de benefícios e o maior patrono. A sociedade romana, durante o Principado, poderia ser compreendida e estudada através destes conceitos, enfatizando-se as relações interpessoais. Porém, como estudos mais contemporâneos vêm indicando, estas relações dever ser associadas à propaganda do poder e como se articula a grandes instituições romanas.

Desta forma, o estudo das representações numismáticas pode trazer grandes benefícios. Nelas, percebemos um importante elemento para tornar-se público o apoio que o imperador recebe através destas relações interpessoais, dando prestígio a estes grupos e para passar a mensagem de que buscam construir credibilidade e estabilidade ao governante.

Porém, este mestrado, por ser profissional, requer que toda a discussão elaborada em nossa pesquisa rompa os muros da Universidade e a poeira da biblioteca e seja utilizada não apenas entre especialistas. Nosso projeto visa chegar às salas de aula de sexto ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio, caso continue existindo a disciplina de História no currículo escolar nos três anos do ensino médio. Este não é o único desafio de nossa dissertação, no que tange à sua aplicação no ambiente escolar. Ela deve ainda se utilizar, ainda, de um suporte tecnológico.

Nossa hipótese é que ocorreu uma transformação do modo de construção da imagem imperial e de elementos que legitimam o *princeps*, com Galba em relação à dinastia Júlio-

Claudiana, e que será utilizada pelos futuros imperadores. Nos governos de Tibério a Nero percebemos, uma propaganda política que buscava ligá-los a Augusto e, a partir deste elo, legitimar o seu governo. Com Galba, se busca a consolidação do poder através da agregação de diversos elementos que o tornam apto a governar.

Esta pesquisa se justifica principalmente por três fatores: o de percebermos uma lacuna em trabalhos nacionais que abordam tanto as guerras civis quanto o principado de Galba; o baixo número de pesquisas que abordam Roma e utilizam como fonte a análise pautada em moedas e, por este tema, a construção da representação do poder como forma de legitimidade. Por fim, a importância de compreendermos como ocorre a construção da imagem pública e a sua importância na legitimidade ou não para o governante, bem como isso influencia a população. Tema que acreditamos ser importante quando pensamos na Roma Antiga ou quando pensamos no Brasil atual.

Nossa dissertação se estrutura em introdução, quatro capítulos e conclusão onde, no capítulo um, faremos uma apresentação de nosso recorte temporal, o império de Galba. Discutiremos sua representação através de fontes escritas que chegaram aos nossos dias e pela historiografia que retrata este imperador. Esta apresentação é importante para que faça sentido e nos ajude a contextualizar a análise das moedas cunhadas sob seu governo posteriormente, no capítulo três. Discutiremos questões relativas à historiografia sobre a construção do poder imperial romano. Primeiramente, contemplaremos as mudanças do período republicano para o imperial. Posteriormente, discutiremos as formas com as quais o imperador conseguia se legitimar em tal posição. Para isso, abordaremos as relações interpessoais no império romano. Porém, apenas este aspecto não nos dá ferramentas para compreendermos o nosso problema. Por isso, discutiremos a importância da construção da imagem do imperador através de elementos simbólicos. Estas duas perspectivas se complementam e são essenciais para que possamos compreender como um imperador chega ao poder e consegue governar.

No capítulo dois, abordaremos nossa fonte principal: as moedas cunhadas sob o domínio do imperador Galba. Primeiramente, faremos um breve balanço historiográfico sobre a numismática e suas possibilidades de utilização em pesquisas históricas. Buscamos dar um panorama da moeda como fonte e a evolução dos estudos numismáticos. Abordaremos, também, a utilização e a historiografia da moeda na Antiguidade Clássica. Daremos ênfase às moedas gregas e romanas, no tocante ao que é representado nelas, sua utilização no mundo antigo e discussões afins. Abordaremos as moedas cunhadas no breve império de Galba: locais de cunhagem, valores e símbolos utilizados, conservação das moedas e como chegaram aos nossos dias.

Assim, uniremos discussões propostas nos dois primeiros capítulos ao analisar as representações simbólicas do poder utilizadas nas moedas cunhadas pelo imperador Galba. Dentre todas as moedas, nos restringiremos a analisar as cunhadas na Hispania e em Roma. O objetivo desta opção é acentuar permanências e rupturas que o imperador faz ao ser representado. Normalmente, em moedas provinciais valores locais são ressaltados, ao passo que em moedas cunhadas em Roma se busca destacar valores romanos. Desta forma, pretendemos comparar como é proposta a visibilidade da manutenção, legitimação e propaganda do poder durante o governo de Galba no império romano.

No quarto capítulo, será apresentado nosso objeto pedagógico. Buscamos permitir que a discussão elaborada nos capítulos anteriores chegue a um outro espaço. Neste capítulo, serão discutidas questões relevantes sobre a importância da utilização de objetos pedagógicos em sala de aula. Apresentaremos uma WebQuest, que é nosso objeto pedagógico e como ele foi desenvolvido. Constará também uma sugestão de utilização de nosso objeto de aprendizagem pelo professor.

Boa leitura!

2 - AS FACES DO PODER EM ROMA

A Guerra Civil ocorrida entre 68 e 69, período conhecido como o ano dos quatro imperadores, é um período conturbado da história romana. Ela se inicia em 68 com a morte de Nero e termina com a ascensão de Vespasiano. Destaca-se a atuação do exército na aclamação de 3 dos quatro imperadores deste período.

Os anos de 68 e 69 são importantes no estudo do Império romano por marcarem a transição da primeira para segunda dinastia imperial, que ocorre em meio a uma grande guerra civil. O exército, portanto, foi um elemento fundamental na legitimação dos imperadores que "governaram" Roma nesta transição tão conturbada e, ao mesmo tempo, reafirmou a estrutura imperial vigente, com apoio do Senado. (WELLESLEY, 2000, p. 2)

Galba é declarado imperador em junho de 68 e assassinado em janeiro de 69. Apesar de governar Roma por apenas seis meses, ele nos apresenta algumas questões relevantes: após a morte de Nero, uma tradição sucessória que ligava de maneira hereditária a Augusto é quebrada e outras pessoas buscam se legitimar como imperador. Assim, buscamos entender e analisar a legitimação de Galba.

As principais fontes escritas ao se abordar as Guerras Civis de 68-9 são as *Histórias* de Tácito, *A vidas de Nero, Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano*, de Suetônio e as *Vidas Paralelas: Galba e Oto* de Plutarco. Muito da produção historiográfica sobre as Guerras Civis ou sobre um de seus imperadores é baseada em uma destas três obras ou na leitura de todas. A abordagem destes documentos, principalmente, pode ocorrer de duas maneiras: uma de cunho Literário, na qual se busca compreender a construção da imagem de algum imperador com base nas fontes, através da construção do discurso e utilização da retórica. A outra, de cunho histórico, busca o cruzamento destas fontes com outras tipologias documentais.

Morgan na introdução de seu livro de 2006, *The year of four emperors*, destaca também o baixo número de obras dedicadas a este tema, Guerras Civis de 68-9, principalmente em língua inglesa, no século XX. Destacamos que em língua portuguesa o número é mais escasso ainda. As poucas obras que se dedicam à abordagem dos imperadores deste período de transição entre os Júlio-Cláudio e os Flávios diz respeito a Suetônio e quando analisam a *Vida dos Doze Cesares* como um todo.

Dentre as produções historiográficas em língua Inglesa que analisam o tema, Morgan destaca a obras de Bernard W. Henderson, *Civil War and Rebellion in the Roman Empire* de

1908, na qual busca analisar as fontes que tratam sobre o período através de uma perspectiva militar (MORGAN, 2006, p. 2). Outra obra relevante sobre o período aparecerá mais de 60 anos depois.

A lacuna sobre este tema durará até a década de 70 do século XX, quando P.A.L. Greenhalgh escreveu *The Year of Four Emperors*. Obra esta que, segundo Morgan, utilizou principalmente Tácito como fonte principal. Porém, não trouxe muitas contribuições sobre o estudo deste período (MORGAN, 2006, p. 2). Outra obra da década de 70 foi a de Kenneth Wellesley, *The Long Year*. Neste livro, segundo Morgan, também se utiliza as Histórias como fonte principal. Porém, de maneira mais crítica que Greenhalgh e por desconfiar da versão proposta por Tácito sobre os acontecimentos dos anos de 68 e 69, em razão da leitura de outras fontes. (MORGAN, 2006, p. 3)

Nós analisaremos Galba, nesta dissertação, o primeiro dos quatro imperadores a governar entre os anos de 68 e 69.

Galba sobreviveu em sua carreira pública a quatro imperadores da dinastia Júlio-Claudio. Em um período de constantes assassinatos, conspirações e golpes, isto pode ser considerado um feito. Ao possuir relativo destaque político e social, mesmo com período de afastamento da vida pública, em Claudio, e de semiexílio ao governar a Hispania, ele consegue angariar apoio e se tornar alguém viável a se tornar imperador? Sim. Mas quem era ele?

2.1 O CURTO PRINCIPADO DE GALBA

Servius Sulpicius Galba é membro de uma influente família romana. Sua linhagem através dos Sulpicius é de uma família antiga e influente desde a República. Os Galba remetem sua origem às guerras de Hanibal. Ambos os lados possuíam membros de distinção e outros que não cabe nem menção. Seu pai, apesar de assumir um consulado em 5 a.C é distinto por ser um bom advogado e por ser corcunda. Em meio a diversos casamentos, os Sulpici Galba se ligam a pessoas importantes de Roma, mas perdem prestígio entre as elites. Galba destaca dois momentos de Grandeza de sua família em tempos recentes: o relacionamento de sua mãe com Catulo, proeminente político no fim da República e Livia Ocelina, segunda mulher de seu pai, que o adota e lhe deixa considerável herança. (MORGAN, 2006, p. 31).

Galba nasceu em 24 de dezembro de 3 ou 5 a.C. Casa-se em 20 d.C. com Aemilia Lepida, de família mais ilustre que a sua. Tem dois filhos, porém, no principado de Claudio, ambas as crianças e sua esposa morrem. E nunca mais se casa. (MORGAN, 2006, p. 32).

Sua carreira política ocorreu durante o Governo de Tibério. Durante o governo de Calígula assume o comando de tropas na Germania, em 39 d.C. No governo de Cláudio, ele intervém em conflitos nas províncias senatoriais no Norte da África, em 44 ou 45. Se torna, assim, governador da África romana por dois anos. Neste período na África ele consegue relativo sucesso, o que lhe garante homenagens em Roma. Quando Cláudio se casa com Agripina, aparentemente cai no ostracismo, devido às desavenças com ela. (MORGAN, 2006, p. 32-5).

Entre 59 e 60, no governo de Nero, assume o governo da *Hispania*. Governará até 68, quando é aclamado imperador por suas tropas. Galba parece bem articulado com as elites locais e recebe bastante apoio. O fato de estar afastado do centro do império é importante, pois assim ele consegue criar redes de relações interpessoais que não estão articuladas diretamente com o imperador. Podemos destacar a realização de alianças com algumas figuras importantes tais como: os três pedagogos, figuras de grande influência sobre Gaba: o senador Titus Vinius, que em 68 comanda a *VI Victrix* e estava em Terracose, Cornelius Laco, cavaleiro equestre que após Galba assumir o império será chefe da guarda pretoriana e Icelus, um liberto de Galba. Além dos três, podemos destacar Aulus Caecina Alienus, questor da província de Bética, administrador do dinheiro público da província.

Oto, governador da Lusitânia, membro de família ilustre em Roma, fazia parte da *aula* neroniana até ganhar o "exílio" de Nero em 58, ao governar a Lusitânia. Este exílio, segundo as fontes, ocorreu em decorrência de um triângulo amoroso envolvendo Pompeia, sua esposa e futura esposa de Nero. Quando Galba entra na Revolta de Vindex, Oto dá apoio financeiro e político a ele. Notamos que Galba parece bem articulado com as elites locais das quais recebe bastante apoio. Pois então, como se fabrica um imperador fora de Roma? Com apoio de elites locais, "figurões" de Roma que estavam no ostracismo, sedentos pela volta ao centro do poder e a oportunidade gerada pelo descontentamento que alguns segmentos sociais possuíam com o governo de Nero. (MORGAN, 2006, p. 36 - 40)

Em Roma, recebe apoio inesperado, como o de Nifidio, prefeito pretoriano junto com Tingelino. O apoio a Galba pode ser analisado como uma forma de se salvar de retaliações por ser próximo a Nero. Apesar de Nifidio dar apoio ao sucessor de Nero, este o recebe com cuidado (MORGAN, 2006, p. 39 - 41). Este apoio é gestado em Roma.

Em junho de 68 Galba parte da Hispania para Gália escoltado pela VII legião, *Galbiana*, depois ele marcha para Roma. Em agosto, recebe apoio de vários senadores romanos e com apoio do Senado, é reconhecido como imperador quando chega em Roma. Ele não é unanimidade, mas consegue apoio de diversas províncias. Quando começa a governar, começa a retribuir o apoio recebido e castigar seus opositores, Tribos que o apoiaram na Revolta de Vindex são recompensadas com territórios e outras vantagens.

Os opositores, muitos na Alta Germania, apoiadores de Nero em Roma ou nas províncias, principalmente os que agiam diretamente contra Galba e lutaram contra a revolta de Vindex ficam receosos por punições. Assim, ele enfrentará grande resistência em algumas regiões, destacando-se a Germania, que, após derrotarem-no em Vindex, contestam sua legitimidade como imperador. (MORGAN, 2006, p. 42 - 4)

As tropas alocadas em regiões onde não havia muito contato com as cidades tendem a ser mais autônomas, a vida em acampamentos militares faz com que tenham opiniões distintas de tropas que ficavam nas cidades. No caso da Germania, havia diversas tropas nos campos, o que nos ajuda a entender o motivo de irem contra o novo imperador e demorarem para ter uma percepção do que era o novo regime. Outro fator é a interferência de Galba no comando destas tropas, ocasionado por retaliação política, o que cria uma imagem negativa destas tropas em relação a Galba. Ao assumir o governo imperial e propor mudanças ele desagradará diversos setores. Morgan cita três motivos que contribuiram para o descontentamento com a figura de Galba: punições exemplares, sua fixação no cumprimento das leis e a selvageria. (MORGAN, 2005, p. 53 - 4)

As punições exemplares podem funcionar dentro do Exército ou em momentos específicos, mas a longo prazo elas trazem uma imagem negativa a quem as aplica e tendem a perder efeito. O imperador as utilizando não é diferente. Segundo porque Galba era um legalista, e, na tentativa de criação e aplicação severa das leis gera descontentamento. Terceiro, sendo uma consequência das duas primeiras, é a selvageria em levar as leis ao pé da letra e aplicar punições exemplares, o que leva Augusto ao poder, principalmente em um contexto de mudança de governo sem precedentes em quase um século, desde o fim da guerra civil (MORGAN, 2006, 44-6). Pois as sucessões anteriores ocorreram de maneira quase tranquila e esta ruptura sucessória pode ser um tanto traumática politicamente para quem a vive.

Podemos perceber diversos problemas no começo do seu governo no âmbito político. Por ser velho e não ter filhos, muitos se achavam dignos de serem adotados por ele e serem seu sucessor. O problema é que ao escolher um, vários grupos ficam de fora e descontentes.

Inclusive, este será, talvez, o principal motivo de sua morte. Outro motivo diz respeito à austeridade tanto econômica quanto moral. Muitos custos e gastos foram cortados em uma época posterior a um governante que foi caracterizado pelo gasto e luxúria, o governo de Nero. (MORGAN, 2006, p. 51-54)

Galba não tinha herdeiros e, por ter assumido o governo do Império, havia uma curiosidade sobre quem ele adoraria e construiria como seu sucessor. Ele demorou cerca de seis meses após ter tomado posse para anunciar sua decisão (MORGAN, 2006, p. 57). Porém, neste período, Morgan destaca disputas para ser o escolhido. A inserção do nome do escolhido, além de agradar o imperador, devia agradar seus "pedagogos" (MORGAN, 2006, p. 57). Neste contexto, uma figura que parecia o sucessor ideal é Oto. Ele era novo, senador, solteiro, havia feito uma boa administração na Lusitânia e deu apoio a Galba desde a Revolta de Vindex. Mas Oto não agradava pessoas que tinham influência sobre o imperador, Laco e Icelus (MORGAN, 2006, p. 58). O escolhido a filho adotivo e sucessor do imperador foi um proeminente jovem de família ilustre que remete ao Triumviratum de Cesar. Este jovem é Pisão, *Lucius Calpurnius Piso Licinianus*. Ele estava em exílio durante o governo de Nero e não tinha uma vida pública muito longa. (MORGAN, 2006, p. 59). Mas por que Galba o escolheu? Uma hipótese para esta escolha é sua ascendência e por ter sido exilado por Nero. Ele busca alguém com predicados para poder construir sua sucessão. A linhagem é um mecanismo importante para a legitimação do imperador e aceitação de seu sucessor.

Pisão seria uma figura importante por gozar de muitas virtudes e que não abusaria do poder (MORGAN, 2006, p. 60). Porém, isto não agradou a Oto. Ele havia investido muitos recursos para apoiar Galba e ser adotado por ele (MORGAN, 2006, p. 63). A não escolha de Oto culminará em uma conspiração na qual Galba será morto e Oto aclamado imperador. A estratégia foi jogar a população de Roma contra Galba, utilizar de sua influência para ajudar a "fritá-lo" politicamente (MORGAN, 2006, p. 69).

Galba é morto no fórum, os concorrentes de Oto pelo poder também são mortos. E Oto assume como imperador (MORGAN, 2006, p. 69).

2.1.1 Galba nas Fontes escritas

Conforme dito anteriormente, ao discutirmos sobre Galba podemos utilizar fontes escritas para tanto. Porém, devemos destacar algumas questões principalmente quando falamos de Suetônio, Plutarco e Tácito.

O conceito de História na Antiguidade e nos dias de hoje é diferente. Em função disto, destaca que esta primeira maneira de abordar as fontes se preocupa com os aspectos literários das mesmas, ressaltando seu lado ficcional. (JOLY, 2005, p. 113). Porém, esta abordagem contribui para o questionamento das fontes sobre uma ser mais confiável que a outra. Por exemplo, o caso da obra de Tácito, que teve grande receptividade ao pensamento político europeu do Renascimento até o meio do século XX. Que, segundo ele, “Cristalizou-se assim a imagem do “senador como historiador”, nos termos ainda de Syme, que deixou à sombra outros autores que frequentemente são contrastados com Tácito, como se estivessem a dever na escrita da história.” (JOLY, 2005, p. 114).

Em Tácito busca-se compreender a queda de Nero através da tensão entre diversos grupos sociais e a incapacidade de Nero em satisfazê-los. Galba, neste contexto, cai devido ao regime que busca implementar em Roma (BRANDÃO, 2010, p. 13-17).

No caso de Suetônio, que escreveu uma biografia, quando comparado com Tácito, era tido como uma obra de menor relevância. Pelo fato dos eventos narrados virem de forma desconexa, sem muitas preocupações com o viés político. Não buscando analisar a relação do *princeps* com o Senado. Mas, como acentua Joly, este contraste é devido à temática e o estilo que cada um utiliza. (JOLY, 2005, p. 114).

Plutarco segue uma linha mais próxima a Tácito do que a Suetônio, apesar de suas "Vidas Paralelas" ser uma biografia. Biografar um imperador é algo novo em Roma e interessante, visto que a figura do imperador se mistura com a figura do império. (BRANDÃO, 2010, p. 19). Porém, a diferença entre a utilização da biografia feita por Suetônio e por Plutarco é que o segundo utiliza de uma construção cronológica em suas biografias e atribui responsabilidades a outros atores além do imperador. Já Suetônio constrói sua biografia por tópicos. De maneira simples, Suetônio busca biografar seus imperadores destacando suas qualidades e seus defeitos. A estrutura de suas vidas, na qual incluímos a de Galba, é construída ressaltando seus antepassados, virtudes e vícios do imperador. Suetônio não respeita uma cronologia e, muitas vezes, omite diversos personagens, bem como atribui uma responsabilidade muito grande sobre os acontecimentos ao imperador. Mesmo a obra de Suetônio e Plutarco sendo classificadas como Biografias, elas seguem tradições e estruturas distintas. As diferenças são retratadas na forma como os fatos são narrados em ambas (BRANDÃO, 2010, p. 23 - 28).

Na visão de Morgan, a caracterização de Galba nas fontes escritas de Tácito, Suetônio e Plutarco são distintas e Galba é retratada de três maneiras diferentes: Plutarco retrata Galba como um incompreendido, porém bom. Tácito como uma pessoa sem virtudes, mas sem vícios e Suetônio de maneira negativa.

2.2 O PODER IMPERIAL

Quando estudamos Roma, normalmente aprendemos de maneira fragmentada e com fortes interrupções no âmbito político entre o período monárquico e o republicano e entre o republicano e imperial. Como ocorreu esta transição na historiografia contemporânea da passagem da República para o Império, houve uma grande ruptura entre estes dois períodos ou uma continuidade? Ou ainda, as duas coisas ocorreram de maneira simultânea?

Fábio Favarsani, no seu artigo "Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira" (2013) propõe uma discussão crítica sobre a utilização de uma periodização que aborde o estudo de Roma nestes dois períodos. Destaca-se que é comum, tanto no senso comum, quanto na historiografia, analisar a República e o Império como duas coisas incompatíveis ou pelo menos distintas.

Utilizamos como data do início do Império a vitória de Otávio sobre Marco Antônio, 31 a.C ou quando Otávio se transforma em Augusto, 27 a.C. Muitos historiadores contemporâneos tratam esta divisão de maneira brusca, como o Império sendo algo totalmente novo e independente da República e que ele acontece de uma vez.

Favarsani, busca pontuar esta discussão sobre a transição da República para o Império em duas formas: Primeiramente, como as fontes analisam esta transição e, posteriormente, como são construídas duas tradições historiográficas que buscam analisar esta transição política em Roma.

Nas fontes, Favarsani destaca que elas apresentam o Império muito mais como uma continuidade da República do que uma ruptura. Favarsani destaca que é possível ler tanto Cícero quanto Sêneca e imaginar uma República em queda e reconstrução em um período que dura quase um século (FAVERSANI, 2013, p. 103 - 104). Tanto César quanto Augusto são apenas parte deste processo e não seus precursores.

No campo da História, Favarsani destaca duas tradições historiográficas de leitura e interpretação da transição da República ao Império, que podem ser divididas em duas linhas

interpretativas distintas: uma vinculada a Teodor Mommsem e outra a Ronald Syme. (FAVERSANI, 2013, p 100 - 101)

Teodor Mommsem propõe uma análise da sociedade romana pautada em uma interpretação jurídica, na qual o imperador ganha poder e acumula vários títulos e funções de magistraturas, mas o Senado não perde poder, sendo esta instituição a que legitima o imperador. Desta forma, segundo Faversoni, ocorreria uma manutenção da estabilidade da República durante o que chamamos de império. Pois, o governo e o funcionamento da política e da sociedade estariam pautados em um aparato jurídico. (FAVERSANI, 2013, p. 101 - 102) Segundo Walter Elder, Mommsen criou o termo principado e o definiu como uma diarquia entre o princeps e o Senado com uma co-dependência entre estas duas entidades. O poder, assim, seria baseado nas leis. (ELDER, 2005, p. 16). Nesta perspectiva, o imperador possui poder, mas não é o único com poder no Estado Romano. As instituições tradicionais de Roma é que avalizam o poder do imperador e este é dependente delas para governar.

Nesta abordagem proposta por Faversoni, de uma historiografia que busca analisar a transição da República ao Império como uma continuidade, o caráter jurídico na discussão se vislumbra em um prisma pelo qual a sociedade romana é analisada, podemos destacar Walter Elder e Erich Gruen.

Walter Elder, em seu artigo *Augustus and The Power of Tradition*, ao analisar este mesmo problema, o faz por uma outra perspectiva. Ele destaca que Augusto trouxe grandes transformações a Roma, mas as conseguiu através de uma dicotomia que é expressa na indagação com a qual ele começa este artigo: Monarquia ou República? (ELDER, 2005, p.13). Este questionamento diz respeito a uma importante discussão sobre o Império Romano, pois ele adquire características monárquicas, mesmo as negando e se apresenta como uma República.

Toda esta discussão ocorre com Augusto colocando fim à guerra civil e assumindo o poder em Roma, que governa por cinquenta e sete anos. Elder destaca que apesar de Augusto não querer utilizar insígnias de distinção que o fizessem ser visto como um rei (uma toga de cor distinta, uma coroa, legitimar seu poder por ser filho adotivo de César), ele busca passar uma imagem de protetor da República. Ao acumular tantos recursos (políticos, econômicos, militares e religiosos) que o tornam muito distinto em relação a qualquer cidadão, o primeiro entre os iguais, um *princeps*. (ELDER, 2005, p. 13)

Augusto foi muito engenhoso ao buscar manter as tradições Romanas, não querer subjugar o povo, nem o Senado, e criar uma monarquia, execrada pelos romanos, dando continuidade à República, mesmo que com outra roupagem. Ele consegue fazer o "state

cannot be simply regarded as “republic” because its most powerful man does not want to look like a monarch” (ELDER, 2005, p. 15).

Porém, isto não impede que, no século II d.C., historiadores e biógrafos comecem a retratar Augusto como monarca (Plutarco e Suetônio). Tácito é mais comedido, ao ressaltar que os *princeps* era a única forma de impedir uma nova guerra civil e salvar a decadente República (ELDER, 2005, p. 15), ao buscar se legitimar no poder não através de leis, mas através de valores romanos, sendo o ponto de equilíbrio entre o poder do Senado, magistrados e o povo. Uma sustentação que ocorria através de relações interpessoais e não por leis. Posteriormente, ao longo dos séculos I e II, o poder dos *princeps* começa a se legitimar através das leis (ELDER, 2005, p. 15).

O acúmulo de poder feito por Augusto, ao mesmo tempo em que não retira poder do Senado, o mantém com atribuições específicas: atribuir honras, governadores para províncias. (ELDER, 2005, p. 24) O imperador se legitima graças ao Senado, ele pode dar os títulos, mas não sem o Senado. Isto contribui para a manutenção da ideia de República. Elder destaca alguns pilares do poder de Augusto: o cargo de Consul, tribuno do povo, que mantém a administração sobre algumas províncias consideradas estratégicas, pontifex maximus etc. Um dos fatores que Augusto soube trabalhar bem e nos ajuda a entender sua legitimação é que ele se torna o símbolo do que é ser romano, de uma espécie de "patriotismo". (ELDER, 2005, p. 30)

Erich Gruen em seu artigo, *Augustus and making of the principate*, nos oferece novos questionamentos ao abordarmos e compreendermos as transformações ocorridas no Império. Ele busca discutir como Augusto podia manter algo tão instável como a República? Na historiografia, é muito comum associar a construção do *princeps* ao acúmulo de cargos como forma de consolidar a sua legitimidade. Mas o *princeps* deveria aceitar todos os títulos a ele ofertados?

Na prática, Augusto tinha mais poder que Sula, Mario ou Júlio Cesar, ditadores da República, mesmo sem assumir o título de "*dictator*". Alguns cargos poderiam atrair uma atenção indesejada, conspirações, medo por parte dos Senadores (GRUEM, 2005, p. 35).

Gruen discute a ambiguidade do poder em Augusto. Ele desempenha um papel que não existe, pois ele não apenas acumulou vários cargos, ele os alterou. Muitos dos cargos a que fora investido não duravam para sempre e não gozavam de tantos privilégios caso fosse possuído por um magistrado comum. O principal paradoxo encontrado por Augusto era de como fazer durar o poder centralizado na figura exclusiva de um homem? Como perpetuar o

principado sem criar uma monarquia? Como passar sua autoridade adiante? (GRUEM, 2005, p. 35-36)

A consolidação do poder de Augusto e a sua manutenção não foi algo tranquilo. Foi uma disputa constante com o Senado, pois Augusto não podia se indispor com ele. Às vezes, devia recuar. Ao acumular certos poderes e privilégios, cedia alguns, na prática já não precisava mais deles. Gruen exemplifica isso com a questão do consulado, Augusto deixa de ser Consul mas possui o poder do *imperium*, para intervir onde quiser militarmente, de convocar o Senado. Ele aparentemente diminui seu poder formal (derivado de titulação), ao deixar de ser *Consul*, mas mantém sua autoridade e poder, na prática, intactos. (GRUEM, 2005, p. 37).

A estratégia utilizada para que Augusto pudesse deixar o poder de maneira hereditária, sem parecer uma monarquia era elevar, em vida, os títulos dos possíveis candidatos a sucessor, os tornando tão acumuladores de títulos que os torna uma escolha lógica na sua sucessão ou de futuros imperadores (GRUEM, 2005, p. 50). Esta estratégia será utilizada durante toda a dinastia Júlio-Claudio. Nós acreditamos que a propaganda política na dinastia Júlio-Claudio visava legitimar membros da gens além de atributos do imperador. Desta forma, a sucessão dinástica seria mais clara e aceitável.

Ronald Syme, por sua vez, compreende a transição da República para o Império como uma ruptura, onde, a partir do Império, as relações políticas não estariam pautadas no status jurídico e sim através de relações interpessoais. (FAVERSANI, 2013, p. 102 -103). Assim, as formas de desempenhar o poder são distintas e o principado seria uma forma de poder que não seria nem uma monarquia, muito menos uma República (ELDER, 2005, p.16).

Assim, segundo Faversoni, a transição da República ao Império pode ser analisada" não como uma ruptura, mas como uma fronteira. Sendo que nesta fronteira há separação e ligação entre várias "Repúblicas" e "Impérios" que podem se construir analiticamente." (FAVERSANI, 2013, p. 109) onde a República e Império são distintos, ora são sobrepostos.

Nesta linha proposta por Syme, em que a organização do poder do império e da República são extremamente distintos em função do Imperador. Este, por possuir mais poder que qualquer instituição republicana consegue atrair toda a atenção política para a sua figura e governa não pautado em questões de status, mas pela sua capacidade de gerir diversas redes clientelares. Nesta linha, destacamos Wallace-Hadrill e Marilena Vizentim.

Wallace Hadrill, em seu livro *Rome Cultural Revolution*, discute transformações ocorridas em Roma entre a República e o Império, em seus mais diferentes aspectos, e que culmina na criação de uma identidade cultural romana, nos mostrando elementos do poder

romano através destes aspectos. Desta forma, ele trabalha não com uma questão de continuidade e sim de ruptura entre República e Império.

À transformação política ocorrida em Roma ele associa as transformações materiais e culturais ocorridas entre os séculos II a.C e I d.C, que correspondem à consolidação da República e o surgimento do Império. Neste contexto, identidade romana é redefinida e elementos de constituição do poder são consolidados. (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 35-36).

Wallace-Hadrill defende que ocorre uma grande revolução cultural e social marcada pela transição do final da República e outra com o início do Império. Uma das características ressaltadas por Wallace-Hadrill para explicar esta revolução é o local das elites. No final da República, a elite romana era composta por senadores ou equestres de Roma ou cidades da atual Itália. O início do Império é marcado por uma transição pelo crescimento do poder e aparecimento, nesta elite romana, de membros de províncias ocidentais, Hispania, Gália e África, e do poder que libertos ganharam no principado. Muitas vezes, perceberemos nas fontes que alguns libertos do imperador tinham mais prestígio e poder que senadores. (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 37)

As elites são importantes na análise de Wallace-Hadrill, pois, ele trabalha com a hipótese de que as transformações culturais ocorrem de cima para baixo, ou seja, da elite para as massas, "this model Roman culture is defined and redefined by an elite, the same one familiar from political analysis. This 'nobility' not only leads conquest, but principal beneficiary of it, using new wealth to reinforce its own dominance."(WALLACE-HADRILL, 2008, p. 36) Desta forma, as transformações culturais são fruto da legitimação do poder das elites, que se apropriam destas transformações para continuarem sendo elites e agentes de transformação romana. Primeiramente, notamos uma elite imperial de Roma, com o passar dos imperadores, esta elite imperial se consolida como uma elite provincial (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 36).

Porém, Wallace-Hadrill ressalta que este conceito de Revolução romana se mostra limitado para entendermos as mudanças políticas. Apesar de o perfil dos membros que fazem parte desta elite ser o mesmo, o que é determinante nas transformações políticas são as massas. A consolidação de importantes transformações políticas ocorre da interação entre elas e as massas. A elite imperial é, teoricamente, composta pelo mesmo perfil que havia no período republicano. Porém, devido a contextos variados (mudanças de imperador, guerra civil, perda ou ganho de prestígio) ela está sempre em contínua mudança, bem como havia

romanos que não eram considerados desta elite togada que desempenhavam grande influência nos imperadores.

Para Wallace-Hadrill, o poder político está associado à capacidade do império em "generate new wealth, and in that sense it is military and economic. But it is in the conversation of wealth into social prestige that new forms of culture emerge" (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 36 - 37). Concordamos com esta análise de Wallace-Hadrill, pois, o que mantém o imperador no poder é ele conseguir manter este sentimento, seja na prática ou no mundo das ideias. A capacidade de agraciar um número grande de grupos sociais e mantê-los ao mesmo tempo onde estão, mas com perspectivas de melhor e ascensão.

Neste sentido de ruptura, John Lobour nos oferece uma perspectiva interessante. Para o autor, o governo, tanto na República quanto no Império, ocorria pela condução e capacidade de quem governar conseguir gerar consenso. Assim, a transição da República para o Império é marcada pela mudança nas formas de se gerar consenso. Lobour propõe que o principado acabou com o sistema republicano ao monopolizar a capacidade de obter/gerar consensos, tirando este poder das antigas elites republicanas. (LOBOUR, 2008, p. 9).

Assim, a transição foi uma ruptura vista como uma continuidade. Pois, apesar de o imperador possuir recursos que gerem consenso sobre si, ele deve fazê-lo ressaltando e utilizando valores republicanos. Segundo o autor, "Rule by consensus also determined the forms, symbols and culture of the principate. The transition from republic to empire was organic, more a reaction to a self-inflicted cataclysm than the imposition of a new form of government" (LOBOUR, 2008, p. 31).

Em seu livro, as *Imagens do Poder em Sêneca: estudo sobre o De Clementia*, Marinela Vizentin aborda mudanças ocorridas na transição entre a República e o Império gestadas por Augusto e problemas na questão sucessória na dinastia Júlio-Claudiana.

Vizentin destaca que o surgimento do Império em Roma é ocasionado pela decadência do sistema republicano e vê em Augusto um meio de se reinventar e continuar (VIZENTIN, 2005, p. 34). Segundo Vizentin "Augusto investido de poderes extraordinários, continua a gerir a "coisa pública" (*res pública*) sob uma fachada institucional ambígua e complexa, sempre afirmando, porém, que estava "restaurando uma ordem mais antiga" (VIZENTIN, 2005, p. 34), onde as instituições republicanas sofrem grandes mudanças, a ponto de se tornarem em alguns casos até irreconhecíveis, mas não mudam seu nome. As instituições republicanas não conseguem se adaptar às mudanças ocorridas em Roma e sua expansão, assim, o *princeps* passa a representar a República (VIZENTIN, 2005, p. 36). Mas através de uma grande transformação.

Vizentim destaca a consolidação do poder através do ponto de vista de Tácito expresso nos Anais (Tac. I, 2), onde, o principado é fruto do

monopólio de funções institucionais por Augusto - que teria tomado para si os encargos dos cônsules, do tribuno, da plebe, do Senado e dos demais magistrados -, e de uma concomitante concessão de benefícios a determinados grupos sociais, como exército, a plebe e outro nobres, que não haviam sido proscritos ou mortos durante a guerra civil (VIZENTIN, 2005, p. 34 - 35)

Ela destaca que, para Tácito, os senadores aceitam perder parte de seu poder na Administração de Roma em troca de títulos e o fim da guerra civil. Vizentim destaca que o acúmulo de poder, através de inúmeros títulos, tinha objetivos de garantir uma estabilidade política pela contínua legitimidade (VIZENTIN, 2005, p. 36).

O poder estabelecido por Augusto e utilizado em todo o Império se sustenta em quatro pilares, três que eram títulos e funções desempenhados por tempo determinado na República; a partir de Augusto, todos os imperadores ganharam o privilégio de os utilizarem por tempo ilimitado; e um que é um título moral. Estes poderes seriam: o poder tribunício, o imperium proconsular, o sobreano pontificado e o *princeps*.

O título de tribuno era vitalício para Augusto e seus sucessores e lhe garante o direito de convocar o Senado, propor leis e lhe garantir o direito de dar e agir pela proteção dos cidadãos. Outro pilar era o do imperium proconsular, que garantia, de Augusto em diante, possuir poder civil (administração de todo o território romano), militar (comando de todas as forças militares do império) e jurídicos (direito sobre a vida e morte de todos sob seu governo). E o último pilar é o do *pontifex maximus*, que garante a direção da religião romana. *Princeps*, primeiro cidadão ou primeiro entre os iguais. Alguém que se distingue através de seu desempenho e seu reconhecimento na opinião pública, alguém que é modelo na condução de sua vida pública. Alguém que contempla todas as virtudes necessárias para governar. (VIZENTIN, 2005, p. 37-41).

Vizentim aborda os problemas relativos à sucessão imperial, apesar da maioria dos imperadores no Alto Império serem sucessores diretos (filhos legítimos ou adotados), a escolha não buscava transmitir uma ideia de hereditariedade mas pelos predicados acumulados pelo sucessor ao imperador em forma de títulos, o que lhe tornava apto a ser um sucessor. A sucessão se torna gradativa e o sucessor é construído aos poucos. Esta lógica não ocorre apenas nas mudanças de linhagem que ocorrem através de guerras civis, como no caso de 68-9. (VIZENTIN, 2005, p. 42 - 44).

Desta forma, achamos importante analisar este problema na perspectiva de Faversoni, que propõe pensar a transição da República ao Império "não como uma ruptura, mas como

uma fronteira. Sendo que nesta fronteira, há separação e ligação entre várias "Repúblicas" e "Impérios", que podem se construir analiticamente." (FAVERSANI, 2013, p. 109). Neste contexto, República e Império são distintos e ora são sobrepostos. Concordamos com este tipo de análise em que podemos visualizar a República e o Império possuindo momentos de ruptura e permanência. Em que a utilização destas duas linhas historiográficas tende a se complementar e não a se excluir e a República se transforma para continuar igual, bem como podemos analisar as rupturas como formas de se assegurar as permanências.

Como exposto até então notamos que discutir o poder imperial é algo extremamente complexo. Pois, por um lado, ele ocorre e é legitimado pela teatralidade, pelo acúmulo de símbolos de poder, algo marcado pela tradição. O poder está associado à autoridade, legitimidade e fidelidade. Quando se fala de poder na Roma Antiga, é preciso que os indivíduos se associem a fontes de autoridade, o Senado, por exemplo, que é um símbolo de poder e delega poderes durante todo o período republicano e imperial. Porém, para que isso ocorra, é necessária uma articulação de bastidores na qual grupos mais distintos se digladiam pelo poder, que não deve ser conceituado apenas através de uma luta entre opressor e oprimido, e sim como uma luta constante do nosso cotidiano que se dá através das relações interpessoais. Através das quais são possíveis a manipulação de memórias e a construção de imagens (FUNARI, CARLAN, 2011, p. 25).

O principado de Augusto (27 a.C a 14 d.C) marcou a transição sobre como governar Roma, passando da República ao Império, ocorrendo uma transição na forma de poder- de uma oligarquia aristocrática, que comandava o Estado nos fins da República Romana, para o poder concentrado na figura do *princeps*, com o advento do Império.

Segundo Adrew Wallace-Hadrill, o governo de Augusto marca a transição de uma forma de poder pluralista, a República, para um poder centralizado na mão do *princeps*, Império. O imperador é o único com poder para promover o acesso a diversos tipos de benefícios, tais como cargos militares, consulares, pretorias; governo e alguma província, cargos administrativos; cidadania, perdão de algum crime entre outros. (WALLACE-HADRILL, 1996, p. 285). O acúmulo de poder nas mãos do imperador ocorre em detrimento do poder do Senado.

Na República, o Senado é indiscutivelmente a principal instância do Estado Romano. A elite senatorial, até as guerras civis, é a seleção dos mais proeminentes membros das famílias aristocráticas mais importantes. Com o advento do Principado, o Senado perde muito de suas funções administrativas em prol do imperador e para outras ordens estamentais, como os equestres, que passam a desempenhar funções que antes eram atribuídas a senadores.

Augusto delimita as funções dos senadores e limita seu poder em relação aos tempos republicanos. Apesar de concordarmos com Wallace-Hadrill no modo como o imperador adquire poder e o utiliza para governar, acreditamos que a outras instituições de poder que ora atuam de maneira conjunta, ora competem com o poder do Imperador. Instituições que possuem fontes próprias de poder e lógicas próprias para exercê-lo, nas quais o imperador é um articulador que transita entre várias instituições de poder, que precisa delas para governar e sem elas pode não ser mais o imperador.

O Senado, mesmo durante o Império, é uma instituição que desempenha muito poder e possui uma forma de exercê-lo própria. O imperador, por exemplo, precisará do Senado para se legitimar e acumular seus signos de distinção que o tornam um *princeps*. Não se pode esquecer que, durante o Alto Império, o Senado ainda é formado por aristocratas que representam as famílias mais importantes. Os membros do Senado gozam de grande autonomia e poder por serem respaldados pela instituição, muitas vezes, por gozarem de linhas aristocráticas de grande distinção e por serem os defensores da tradição romana.

Fergus Millar no primeiro volume de *Rome, the Greek world, and the East: The Roman Republic and the Augustan revolution* (2002, p. 271 - 292) "acentua a importância do Senado perante o imperador, para legitimá-lo. Segundo o autor, através do voto do Senado, acatava-se ou não, a indicação do novo *princeps*, quando havia sucessão. Todos os imperadores romanos do Principado eram senadores e, na maioria das vezes, eram membros da *domus* do *princeps* morto.

O Senado mantém algumas funções legislativas e administrativas importantes (como o governo de ricas províncias, a eleição formal dos magistrados, a atribuição de honras diversas). Pode-se, então, propor que, durante o Império, o Senado não deixou de ter poder, mas sim mudou a forma de seu exercício. O Senado, legitima, destitui e preserva a imagem, não necessariamente de maneira positiva, dos imperadores. Cabia ao Senado votar a divinização dos Imperadores mortos, ou, ao contrário, promover sua *damnatio memoriae* (que envolvia a destruição de todas as imagens e a supressão do nome do Imperador morto de todas as inscrições). No Império, apesar do príncipe controlar a maior parte do poder, o Senado continua sendo um importante espaço sociopolítico, tanto como instituição quanto pelo status legal de seus membros, os senadores.

O Senado é um espaço sociopolítico que perpetua e legitima a tradição romana durante o Império. Essa situação gera certo conflito entre o Senado e o Imperador. Pois, no período republicano, o poder estava associado a uma elite senatorial, detentora do mais elevado status

jurídico. Com o advento do Império, por Augusto, criou-se uma nova dinâmica social, mas ela estava fundada na antiga ordem, e manifestamente se dizia continuidade dela.

The Julio-Claudian court preserved the social hierarchy of the Republic, while yet seeming to undermine it and subject senators to slaves. The early emperors needed to exercise power with, not against, the traditional ruling class. They used republican forms to establish their own dominance while appearing to respect their fellow-citizen. (WALLACE-HADRILL, 1996, p. 306)

O Imperador utiliza do voto do Senado para deliberar sobre assuntos administrativos e políticos do Império, apesar do imperador, na prática, não necessitar dele.

Porém, neste contexto, fundaram-se novas práticas políticas e as bases nas quais se estruturava o poder, uma vez que o imperador precisava se legitimar perante outras instituições romanas. O Exército era outra importante instituição com o qual o imperador deveria contar. Pois, ele deve representar a personificação do poder, o condutor das tropas romanas à vitória, o mantedor da ordem interna e externa de Roma, o imperador era legitimado pelo Exército. Segundo Friguetto,

apesar de realçar a sua legitimidade como substituto a *Res Publica*, conservando a totalidade de suas instituições políticas, o certo é que o *Imperium* em Roma tinha como principal alicerce de seu poder o *aclamatio imperii*, ou seja, a aclamação das legiões no reconhecimento do poder do Imperador (2004, p.41).

Sem o apoio do Senado o imperador não goza de legitimidade legal, sem apoio do Exército e o reconhecimento do imperador por suas tropas, porém, será um problema a manutenção da ordem romana, já que, os

chefes militares emblemáticos utilizaram a aclamação de seus legionários como via mais rápida para alcançarem a condição de *Imperator*. Além de todas as rivalidades políticas que poderiam explicar estas atitudes devemos levar em conta, presente desde o século II, o surgimento e o fortalecimento de grupos políticos de cunho regional que desejavam a autonomia com relação ao poder imperial centralizador. Muitas vezes aliadas das decisões políticas tomadas na corte imperial, as aristocracias senatoriais dispersas pelos territórios imperiais ofereciam o seu apoio à elevação do chefe militar romano na região que, a partir de então, passava a ser um concorrente do *Imperator Legitimus*. (FRIGUETTO, 2004, p.42.)

Destacamos que a legitimação do Império ocorrida através da acumulação de títulos por Augusto, deu a ele total comando na área militar, política, religiosa e civil. O imperador necessita ser legitimado por diversos segmentos institucionais romanos, porém, o poder acumulado pelo imperador tem como um de seus maiores beneficiários a casa imperial. Nas palavras de Joly,

Augusto não estabeleceu o poder de um só homem, mas de uma casa dinástica, uma casa onde as mulheres tinham papéis públicos e jovens eram promovidos como potenciais sucessores imperiais. Mas também escravos e libertos, por sua integração à *domus* imperial, passaram a ter posições públicas. (JOLY, 2007, p. 2)

Com o advento do principado, a casa imperial ganha grande destaque no jogo político romano. A *domus* imperial do poder político a pessoas que, devido a seu status jurídico, nunca o teriam. Pois a proximidade com o imperador pode fazer qualquer um ascender socialmente, politicamente e/ou economicamente. Assim, os membros da *domus* imperial gozam de grande poder. Quando analisamos este poder, vemos que não é necessariamente estamental e sim baseado em relações interpessoais. Assim, para debatermos sobre a construção do poder em Roma, devemos enfatizar dois tipos de abordagem. Uma que destaca a interação entre relações interpessoais e questões estamentais e outra que aborda a construção pública do poder para se tornar legítima.

A proximidade ou distância perante o imperador pode ser definida pela junção entre o status formal e o informal. A relação da hierarquia informal e a hierarquia tradicional é fundamental para compreendermos como é constituída a sociedade romana. Na *domus* imperial, os membros que tinham acesso direto e diário ao imperador (familiares ou pessoas próximas) ganham grande prestígio por isso. Até pessoas que tinham contato relativamente próximo a ele, libertos, senadores, equestres e escravos da casa imperial ganham destaque. Aloys Winterling propõe que os agentes de menor status entre seus pares tendem, através do imperador, a aumentar o seu status perante seus iguais. (WINTERLING, 2009, p. 23 - 24).

Joly vai na mesma direção de Winterling ao destacar que

o período no qual a dinastia julio-claudiana, da qual Nero foi o último representante, esteve na direção do império caracterizou-se por um processo de afirmação da *domus* imperial diante das demais *domus* aristocráticas, seja de um ponto de vista quantitativo, de concentração de recursos materiais, seja no plano qualitativo, por meio da elaboração de um estilo de vida próprio, que a partir de Adriano se institucionalizaria numa corte. (JOLY, 2003, p. 66)

Ser imperador romano era algo extremamente complexo. Havia diversos espaços sociopolíticos de disputa de poder, *domus*, corte, Senado, Exército, províncias. Eles geravam tensões internas e externas, que poderiam ser geradas, mediadas e anuladas pelo imperador, direta ou indiretamente. Quando o imperador não conseguia interferir nestas tensões, gerava um desequilíbrio que oferecia risco à sua posição social, podendo levá-lo à morte.

A centralização feita por Augusto, que dará origem à forma de governabilidade de um período imperial também é o meio que derruba o imperador, em razão das constantes tensões entre ele e a antiga classe governante. (MORGAN, 2006, p. 12). Morgan destaca alguns dos

problemas que estão presentes durante todo o principado e vão eclodir nas guerras civis em 68-69, mas que nos ajudam a compreender o que leva um imperador a perder o poder, dentre elas destacamos o descontentamento do exército, somado a líderes que estavam propensos a apoiar uma outra alternativa para imperador. (MORGAN, 2006, p. 12).

Morgan discute que o descontentamento entre tropas no exército sempre ocorreu pelos mais variados motivos. Vale destacar também que a ordem nas províncias era mantida com a utilização destas tropas cujo descontentamento gera problemas na província, desta forma, o imperador devia intervir nestes problemas para garantir a estabilidade e a ordem provincial.

Vale destacar que a prática começada por Augusto de acumular diversos títulos sobre sua figura, como forma de garantir legitimidade e estabilidade ao seu poder, trazia grandes responsabilidades. No contexto da queda de Nero, por exemplo, ocorre uma particularidade, que é a falta de gestão deste descontentamento de diversas tropas com o aparecimento de lideranças.

Ante a necessidade de constante reforço à legitimidade do poder do imperador, Augusto chega ao poder. Morgan destaca que Augusto chega ao poder após uma longa guerra civil e isto ajudou a gestar a ideia entre os romanos da necessidade da centralização do poder como forma de manutenção de Roma. (MORGAN, 2006, p. 12).

As reformas administrativas feitas por Augusto mantiveram o Senado ao mesmo tempo em que a sua importância diminuía. (MORGAN, 2006, p.14). Aumentara a importância da ordem equestre, que é bem diversificada e composta por pessoas com grande capital econômico e grande atuação fora de Roma, podendo, também, atuar em alguns cargos específicos. (MORGAN, 2006, p. 14).

Desta forma, segundo Morgan, os sucessores de Augusto não conseguiram manter de pé os pilares que sustentavam o poder imperial. A queda dos imperadores romanos pode ser analisada através da sensação de desencantamento e frustração que o imperador trás para alguns grupos sociais importantes na manutenção da ordem romana. O fruto deste descontentamento ocasionaria revoltas, complôs e assassinatos dos imperadores. Com o estabelecimento de um novo imperador, as esperanças seriam renovadas. (MORGAN, 2006, p. 15-16) Novos grupos, antes coadjuvantes, ganham destaque.

Como analisamos até aqui, a construção do poder pelo imperador depende, de um lado, que ele crie redes de relações interpessoais que lhe garantam uma governabilidade, ao mesmo tempo em que ele deve reforçar sua imagem como governante perante o império e contar com o apoio de diversos segmentos institucionais e sociais romanos. Analisaremos

agora o debate sobre como a historiografia aborda a questão da legitimação do imperador através de mecanismos informais de poder.

2.3 O REVERSO DO PODER: AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Nos últimos 30 anos, principalmente, cresceu o debate sobre as formas de poder na Roma Imperial. Com a contribuição teórica da história social, política e cultural, deram nova ênfase às análises sobre como são criados e desfeitos laços de poder. Encontramos vários grupos disputando espaço e benefícios do imperador. Além da aristocracia romana, outros agentes ganham destaque, tais como as mulheres, escravos e libertos da casa imperial.

Uma nova perspectiva para se compreender o mundo clássico surgiu com a “virada antropológica”. Utilizando-se de conceitos-chaves (amizade, corte, patronagem, entre outros), destacando os sistemas de trocas nas sociedades pré-modernas ao se analisar o mundo greco-romano. Destacando-se nesta linha analítica a escola de Cambridge. Neste contexto, alguns pontos ganharam destaque nesta produção historiográfica sobre a construção do poder imperial: o patronato; as várias normas que regem a interação social entre o agente e/ou grupos sociais com o imperador. Nesta linha de análise, podemos destacar Andrew Wallace-Hadrill, Ricahrd Saller, Aloys Winterling, Jeremy Peterson, entre outros.

A historiografia vem destacando a importância das relações de patronato, nas quais o imperador é o principal patrono e, quanto mais próximo do imperador, maior é a chance de receber graças deste. A historiografia mais recente tem valorizado a ordenação dos grupos sociopolíticos a partir do centro do poder, destacando-se as relações assimétricas, ou seja, as disputas de poder através de meios informais.

As relações interpessoais, segundo Fabio Favarsani, “correspondem ao nível de intermediação entre os agentes não regulados pelas relações socioeconômicas ou relações sociais institucionais e, ao mesmo tempo, uma ponte entre ambas” (FAVERSANI, 2001, p. 51) que podem ser exemplificadas pelas relações de amizade, patronato e proteção.

Saller, em seu livro *“Personal Patronage the early empire”* (1982), traz grandes contribuições sobre a análise das formas de poder durante a Roma imperial. Ao invés de uma análise focada sob aspectos jurídicos estatutários, acentua aspectos informais de poder através de conceitos-chaves, tais como, patronato, amizade, benefício. O imperador é um ponto-chave neste tipo de análise, pois é o maior detentor de benefícios e o maior patrono. Desta forma, a

sociedade romana durante o principado poderia ser compreendida e estudada através destes conceitos, enfatizando as relações interpessoais.

O conceito de patronato foi utilizado para definir um tipo de amizade: a amizade entre pessoas de status sociais diferentes. Podendo ser constituída ou não de uma rede clientelar. Para Richard Saller, amizade podia ser constituída através de relações simétricas, entre pares, ou assimétricas. Sendo as relações assimétricas chamadas de clientelismo (SALLER, 1982, p. 1). Desta forma, o conceito de amizade na Antiguidade Clássica é amplo, podendo ser utilizado tanto para relações afetivas quanto para relações políticas. Elas poderiam ser aplicadas tanto para relações entre pessoas de status sociais parecidos ou como relações clientelares envolvendo pessoas de status sociais diferentes.

Segundo Konstan, influenciado pela obra de Saller, a amizade, no período romano, é marcada pela reciprocidade de benefícios (KONSTAN, 2005, p. 4). A amizade, num viés antropológico, “é uma relação adquirida e não uma relação atribuída [baseada no status].” (KONSTAN, 2005, p. 1) “Uma relação conquistada não significa necessariamente uma relação cujo cerne haja uma escolha livre ou pessoal.” A “amizade é “modelada socialmente” por numerosos fatores, tais como a classe social ou a idade.” (KONSTAN, 2005, p. 2).

A sociedade romana era marcada pela distinção social e a amizade exercia a função de igualar sujeitos de posições sociais diferentes. Pois “as relações entre superiores e inferiores em Roma eram governadas por uma etiqueta que era descrita na linguagem da patronagem, segundo a qual o benfeitor (patronos) poderoso empresta proteção e apoio aos seus dependentes ou clientes, que devem a ele os serviços mais humildes de obediência e fidelidade em troca. Estas redes de patronato se consolidam no império, “sob o qual um enorme poder estava concentrado nas mãos do imperador e seus associados.” (KONSTAN, 2005, p. 193)

Criou-se, assim, uma nova cena política, na qual as estratégias utilizadas para ascensão e manutenção do poder da aristocracia, e do fortalecimento de suas casas se davam por meio do casamento, da adoção, dos testamentos e das amizades. Venturini observou a importância de laços de amizade e do patronato, que já se institucionalizava durante a República e assumiu relevância durante o Império. Ainda de acordo com Venturini, “estamos diante da criação de laços fundados sobre relações pessoais que se manifestaram, sobretudo, na instituição do patronato.” (VENTURINI, 2001, p. 7)

O sistema de patronato mostrava-se como um veículo reproduzidor da estrutura de poder que dependia da habilidade que o patrono tinha de cooptar novos clientes. Nesse sentido, a expressão das relações de poder que pudemos identificar durante os primeiros séculos do

Império sugeriu a existência de uma relação intrínseca entre amizade e política, que levou à institucionalização do patronato entre os romanos. Assim

O patronato, fundamentado na troca recíproca de benesses, estabelecia alianças de patronos poderosos para obter recursos, incluindo os indivíduos ligados à lealdade do cliente; e de pessoas mais próximas do poder central com as que estão mais afastados dele, para intermediar recursos através das relações pessoais (OMENA, 2007, p. 42).

Luciane Omena, ao analisar as propostas desta vertente que utiliza as relações interpessoais para analisar o Império, propõe o fim da política institucional. As instituições romanas estariam submissas ao imperador, e não possuiriam poder (OMENA, 2007, p. 42). Segundo a autora, neste tipo de análise, "a submissão do Senado, o fim das assembleias populares e a centralização do poder pelo *imperator* finalizariam todas as formas públicas do exercício do poder" (OMENA, 2007, p. 42) que não estaria nas instituições e sim nas relações interpessoais (patronato e amizade) (OMENA, 2007, p. 42).

Nessa perspectiva, Venturini acentuou a posição de Wallace-Hadrill sobre a relação patronal que envolvia aqueles que estavam mais próximos do centro do poder e aqueles que estavam mais distantes, mas tinham como objetivo mediar recursos através das relações pessoais (VENTURINI, 2001, p. 7). Desse modo, criam-se dinâmicas redes de poder na sociedade romana, caracterizadas por uma maior ou menor capacidade de retribuição, ou pela maior ou menor proximidade com o imperador. Por exemplo, o indivíduo poderia relacionar-se com pessoas que tivessem status diferentes ou semelhantes ao dele próprio. Entretanto, independentemente do status social ao qual se pertence, as relações de patronato eram marcadas pelas obrigações de cada parte, *officia*, e por laços de fidelidade, *fides*.

Desta forma, o imperador era o principal patrono nesta sociedade, pois detinha o controle sobre as escolhas dos cargos públicos. Para Fábio Duarte Joly, a obtenção de cargos públicos não era regulamentada por regras fixas que tornassem as promoções automáticas. Era o imperador quem distribuía as magistraturas senatoriais e equestres, cargos e honras (JOLY, 2007, p. 7), criando-se, assim, um vínculo das casas aristocráticas com a casa imperial, que, por seu turno, consolidam e aumentam o prestígio do imperador em "todo" Império. O Senado, por sua vez, contribuía para difundir o caráter legal do imperador.

Estas relações de amizade, patronato e clientelismo, geravam uma competição gestada no interior e entre diversos espaços sociopolíticos, tais como a concorrência por posições, concorrência dentro de grupos sociais e a estima social.

A concorrência por posições era caracterizada por disputas pela criação de vínculos de amizade ou patronato com certos indivíduos. Porém, estas relações são marcadas também

pelas disputas por recursos escassos. Ainda segundo Faversoni, “essas relações são concorrenciais à medida que operam a partir de recursos escassos. Amigo, patrono, liberto, cliente, protetor, protegido e escravo são recursos escassos” (FAVERSANI, 2001, p. 52).

A concorrência poderia ocorrer dentro dos grupos sociais, onde os agentes buscavam se aproximar da fonte do poder (cliente, patrono, etc.). Ou seja, subir na hierarquia no contexto que o sujeito está inserido, no caso a corte imperial. Porém, muitos destes benefícios citados anteriormente dependem de como o sujeito era estimado por seus patronos e clientes, pois, para o sujeito conseguir benefícios ele dependia de como os outros o julgavam.

Nas relações assimétricas, ou seja, as que se dão entre sujeitos de níveis sociais diferentes, de uma relação de desigualdade entre os sujeitos (patrono/cliente) tende a assumir posições superiores quem tem a capacidade de gerar maior relação de vínculos. A disputa por prestígio coloca em jogo a capacidade de afirmação do grupo e em qual posição o sujeito está inserido. Já sobre a análise do senado, também destacaremos as relações assimétricas. Porém, adicionando nesta abordagem às relações simétricas, ou seja as relações entre agentes sociais de níveis sociais parecidos.

O acúmulo de poder nas mãos do imperador contribui para criar um novo espaço sociopolítico de grande relevância durante o império e que possui como elemento principal estas relações interpessoais discutidas até aqui: a corte. A obra “*Cambridge Ancient History – The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69*”, publicada em 1996, marcou uma importante contribuição de âmbito teórico da tradição finleyniana para a análise da corte imperial. Esta obra dedica um capítulo justamente à corte imperial, escrito por Andrew Wallace-Hadrill. Nesta obra, ele enfatiza que o poder institucional é fraco e o imperador, através de sua corte e de suas relações interpessoais, era de extrema importância na organização política do império. Onde estas relações não são reguladas pelo status jurídico da pessoa e sim pela sua proximidade do imperador.

Desta forma, a corte estava no centro do Império e a sociedade romana se ordenava ao buscar proximidade com o cerne do poder: o importante era a proximidade com o imperador, e estamentos jurídicos não eram determinantes para o acesso a ele e à corte.

O termo corte¹ (*aula*) no Império romano era utilizado para definir um espaço físico ou para definir uma instituição sociopolítica por onde seus membros adquiriam poder ao se aproximar de sua fonte, neste caso, o imperador. Ao mesmo tempo, estar próximo ao centro

1 Devemos atentar que corte está associada a estruturas monárquicas, porém, quando utilizada na antiguidade clássica, apresenta certa distinção conceitual do termo corte aplicado no período medieval e principalmente moderno.

do poder trazia vantagens, implicava também em perigos, devido às disputas que ocorriam (WALLACE-HADRILL, 1996, p. 283). O conceito utilizado para definir corte durante o império romano é *aula*. Este conceito deriva do grego *aule*. A latinização da palavra aula representa aspectos de uma nova realidade político social romano.

Jeremy Peterson (PETERSON, 2007, p. 120) explora as singularidades históricas que compõem a corte no império romano. Primeiro, ela difere do modelo de corte dos reis helênicos (*aule*) porque nos reinos helênicos a corte surge com o poder concentrado na mão de um governante. Já na sociedade romana, apesar do príncipe instituir uma corte (*aula*) e centralizar o poder nele, na casa imperial e instituições que permanecem do antigo modelo republicano, como o Senado, o Exército, entre outras, ainda possui fontes próprias de poder.

Wallace-Hadrill definiu os membros da corte através de sua proximidade com o imperador, contemplando os vários níveis de proximidade. A maior proximidade com o imperador, originalmente uma relação privada, dava uma importância pública aos seus membros. Eram membros desta corte um grupo restrito que tinha acesso direto ao imperador, sem intermediários, ou seja, os membros da corte imperial eram os que estavam inseridos no cerne do poder.

Richard Saller divide os membros da corte imperial em dois grupos, um constituído de pessoas de alto status social e outro por pessoas de baixo status social. Em ambos os grupos sua importância é demarcada perante a proximidade com o imperador e o quanto consegue influenciá-lo (SALLER, 1982 p. 69). O primeiro grupo é composto por membros da elite romana, senadores e equestres, que têm acesso direto ao imperador. A proximidade com o imperador, tanto física quanto emocional, é uma forma determinante para se conseguir os *beneficia* do imperador. O outro grupo, composto por pessoas de baixo status social, que também possuem acesso ao imperador, é constituído por três categorias. Uma primeira categoria é constituída por membros que, devido às suas qualidades oratórias ou literárias ascendiam à corte. Outra categoria seria a de tutores (professores) e médicos. Estas duas primeiras categorias, apesar do acesso ao imperador, não exercem, necessariamente, grande influência dentro da corte. A terceira categoria é a que mais rivaliza, em influência, com o primeiro grupo, ou seja, dos agentes de alto status social, é composto por mulheres, escravos e libertos. (SALLER, 1982, p. 63-65)

Para Saller, a posição dos grupos e/ou agentes que compõem a corte imperial, tanto os grupos de alto status quanto de baixo status social, é medida em relação a como eles conseguem convergir o *beneficio* imperial, seja para si ou para amigos e clientes. Solidificando e fortalecendo suas redes patronais (SALLER, 1982, p. 69)

Dentro da corte, as intrigas, os assassinatos, adultérios, favores sexuais, subornos, são artifícios para maximizar ou minimizar o poder de grupos dentro dela. Estes grupos podem se alterar ao longo do tempo em que permanecem na corte. O que nos permite indagar sobre qual era a dinâmica de poder e dominação dentro dela.

Estas disputas internas têm a intenção de fortalecer grupos sociopolíticos diante de outros grupos sociopolíticos. Segundo Faversani “à constituição de grupos sociopolíticos que atuam no sentido de apoiar seus membros na disputa de condições de classe e estamentais mais positivas frente a membros de outros grupos sociopolíticos.” (FAVERSANI, 2001, p. 54)

Segundo Wallace-Hadrill, “a distribuição do poder em sociedades monárquicas provavelmente é correspondente à distribuição do acesso ao governante” (1996, p. 289). Há importância da corte, também, no âmbito da vida cultural e social romana, pois “a corte não servia apenas para refletir normas existentes, mas para ditar o tom da sociedade” (WALLACE-HADRILL, 1996, p. 292), sendo um modelo a ser imitado, gerando fascinação na sociedade, podendo ser percebido ao se imitar decorações ou vestuário da corte imperial, por exemplo. Agrega-se à corte um sentido de “formadora de opinião ou consensos”. Ou seja, a domus imperial é uma domus com muito mais poder que as outras, e o poder em Roma é distribuído através do imperador e seu acesso, mediado pela corte. Já as outras domus imitariam os costumes da domus imperial, da corte imperial, principalmente, para ganhar valimento diante dos membros dela, que é reproduzida sucessivamente até escalas de poder menores.

A corte é restrita a alguns membros e a sociedade romana a refletia de maneira passiva. A corte estava no centro do império e a sociedade romana se ordenava ao buscar proximidade com o cerne do poder. Considerando que o importante era a proximidade com o imperador e que estamentos jurídicos tinham pouca influência na composição da elite, que era composta pela corte.

Faversani sobre esta ótica de Wallace-Hadrill afirma que

Teríamos, assim, um polo de ordenação social principal, que seria a corte. As casas dos poderosos que compunham a corte também seriam importantes como forma de disseminar essa ordenação pela sociedade. O funcionamento das casas senhoriais e imperial, tanto no que se refere aos mecanismos que garantiam acesso a elas quanto o que diz respeito ao seu funcionamento. A diferença seria apenas de escala. A casa mais importante, a mais poderosa, é a imperial (FAVERSANI, 2003, p. 35).

O acesso ao imperador podia garantir acesso a benefícios. Um meio de acesso ao imperador é a corte e o fortalecimento de redes patronais que gerariam estabilidade para esta aproximação. O imperador criava uma elite, a corte, e por ela estendia seu poder por todo o

império. Difundindo o poder do príncipe difundia-se para outras casas por assimilações. Assim, Joly acerva sobre a visão de Wallace-Hadrill da seguinte maneira,

A domus imperial situava-se acima dessas, mas as mantinha subordinadas a si, de modo que eram estabelecidos outros centros de influência pelos quais o imperador atingia a sociedade. Cada casa de um aristocrata seria uma pequena corte de reproduzia os padrões da corte imperial, e, assim contribuía para legitimar o poder do imperador diante de todos os seus súditos (JOLY, 2004, p. 147).

Omena apresenta algumas limitações sobre a análise da sociedade romana através da corte propostas por Wallace-Hadrill, pois as relações interpessoais tendem a excluir a importância de grupos subalternos devido à sua distância de onde está o poder e por isso são vistas como irrelevantes. Um escravo ou liberto teria importância apenas caso tivesse alguma proximidade com alguma fonte de poder (OMENA, 2007, p. 42-43).

Já Faversani, apresenta destaca outras limitações sobre este viés analítico de Wallace-Hadrill. Segundo Faversani,

Nessa abordagem, a corte é um sistema fechado que mantinha autonomamente e controlava de forma completa e absoluta o restante da sociedade, sem nada depender dela. Isto não nos parece razoável. Se interessasse apenas fazer parte da corte, porque manter os sistemas produtivos, por exemplo? Para que aspirar um status jurídico mais elevado? Essa perspectiva não explica o que capacitava os indivíduos a competir entre si para ingressar na corte imperial nem como se deram os padrões de renovação que se verificam ela. (FAVERSANI, 2003, p.39)

Faversani diverge sobre a valorização das interações sociais nas análises da Antiguidade Romana destacadas tanto por Saller quanto por Wallace-Hadrill, ao colocar a interação social como elemento fundamental para o funcionamento das sociedades na Antiguidade. As “relações sociais interpessoais, em um elemento primordialmente derivado de diferenciações das estimativas sociais da honra e voltadas ao controle social. O papel que cumprem como ordenadoras e estruturadoras sociais é subestimado, bem como seu papel transformador.” (FAVERSANI, 2001, p.14-15) Faversani também diverge ao destacar que o Estado, por possuir meios legais de acesso à violência ou por possuir um sistema muito burocratizado teria controle eficaz sobre a sociedade civil. Reforçando este aspecto ele destaca

A sociedade civil não é, contudo, um universo de interações sociais anárquicas. Assim não é, em primeiro lugar, pelo fato já destacado de que a sociedade civil é o resultado das diversas relações sociais interpessoais estabelecidas pelos agentes. Tais relações não existem em si, mas a partir dos elementos produzidos pela condição de classe e pela condição estamental de cada um dos interagentes. Em segundo lugar, o fato de essas interações serem difundidas em todo o universo social, sendo portanto regulares, e se basearem em uma mútua estimativa, leva à criação de um nível de interação social diferenciado. Isso não significa que exista, com isso, regulação

estável e universal dessas. Se a houvesse, tornar-se-iam relações sociais institucionais. (FAVERSANI, 2001, p. 16)

Para Aloys Winterling em seu livro “*Politics and society in imperial Rome*”, a separação entre as esferas pública e privada no mundo romano é tênue, a dicotomia entre *domus* e *res publica* é fundamental para compreendermos a realidade social e a organização social romana. Pois elas são complementares. O número de clientes e amigos de um chefe de uma *domus* possui um caráter doméstico e privado, mas também apresenta uma forte denotação política, pois posiciona a *domus* na *res publica*, perante outras casas. Por outro lado, a posição possuída pelo agente na hierarquia magistrada, as honras recebidas pelos seus membros elevam a capacidade de fortalecer e aumentar o número de membros de uma casa e o tamanho de sua honra. Winterling destaca o fato desta lógica ser presente desde os tempos da República romana. Pois, a dignidade de uma *domus* garante acesso a cargos de maior destaque ao passo que o cargo político possuído pelo agente determina a grandeza de sua casa. (WINTERLING, 2007, p. 94-105)

Desta forma, ao abordarmos a importante contribuição de uma perspectiva da construção do poder, criada e reforçada pelas relações interpessoais, achamos válidas as críticas feitas por pesquisadores brasileiros como Faversoni e Omena. Para analisarmos a construção e legitimação do poder pelo imperador, é importante analisar que, para garantir a governabilidade ou não, em muito contribuem as relações e intrigas gestadas dentro da *domus* imperial e a corte do imperador. Porém, devemos analisar que apenas ela não dá conta de manter o imperador governando. Assim, necessitamos de linhas que abordem a legitimação do imperador também por instituições formais do governo romano, nas quais ele pode se promover em detrimento das disputas gestadas no seu entorno.

2.4 O ANVERSO DO PODER: A PROPAGANDA DO PODER

Anteriormente, discutimos a importância das relações interpessoais em Roma para levar o imperador ao poder e suas limitações. Na sociedade romana, apesar do príncipe instituir uma corte (*aula*) e centralizar o poder nele, na casa imperial e instituições que permanecem no antigo modelo republicano, como o Senado e o Exército, ainda possuem fontes de poder próprias. Esta será uma grande singularidade da sociedade de corte no império romano, visto que, diferentemente de outras, em que um dos caminhos do governante para

chegar no poder é justamente a corte. O imperador precisa ser legitimado pelo Senado, Exército e pelo povo (PETERSON, 2007. p. 122), precisa acumular signos de distinção social, políticos, militares e religiosos para se legitimar. Esta legitimação é essencial para que possamos compreender como "alguns homens conquistam o poder de comandar outros homens e permanecer no comando através da utilização de vários expedientes, simbólicos e reais" (GONÇALVES, 2013, p. 31).

O governante precisa consolidar um culto imperial. Nesta perspectiva, Carlos Augusto Ribeiro Machado em *Entre o homem e Deus: o ritual de apoteose imperial na Roma Antiga* nos apresenta duas linhas teóricas que reforçam esta abordagem. Uma destas linhas é proposta por A. D. Nock, na qual, através do culto imperial, era mantida a coesão política do Estado romano, onde são reforçadas lealdades e comprometimentos da ordem política. Nesta perspectiva, o culto imperial, antes de mais nada, serve para a legitimação do poder.

Outra linha de análise é a parte da apropriação teórica de Clifford Geertz, que afirma que o culto do soberano, através dos signos de poder, demonstra a concepção da política da sociedade governada pelo soberano. Desta forma, o culto imperial ajuda a transformar o imperador em um símbolo que dá identidade e legitimidade à manutenção da ordem social e política dentro do império (MACHADO, 2014, p. 2). Ana Teresa Marques Gonçalves, seguindo esta segunda abordagem influenciada por Geertz, propõe que a política se constitui através da construção de uma ação simbólica em que o rei é transformado em um ícone através de diversos rituais e ele se torna um símbolo do poder. (GONÇALVES, 2013, p. 33).

Augusto é o primeiro a obter um poder total em Roma e este poder era legitimado pelo consenso que ele gera na sociedade romana (LOBOUR, 2008, p. 14). "The principate required the periodic restaging of the ceremony in which the structure of the system was recreated and its legitimacy reconfirmed." (LOBOUR, 2008, p. 25). Esta legitimidade ocorre através de uma utilização simbólica de valores romanos os associando ao imperador.

Labour sustenta que a construção imagética da República ganha novo significado no Império, "Accordingly, much of the iconography used to embody the principate already finds its roots in republican tradition, and constitutes not so much a new ideology as a reconfiguration of the old." (LOBOUR, 2008, p. 31)

Ana Teresa Marques Gonçalves em seu livro *"A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos: O caso dos imperadores romanos Septimo Severo e Caracala"*, destaca concepções que privilegiem a noção simbólica da construção do imaginário do poder, não o restringindo unicamente a relações políticas. Assim, é dada ênfase em sua obra a autores como George Balandier, Abraham Kaplan, Harold Lasswell, Clifford Geertz, que

compreendem o sistema de poder como um estado de teatralização, no qual, ao se buscar conquistar e se consolidar no poder, é necessário criar um pacto que é construído através da capacidade de criar consensos sobre quem exerce o poder (GONÇALVES, 2013, p. 31). E o "poder sendo entendido como meio de comunicação entre segmentos sociais, como produção quase teatral e como forma de influência social"(GONÇALVES, 2013, p. 31).

Para Gonçalves

"o poder pode ser entendido como uma forma de comunicação na qual os que detem/conquistam autoridade têm que desempenhar certa dimensão teatral para se manter no comando e exercer influência sobre os vários segmentos sociais, buscando gerar um consenso social mínimo, capaz de lhe permitir governar um extenso território pelo maior tempo possível." (2013, p. 32)

A comunicação é um elemento fundamental na construção de consensos, pois através dela se consegue garantir o exercício político, construir identidades, persuadir e obter uma opinião política que garanta alguma governabilidade. No mundo antigo, isto era obtido através da imposição, seja física ou material, e através da legitimação da autoridade e do prestígio (GONÇALVES, 2013, p. 32).

Labour destaca que o período imperial recriou constantemente a tradição republicana. Pois o passado republicano e sua reestruturação são fundamentais para entendermos a ideologia do que é ser romano (LOBOUR, 2008, p. 5). A formação de consenso na Roma Imperial ocorre através da utilização desta ideologia. Mas Labour, a utiliza no sentido de Gertz, no qual a construção de modelos através da utilização e interação de símbolos. (LOBOUR, 2008, p. 2) "Language and tradition constituted the elements through which the Romans constructed their defining institutional concept, the Res Publica"(LOBOUR, 2008, p. 7). Assim "the principate required the periodic restaging of the ceremony in which the structure of the system was recreated and its legitimacy reconfirmed." (LOBOUR, 2008, p. 25).

Quando não ocorria a construção destes consensos, o governante estava fadado a cair. Assim, é de suma importância o governante ter controle eficaz sobre a utilização de elementos simbólicos para legitimá-lo no poder. Assim, o governante deve saber construir sua imagem através de todos os meios disponíveis. Pois "o soberano tem a obrigação de governar de maneira exemplar. Se não consegue fazê-lo na prática, deve ao menos se aproximar da exemplaridade na imagem passada aos súditos." (GONÇALVES, 2013, p. 35)

Na Roma Imperial, um elemento importante que os imperadores deveriam saber explorar é a divulgação de suas virtudes. Mario Mazza, segundo Gonçalves, propõe que

as virtudes dos Imperadores Romanos tinha um lugar essencial na criação de uma "fé monárquica", construindo um dos veículos oficiais da propaganda. Elas ajudam a justificar o governo de um só e a sua proeminência sobre os outros homens. A justificativa do poder deriva da lei, da estrutura constitucional garantida pela plebe e pelo Senado [...], e a natureza que o soberano demonstrava ter, de ser diferente dos outros. (2013, p. 35-36)

Sendo assim, o imperador poderia ser deposto quando não eram vistas nele as qualidades esperadas do cargo que ele ocupava. Pois,

a posição de príncipe, era reconhecida não somente pela posse de uma titularia legal, mas principalmente pela detenção de poderes e qualidades. Neste sentido, praticar as virtudes e divulgar esta prática se transforma em importantes ações propagandísticas, que ajudam a dar coesão no sentimento público [...], propagando a continuidade do sistema imperial. (GONÇALVES, 2013, p. 36)

O *princeps*, constantemente deve lutar para construir uma imagem positiva sua e de seu governo, associando-o a segurança, coesão, ordem, continuidade, virtudes que o tornam apto a governar. Tem que ser construída a ideia de que ele é a pessoa para salvar a *res publica* "In the principate's budding years, this ready-made construct found a convenient counterpart in the historical tradition of the *unus vir*, who, in a time of grave crisis, represents the one person with the requisite talent to rescue or preserve the *res publica*." (LOBOUR, 2008, p. 33-34)

Segundo Lobour, muitos vão associar sua imagem a Augusto como uma forma de garantir legitimidade. Pois, segundo Lobour, "Augustus came to be revered. Upon his death he was deified, and he continued to be honored as the founder of the imperial system and the model for future emperors, who would claim to rescue his optimal arrangement from corrupt predecessors" (LOBOUR, 2008, p. 13).

O que faz o imperador ser o que é são todos os ritos que o cercam, os signos de poder que ele carrega o colocam em uma condição superior aos demais. O poder imaterial, os diversos signos de distinção é que legitimam o poder real de um governante.

A utilização de símbolos é essencial na legitimação e governabilidade do governante. Devemos destacar, porém, que a recepção destes símbolos é algo difícil de diagnosticar. Apesar de sabermos que toda mensagem tem um destinatário específico, e, muitas vezes, conseguirmos saber quem é o destinatário, dificilmente saberemos como ocorreu sua recepção.

Segundo Gonçalves, "para conseguir apoio, legitimidade e autoridade para governar, os soberanos precisam criar e divulgar as suas imagens, e esse processo de criação e divulgação de imagens é chamado propaganda" (GONÇALVES, 2013, p. 40). Oliver Hekster argumenta que a utilização de propaganda pode ser problemática para compreendermos as

mensagens que aparecem nas moedas, pois, "since the coins did not try to persuade but to remind people of certain aspects or events." (HEKSTER, 2003, p. 23).

Hekster ressalta que Jones vê de maneira negativa a utilização do conceito de propaganda no mundo antigo, pois ele não acredita na utilização de conceitos modernos no mundo antigo. Seria um primitivista. Porém, discorda desta posição de Jones, com a qual também concordamos, pois, a propaganda que os imperadores buscavam criar sobre si tinha o mesmo objetivo de uma propaganda moderna: criar uma imagem positiva para o agora e a posteridade. No Império, isto era fundamental, pois a maioria nunca veria o imperador, caso não fosse pelas cunhagens nas moedas, por exemplo, e deveria haver uma construção de uma imagem positiva do princeps com seus súditos, ele deveria representar a ideologia do que é ser romano (HEKSTER, 2003, p. 26).

Quando pensamos em propaganda como forma de difusão e legitimação do poder imperial, utilizamos do conceito usado por Ana Tereza: "A propaganda, isto é, o conjunto de símbolos, ideias e imagens que era divulgado no território imperial, mediante a utilização de vários suportes, formando seu conjunto a imagética imperial" (GONÇALVES, 2013, p. 7).

Os Imperadores tinham que lidar com ela por intermédio de instrumentos "visíveis" (distribuições e jogos) e "invisíveis", como a propaganda (apud. GONÇALVES, 2013, p. 43). Esse conceito de "invisibilidade" usado por Ramsay Macmullen apenas indica que os Imperadores utilizaram símbolos e ideias para se aproximarem dos grupos sociais, além dos artifícios de caráter econômico, que são definidos pelo autor como instrumentos mais "visíveis", como distribuições e jogos, privilegiados em detrimento de outros artifícios utilizados para a sua cooptação.

O imperador, ao criar um monumento, ou quando este é criado em sua homenagem, possui as funções de: agraciar alguém, entregar algo que possui alguma finalidade específica e que nem por isso deixa de fazer propaganda. Por exemplo, um aqueduto, tem a função de levar água de um lugar e abastecer outro. Mas isso não o impede de gerar uma propaganda a quem o patrocinou ou resolveu homenagear. Uma estátua tem uma finalidade estética que busca propagandear quem é representado. Assim, os monumentos buscam de maneira mais ou menos explícita realizar uma propaganda. Porém, quanto tempo leva para este monumento ficar pronto? Quando ele ficar pronto, ele conseguirá atender seu objetivo?

Pensando o monumento como algo que possui uma finalidade específica, mas que carrega uma capacidade implícita de propaganda, Ada Cheung, em seu artigo *The political significance of roman imperial coin types* (1997), busca analisar a moeda como um monumento em miniatura. Pois ela tem uma finalidade econômica, ainda que seja carregada

de símbolos que buscam expor determinada ideologia, programa político, divulgar grandes feitos, virtudes do imperador, etc.

Ela destaca que a moeda tem uma peculiaridade e vantagem em relação a outros monumentos: a quantidade e o tempo em que é confeccionada. Uma remessa de moedas atinge um público muito maior que o de um busto, às vezes, até mesmo de uma sauna ou aqueduto. Ela também é confeccionada em bem menos tempo.

Enfim, buscamos neste capítulo elaborar uma discussão historiográfica sobre as várias faces do poder em Roma que ajudam a entender nosso imperador. O imperador precisa ser legitimado através de títulos e precisa retribuir apoios. O poder através das relações interpessoais nos ajuda a compreender como o imperador consegue seus apoios. No caso de Galba, parte do apoio por ele recebido será transformado em moedas. Estas ajudaram a criar uma propaganda em torno da qual contribuirá na legitimação de seu nome como imperador.

No próximo capítulo, discutiremos a respeito da numismática e como ela nos dá ferramentas a pensar nas moedas como uma forma de propaganda no mundo Antigo e no governo de Galba.

3 - NUMISMÁTICA: QUESTÕES GERAIS

Buscamos neste segundo capítulo abordar a importância do suporte numismático para a análise da sociedade romana, como fonte para compreendermos a legitimação ou refutação de nossas hipóteses. Assim, abordaremos alguns aspectos da utilização de moedas no estudo da História e dividiremos este capítulo em subseções, por onde conduziremos o leitor sobre questões mais gerais quanto à numismática até pontos específicos de nossa dissertação. Nós acreditamos ser pertinente discutir, primeiramente, o que é numismática, suas metodologias, a metodologia que utilizaremos de maneira mais aprofundada, visto que ela já foi apresentada na introdução, apresentar uma história concisa da moeda no mundo antigo e, por fim, apresentar uma discussão sobre a cunhagem no período por nós estudado. Nesta última parte da discussão, propomos ressaltar aspectos do que foi cunhado e onde. Esta discussão será aprofundada em nosso terceiro capítulo.

O ato de colecionar está presente na vida humana. Todos já colecionamos algo ou poderemos começar a colecionar um dia, seja maços de cigarro, latinhas de cerveja e refrigerante, livros, HQs, filmes, cds, obras de arte, carros antigos, entre outras. O ato de colecionar não é apenas amontoar coisas do mesmo gênero. Requer divisão e imposição de uma certa lógica tanto na aquisição quanto na disposição do que é colecionado. A coleção também busca refletir algum valor sentimental, social ou cultural do colecionador ou, em alguns casos, compulsão.

As moedas não são diferentes. Colecionadas desde os tempos antigos, nelas notamos pequenos fragmentos de sociedades longínquas, especialmente e/ou temporalmente: momentos de celebração, símbolos de identidades nacionais, propaganda política, imagens curiosas, etc. Hoje, elas são colecionadas por hobby, por museus ou por outro tipo de instituição. Em ambos os casos, estas coleções de moedas podem ser utilizadas como fontes históricas.

Nos dias de hoje, a moeda pode ser utilizada como documento histórico em dois campos distintos: um deles é no campo da história econômica, no qual se busca analisar a circulação monetária e aspectos econômicos de determinado período. Outro viés é o da história política, que busca analisar a moeda como um meio de comunicação oficial do Estado, por onde são vinculadas mensagens relativas a poder, religião, ideias e sentimentos (CARLAN, 2014, p. 16-17). Apesar da função principal da moeda ser seu caráter econômico, isto não quer dizer que a moeda não seja um grande suporte propagandístico do Estado, seja

na Roma imperial, seja nos dias de hoje. Adiantamos que em nossa pesquisa focamos neste segundo aspecto da moeda. Ressaltamos que a finalidade da moeda é seu caráter financeiro, mas ela tem muito a contribuir quando nela analisamos aspectos relativos ao poder: construção, legitimação, etc.

Deste ato de colecionar pequenos objetos, normalmente redondos, que possuíam uma finalidade econômica mas eram recheadas de símbolos desde a renascença surge um metodismo neste ato de colecionar que dará origem à numismática.

Apesar das moedas possuírem características que as fazem desaparecer, derretimento por exemplo; vale lembrar que muitas moedas na Antiguidade possuíam o valor igual ao de seu peso no minério em que elas eram cunhadas; ou quando elas deixam de ser aceitas, mudanças políticas e/ou devido à corrosão natural (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 58-59). Ainda no século XXI, podemos descobrir acervos e novas coleções de moedas. O que faz com que achemos tesouros monetários ainda nos dias de hoje é pela prática, muito comum até a popularização dos bancos, de se esconder dinheiro como forma de protegê-lo contra roubos e furtos. Muitas vezes o dono deste tesouro morre ou foge sem revelá-lo ou utilizá-lo, o que nos permite ainda nos dias de hoje nos depararmos com tesouros numismáticos muito antigos. Outra importância dos achados de moedas é para ajudar a determinar datações, pois a moeda é um elemento que facilita determinar o período no contexto que ela é encontrada, por exemplo, quando fixada junto a uma construção, ajudar a datar sítios arqueológicos, etc (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 59-60). Podem surgir também estes novos tesouros monetários com a doação ou abertura a um público mais amplo de coleções particulares.

A numismática é a ciência que estuda moedas ou medalhas. Através dela, podemos realizar pesquisas que abordem análises históricas de determinada sociedade e nos levar a diversos novos questionamentos, tais como: por quem era confeccionada a moeda, sua importância política, econômica e religiosa. Ela é uma disciplina que está associada ao estudo da História, principalmente econômica e política. Através das moedas, conseguimos compreender a consolidação de reinos, a datação de fatos históricos, a importância econômica de cidades, períodos de crescimento e crise econômica. Em nossa dissertação, utilizaremos da numismática em um viés político, no qual interrogaremos sua utilização na propaganda e legitimidade do poder em um período específico da História de Roma, o curto principado de Galba.

O estudo numismático surge em meio ao colecionismo de moedas que ocorre quase há tanto tempo quanto elas existem. O que leva alguém a querer colecionar moedas é sua variedade e a quantidade de informações que elas podem conter. Selos, deuses, reis, textos,

ideias, símbolos de identidades locais são apenas algumas informações que podem fazer uma moeda única e contar uma história por si só. Apesar da moeda ter como finalidade sua utilização econômica, ela, desde Roma, principalmente, vem sendo utilizada para fazer propaganda política.

Por muito tempo, o estudo numismático parecia ter como finalidade a confecção de catálogos. Ela foi vista como uma ciência auxiliar, que tinha como utilidade ressaltar e dar legitimidade a outros tipos de fontes e ilustrar discussões. Ao estudarmos as moedas, temos duas tendências: uma teórica, que busca analisar e classificar sua nomenclatura. E outra histórica, que identifica a amoeção em diversas culturas e seu desenvolvimento tanto no aspecto econômico, social, cultural e político.

A tendência teórica está mais associada a esta imagem da numismática quase como a uma atividade de um antiquário ou de um arquivista especializado. Porém, mesmo com esta imagem estereotipada esta linha desempenha um papel muito importante na prática da numismática, pois, através dela, principalmente, os catálogos são desenvolvidos, as moedas são divulgadas, tesouros são colocados em ordem. Nos dias de hoje, esta atuação ganha um destaque especial, visto que muitos tesouros numismáticos estão sendo digitalizados, seja em função de pesquisas acadêmicas ou por causa da atividade econômica que envolve o colecionismo de moedas através de vendas e trocas. Em ambos os casos, graças a esta catalogação feita por estudiosos especializados em tipificar moedas e coleções, nos torna cada vez mais acessível utilizarmos moedas como fonte em pesquisas.

Outra concepção da atividade do numismata é a histórica. Aqui se destacam principalmente as pesquisas acadêmicas que buscam analisar e dar sentido às moedas em seus contextos. Aborda-se diversos aspectos e questionamentos tanto em torno de uma única moeda quanto de uma coleção (CARLAN, 2014, p. 16). Nesta linha de abordagem, a numismática é utilizada para compreensão de questões econômicas. Analisar o metal em que a moeda é cunhada, a circulação que ela obteve (através dos locais onde ela foi encontrada), custo de vida, modos de utilização. Enfim, através da numismática temos indícios da mentalidade econômica de determinada época e local (CARLAN, 2014, p. 14), porém

O estudioso da moeda se tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente este ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia (CARLAN, 2014, p. 14).

Destacamos que, apesar de cada uma destas vertentes da atuação na numismática possuírem especialistas próprios, elas não são excludentes, na verdade, se complementam.

Assim, ressaltamos que o estudo numismático "é algo enriquecedor e nos traz informações que contribuem para o entendimento das sociedades antigas, e, conseqüentemente, o entendimento da nossa cultura e nossa sociedade. " (CARLAN, 2014, p. 21). A utilização de moedas pode nos oferecer novos problemas e abordagens aos mais distintos temas históricos. Nas moedas, podem ser analisados aspectos ideológicos e políticos por exemplo. (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 29).

Quando trabalhamos com numismática devemos nos questionar: quem e por que fez a moeda ser emitida, qual a relevância da moeda, como ela foi achada, são algumas questões que devemos levantar ao utilizarmos moedas como fonte. Desta forma, conseguimos colocar as moedas em seu contexto específico para contextualizá-la (HEKSTER; MANDERS; SLOOTJES, 2014, p. 6). As dificuldades em se realizar a análise de moedas são muitas, por isso devemos nos ater à quantidade e à qualidade do material que analisaremos para definirmos a melhor metodologia para abordá-la. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 33).

Apesar de a maioria das coleções de moedas por particulares contemplarem os períodos moderno e contemporâneo, acreditamos que isto se dá pela facilidade de aquisição e o preço. Vale destacar que muitas coleções começaram devido a moedas ganhas de parentes, sejam de outros períodos históricos ou de outros países. Em países como o Brasil, que, antes do Real se firmar como moeda, no final da década de noventa do século passado, ao longo do século XX, foram criados vários planos econômicos com moedas e cédulas distintas. Muitos aqui começaram suas coleções graças a estes sucessivos desastres econômicos que obrigavam à confecção de uma nova unidade de valor ao país e muitas destas cédulas e moedas acabaram não sendo trocadas, perdendo seu valor econômico e ganhando um valor pelo seu preciosismo e colecionismo.

Já no meio acadêmico notamos uma predisposição por pesquisas que contemplam estudos que abordem a História Antiga, mais especificamente Grécia e Roma. (FLOREZZANO, 2003, p. 336). O maior estudo de numismático destas sociedades se dá, acreditamos, por uma tradição que remonta a antes do Renascimento, por não ser tão amplo o número de documentos que nos chegaram aos dias de hoje deste período em comparação a outros períodos da História e que, assim como as fontes escritas, nos oferecem certa facilidade no acesso.

O estudo e publicação sobre numismática no Brasil é pequeno. A utilização de numismática como fonte em pesquisas históricas é baixo no Brasil, visto que, muitos pesquisadores optam por fontes de papel, guardadas em bibliotecas ou arquivos (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 29). O estudo da Antiguidade, utilizando-se de fonte o material

numismático oferece alguns problemas: falta de material, acesso e estado de conservação do mesmo. Falta a disponibilização deste material em larga escala e tratamento dos dados. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 33). Nos últimos anos, artigos e pesquisas abordando algum aspecto da moeda aumentaram no país devido ao crescimento dos programas de pós-graduação pelo Brasil, aumento de professores com doutorado atuando em sua área de pesquisa, maior número de revistas acadêmicas, de congressos e criação de diversos laboratórios de pesquisa em todo o país. Estas medidas ajudam a desenvolver pesquisas nos mais variados temas, inclusive os relacionados a numismática (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 77-78).

3.1 NUMISMÁTICA: DO COLECIONISMO A CIÊNCIA

A História da numismática é uma mistura de hobby e ciência. O ato de colecionar moedas é algo que nos remete à Antiguidade. Já o de analisar estas coleções nos remete ao Renascimento. A busca por inspirações no mundo greco-romano vai gerar um interesse por tudo que sobreviveu desta época e chegou ao início da era moderna. Neste contexto, o ato de colecionar moedas começa a se sistematizar. E a história desta lógica atribuída a um hobby é o que buscamos analisar. Pois, se hoje podemos pensar em moedas como fonte histórica, é importante destacarmos a trajetória da história da numismática até os dias de hoje.

Francesco Petrarca, humanista do século XIV pode ser considerado um dos precursores do colecionismo e estudo numismático na Itália. Ele buscava compreender a História de cada nação através de seu acervo de moedas. Para este fim, acabou criando alguns métodos de análise para catalogar e compreender sua coleção. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 36)

No Renascimento, a busca por inspiração no mundo clássico fará as moedas greco-romanas ganharem destaque. Se hoje, as moedas gregas e romanas são as mais estudadas, muito se deve a este período. A uma forte preponderância de estudos numismáticos que abordam Roma deve-se a origem do colecionismo de moedas e um estudo numismático. Longa tradição, já consolidada, que continua marcando a presença ainda hoje, em um congresso como este, mas também em publicações especializadas. (FLOREZZANO, 2003, p. 339). Este interesse pelas moedas na Renascença é importante para a conservação das mesmas até os dias de hoje. Pois moedas tinham mais valor pela sua antiguidade do que pelo valor do

minério com que ela foi cunhada. Outra importância das moedas neste período é devido ao fortalecimento de monarquias nacionais, criação de modelos de moedas únicos. Neste contexto, se utilizará como padrão de confecção e cunhagem de moedas até o século XVI um modelo altamente influenciado pelo modelo romano (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 36).

No Renascimento, não havia muita homogeneidade na maneira como eram catalogadas as moedas. A partir do século XVIII, a numismática ganha um novo tipo de enfoque. A moeda começa a ser vista como um meio de difusão de ideias, religião, propaganda, virtudes do Estado. Esta mudança acontece com o austríaco Joseph Hilarius Eckhel. Nascido 1737, de formação jesuítica, estuda o tesouro numismático do Cardeal Leopoldo de Médici. Em 1775 assume o Gabinete Numismático Imperial.

Uma inovação introduzida por Eickhel foi o modo como catalogar as moedas antigas. Até então era prática comum catalogar as moedas em ordem alfabética. Ele propôs a divisão das moedas utilizando de tipologias, as dividiu em moedas gregas: cunhadas em cidades gregas ou sob sua influência, e as moedas romanas, divididas por autoridade e utilizando de ordem cronológica. Escreveu duas importantes obras *Catalogus Musei Caaesariensis* e *Doutrina Numorum Veterum*. Estas obras ajudam a difundir sua metodologia na catalogação e análise numismática pela Europa e América. (CARLAN, 2014, p. 16-17).

A partir do século XIX, muitas ciências buscavam sua legitimidade e ressaltar suas especificidades. Neste contexto, o rigor metodológico se torna maior. Ainda neste período, a moeda vem sendo utilizada e analisada como fonte para discutir questões econômicas: custo de vida, salário, transações econômicas, etc. A partir da década de 30 do século passado, mas principalmente após o final da 2ª Guerra Mundial, cresceu a discussão acerca da utilização da moeda como forma de propaganda oficial. No caso de Roma, esta discussão cresce em torno das moedas cunhadas no que chamamos de período imperial. Acreditamos que o crescimento desta abordagem sobre a moeda como forma de propagação de ideologias e construção de poder provavelmente ocorre devido ao contexto das consequências da 2ª Grande Guerra. A utilização da propaganda por meios oficiais do Estado por regimes totalitários pelo mundo, principalmente pelos nazistas. Desta forma, o entendimento da propaganda de Estado e difusão de ideologias e os meios pelos quais são utilizados para fazê-lo começa a ganhar força em diversos campos de estudo, entre eles o da numismática. O estudo da construção do poder, vinculação de ideologias pelos imperadores torna-se um importante campo de estudo (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 20).

Estes questionamentos levaram a novas discussões no campo da numismática, uma vez que deixou de analisar exclusivamente questões econômicas em torno das moedas e sua

importância na dinâmica comercial e começam, a partir da década de trinta do século passado, a se preocupar com o caráter ideológico delas. No caso das moedas romanas, por exemplo, cresceu uma discussão que abordasse: quem escolhia o que seria cunhado nelas? Qual era a recepção do público a qual ela se destinava? A importância do imperador na escolha do anverso e reverso cunhadas sob seu governo? Qual o motivo da escolha das virtudes associadas ao imperador? (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 307-308).

Na numismática, desde então, vem se buscando compreender também os valores ideológicos apresentados pelas moedas e representações das civilizações a que elas pertenciam (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 65). No mundo Antigo, a moeda é um importante meio de divulgação de informações pertinentes a determinada cidade, reino ou império. As informações que podem ser colhidas em uma moeda são distintas. Segundo Carlan e Funari,

O primeiro elemento, o metal usado, informava-o sobre a riqueza de um povo. Os outros dois elementos – tipo e legenda – diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. Atuavam como um meio de propaganda, onde as representações, em seus aversos e reversos, legitimavam seu poder. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 66)

Na década de 70 do século XX, percebemos o desenvolvimento de novas metodologias utilizadas na numismática que estão consolidadas e muito usadas nos dias de hoje, independente do recorte espaço/temporal utilizado. As metodologias estatísticas, métodos de ligação de cunhos e metodologias oriundas da Química e Física (FLOREZZANO, 2003, p. 340). Começam a surgir novos aportes metodológicos e teóricos na análise das moedas e medalhas. Neste contexto, Florezzano destaca duas obras, J. B. Colbert de Beaulieu *Traité de Numismatique Celtique* e *Num ismatique antique: problèmes et méthodes*. Ambas as obras são publicadas na década de 70 e são dedicadas à análise e problematização em torno de questões metodológicas em numismática (FLOREZZANO, 2003, p. 341).

Vagner Carneiro Porto, em sua tese de doutorado, discute algumas contribuições metodológicas de Colbert de Beaulieu no estudo numismático tais como: "a) a caracteroscopia (comparação de cunhos); b) distribuição; c) análise das coleções monetárias e d) estabelecimento dos grandes conjuntos monetários." (PORTO, 2007, p. 95). Onde,

A partir da publicação destas duas obras, começam a aparecer um sem número de trabalhos consagrados a aspectos puramente metodológicos da Numismática em que se procura firmar alguns princípios básicos da disciplina. Obras consagradas ao ritmo da produção monetária, ao estudo sistemático de tesouros monetários, aos aspectos técnicos da fabricação de moedas, às análises ponderais de moedas de prata, ouro e bronze, à aplicação da estatística às séries monetárias, às análises físicas dos metais monetários, aos estudos de associação de cunhos monetários, e assim por diante. (FLOREZZANO, 2003, p. 341)

Porto destaca que Colbert analisa a cunhagem de moedas em busca de demonstrar tanto aspectos relativos à identidade do emissor quanto ao seu poder (PORTO, 2007, p. 96). Através da identidade de quem emite, podemos entender a simbologia da moeda e sua tipologia. Esta ressalva nos ajuda a compreender as particularidades de determinadas moedas e suas diferenças. Nos ajuda a compreender porque moedas cunhadas em um mesmo período, mas em locais distintos, apresentam, muitas vezes, anversos, mas principalmente reversos, diferentes.

Outro aspecto que Porto chama a atenção na obra de Colbert, são questionamentos sobre o entendimento da circulação monetária, em que se questiona a relação entre o local onde as moedas são encontradas, sítios arqueológicos, como prova de laços econômicos entre o emissor e o local onde a moeda foi achada (PORTO, 2007, p. 95). Pois, Colbert de Beaulieu que nos afirma: “a moeda é feita para circular de mão em mão e não como a cerâmica que tem a finalidade de parar nas mãos de alguém. Ela não é um objeto de consumo. A moeda e a cerâmica não estão submetidas às mesmas regras de interpretação”(Colbert de Beaulieu, 1973: 151-159 apud. PORTO, 2007, p. 97)

A moeda é uma fonte importante de informação, ela pode ser trabalhada na extração de informações. Outra metodologia, que busca a análise iconográfica é a proposta por Claude Berrad e Francois Lissarrague. Estes autores propõem uma análise na qual as imagens devem ser entendidas como um todo, independente do meio onde ela se encontram. Segundo Porto, na numismática, se propõe:

a imagem de uma moeda (o pequeno espaço para se reproduzir a imagem exige além da habilidade do artista, um grande discernimento para adequar elementos que transmitam – em conjunto – as idéias que impulsionaram à criação aquela imagem) temos que identificar em um conjunto, as unidades mínimas (pois cada uma delas têm um sentido), mas num segundo momento, todos os conjuntos dessas unidades mínimas devem ser analisados em sua integralidade, pois se analisadas em separado, cada uma dessas unidades pode nos dar informações imprecisas sobre a imagem analisada. (PORTO, 2007, p. 97)

A metodologia utilizada por Leon Lacroix afirma que a análise monetária deve ser associada a outros tipos de fontes para que ocorra seu entendimento (PORTO, 2007, p. 97).

Outra contribuição metodológica destacada por Porto é o da numismata Maria Caccamo Caltabiano. Ela propõe que a moeda utiliza de elementos iconográficos de fácil compreensão, apesar do receptor identificar e entender os elementos iconográficos. O verso e reverso são vistos como uma coisa só e todos elementos que compõem a moeda são importantes (PORTO, 2007, p. 97). A análise iconográfica das moedas é algo importante. Através dela, por exemplo, podemos perceber aspectos da cultura romana e como é utilizada para legitimar algum imperador.

Carlan e Funari destacam a leitura dos aspectos simbólicos da moeda através do aporte metodológico de Roger Chartier ao analisar estes "signos de poder", que são elementos que distinguem o soberano e o poder do Estado em relação a outros homens. Estes signos podem aparecer na cunhagem de moedas, criação de monumentos que vinculam a imagem do soberano, vestes e códigos de etiqueta, por exemplo (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 71).

Carlan e Funari destacam também a obra do antropólogo Alan Testart, que trouxe diversas inovações sobre a abordagem que se pode dar às moedas. Ele definiu suas funções: forma de pagamento, meio de troca e simboliza um valor. Porém, as inovações em seu trabalho se dão ao abordar a importância da moeda além da questão econômica e por acentuar a importância da moeda como meio de pagamento. Aqui, destacamos uma importante inovação de abordagem da numismática em um viés tido como exclusivo de abordagens econômicas. Carlan e Funari destacam que esta percepção é importante, pois, desde o século XIX há uma tendência em analisar a moeda, quase que exclusivamente, como um meio de intermediação de trocas. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 30-31)

Outra contribuição que destacamos nos estudos da numismática é a feita por Carlos F Noreña, em seu artigo "The communication of the Emperor's virtues, que discute a importância da utilização da imagem pública do imperador e os desafios metodológicos apresentados por pesquisadores ao abordar esta problemática. Ele trabalha com todas as moedas romanas catalogadas entre 69 e 235. Neste recorte temporal ele analisa os reversos em busca de compreender o que é representado nestas moedas em relação a virtudes, buscando entender permanências e rupturas, tendências nas representações das virtudes do imperador e do Império Romano. (NOREÑA, 2001, p. 149-150)

Ele nos apresenta neste artigo uma metodologia pouco utilizada para pesquisar temas relativos a imaginário, busca abordar questões relativas à construção da imagem dos imperadores romanos através da fonte a numismática: o método quantitativo. Normalmente este é utilizado em pesquisas que tenham alguma problemática que envolva o viés econômico. (NOREÑA, 2001, p. 146-147)

Noreña justifica a importância de utilizarmos métodos quantitativos na análise numismática quando buscamos compreender a imagem construída sobre um imperador. Pois através das variações de uma mesma cunhagem nos dá indícios sobre a importância, ou não, destas ideias na construção da imagem de determinado imperador. (NOREÑA, 2001, p. 147)

As pesquisas quantitativas sobre a numária romana são realizadas na tabulação de tesouros numismáticos a que temos acesso. Assim, estas pesquisas estimam a frequência, não entre os romanos, mas sim nos dias de hoje. Desta forma, são decretadas as moedas que são mais ou menos raras. O problema deste tipo de quantificação é que segue a seguinte lógica: uma moeda possui vários exemplares nos dias de hoje, logo ela devia possuir uma grande circulação, já uma moeda com menos exemplares hoje deve ser sinônimo de sua raridade. (NOREÑA, 2001, p. 148) O problema é que podemos dar demasiado valor a uma moeda que não necessariamente é tão relevante em seu contexto de cunhagem, pois uma moeda pode deixar de existir por diversos fatores: seu valor intrínseco, ser derretida para dar lugar a uma nova moeda, o entesouramento, saques, desastres naturais, guerras por exemplo, podem influenciar na quantidade de moedas que nos chegarão nos dias de hoje.

Neste contexto, acreditamos ser importante pensar a moeda através de seu anverso e reverso, e quantificá-la em relação às outras moedas cunhadas no mesmo período. Desta forma, podemos levantar indícios sobre a relevância ou não de determinadas mensagens e construções simbólicas que buscam ser feitas por imperadores.

Noreña utiliza do método quantitativo para analisar e demonstrar sua importância em estudos numismáticos que abordem ideologias de construção de poder e ressalta os benefícios da sua utilização. Partindo do pressuposto de que as moedas são um sistema simbólico de poder, é possível perceber como as moedas são utilizadas para propagar, legitimar, construir e difundir a imagem do imperador, visto que as moedas são uma fonte material interessante de ser trabalhada e que chegou aos nossos dias em quantidade considerável, nas quais é possível perceber a perpetuação ou não de determinadas mensagens ao público do imperador romano.

Enfim, através da utilização metodológica da numismática, podemos abordar diversas análises históricas, nos levar a diversos questionamentos, tais como: por quem era confeccionada a moeda, sua importância política, econômica e religiosa, a metodologia utilizada para realizarmos uma análise do conjunto de símbolos presentes nas moedas, qual a descrição ideal para a moeda e o contexto na qual ela foi encontrada (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 69).

Em períodos de transição política, por exemplo, são interessantes para analisar as formas de construção de imagens entre os imperadores romanos, principalmente, as

cunhagens de moedas. Neste sentido, a guerra civil de 68 e 69 é um campo de investigação formidável. As moedas refletem, nestes contextos, mensagens para fortalecer bases do poder, consolidar consensos, dar esperança (HEKSTER, 2003, p. 27). Pois "os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente."(CARLAN, 2005, p. 77)

3.2 A HISTÓRIA DA MOEDA

A moeda nem sempre existiu. Antes dela as relações comerciais deviam ocorrer exclusivamente por meio de trocas. Porém, em diversas sociedades antigas começaram a utilizar algum objeto que dispunha de um valor para facilitar as transações comerciais. Este objeto é a moeda. Mas por que nem todas as sociedades a utilizavam?

O que é uma moeda? Quando pensamos sobre isso, podemos chegar a três definições: objeto redondo e metálico, refere-se a um valor monetário e que se refere a dinheiro. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 19) Desta forma, elas apresentam as seguintes características: 1- elas são feitas de algum metal precioso; 2- elas são feitas em série, 3- peso e imagens são padronizados, 4- elas possuem algum símbolo que remete a quem a confeccionou, 5- uma autoridade política garante seu peso e valor. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 26).

A moeda pode ter vários significados, em uma visão marxista, ela seria a transformação do trabalho em uma unidade de medida. Exemplo: um celular que custe mil reais equivale a um mês e uma semana de labuta de um trabalhador que ganhe um salário mínimo. Com a utilização do dinheiro, esta transação fica mais clara do que se ela ocorresse através de sacas de feijão ou em quilos de carne. Porém o que faz com que o dinheiro seja válido é o Estado. Este permite a cunhagem, garante sua validade e define sua unidade de valor. Apesar da finalidade da moeda ser econômica, isto só consegue ocorrer devido ao Estado e à política (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 22). "A moeda surgiu, portanto, com um pedaço de metal com marca impressa, um selo, com referência à autoridade política que garantia o valor." (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 23)

As moedas cunhadas na antiguidade são diferentes das que circulam nos dias de hoje. Uma destas diferenças é a necessidade de informar numericamente o quanto ela vale das moedas modernas, prática que não ocorria na Antiguidade. Outra diferença era o valor

monetário quase sempre real das moedas do mundo antigo. Uma moeda de prata, possuía seu valor em prata. Já nos dias atuais, elas não valem seu material de cunhagem. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 24).

As moedas mais antigas que temos notícia foram confeccionadas há mais de 2600 anos na Lídia. Tratam-se de moedas emitidas pelo rei Aliates de Sadis, havia moedas de ouro e prata e em ambas era cunhado um leão, um selo garantindo sua autenticidade. A novidade destas moedas não se deu por causa da utilização de metais preciosos e sim pela não necessidade de pesá-los, visto que havia uma garantia do valor nestas pecinhas de metal em função do selo gravado nelas (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 24-25).

Os gregos, em suas moedas, retrataram deuses em suas virtudes, destacavam o aspecto sagrado destes objetos utilizados em transações comerciais. Os romanos introduzem uma variação mais ampla de imagens em seus aversos e reversos. Porém, o sistema monetário romano é baseado no grego.

As moedas romanas eram aceitas em todo o Império e havia um forte controle do governo sobre sua cunhagem e emissão (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 51). A moeda romana, segundo Mancini, pode ser dividida em alguns períodos: um primeiro que vai do séc. IV a. C até II a. C que é marcado pela influência greco-romana, quando os deuses e símbolos ligados a práticas religiosas são representados. Um segundo período, que se inicia em 136 a.C quando o conselho da casa da Moeda começa a utilizar o anverso e o reverso das moedas símbolos que visam valorizar as famílias dos magistrados responsáveis pela cunhagem das moedas romanas. Utilizam-se das moedas como forma de autopromoção. (MANCINI, 2015, p. 94)

A representação numismática romana durante quase todo o período republicano não representou figuras contemporâneas com a intenção de evitar o culto à personalidade. Porém, a partir do séc. II a.C começam a representar figuras públicas romanas nas moedas. A primeiro busto em uma moeda romana de um contemporâneo foi a do cônsul Titus Quintus Flaminius após sua vitória sobre os macedônios (SOUZA, 2012, p. 1). Durante o século I a.C esta prática se populariza entre as famílias senatoriais. Nas moedas são utilizadas como uma forma de destacar virtudes e feitos de antepassados. Começam a utilizá-las como forma de propaganda de legitimação da gens no presente. Através de feitos de antepassados legitima-se o poder de senadores no presente.

Em 47a.C volta-se a representar vivos nas moedas. Júlio Cesar começa esta nova tendência. Prática que se perpetuará durante o Império. Segundo José de Sousa,

No Império a moeda teve um papel importantíssimo como veículo de propaganda dos feitos do soberano e do ideário romano, funcionando a imagem do imperador, como representante máximo da coesão política dos territórios romanizados. O anverso ostentava a efígie do imperador, membros da sua família, ou personagens muito chegadas a este.(SOUZA, 2012, p. 1)

O retrato individual é uma contribuição artística dos romanos. Eles utilizavam de um realismo impressionante. Esta arte aparecera em diversos bustos, seja de mármore ou no anverso de uma moeda. Os romanos tinham um padrão de cunhagem de moedas. Segundo Carlan,

os aversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante. (CARLAN, 2008, p. 129)

As moedas já cunhavam bustos da elite senatorial durante a República, mas com o advento do Império, vai ganhar força na cunhagem de moedas sua função propagandística e ideológica na legitimação do governante (CARLAN, 2008, p. 130).

Com o desenvolvimento do colecionismo do século XVIII, as escavações em Herculano e Pompéia (Winckemann já dizia que a sociedade perfeita, a clássica, tinha de ser imitada), o gosto pela Antigüidade, o aumento do material disponível nos museus, ajudaram na criação das primeiras sociedades numismáticas do século XIX(CARLAN, 2008, p. 131).

Assim, durante o período republicano, a cunhagem não era tão centralizada. As imagens que apareciam nas moedas eram de deuses, membros da elite aristocrática romana, cerimônias religiosas, virtudes etc. A partir de Augusto, podemos destacar um terceiro período, quando há um maior controle pelo Império sobre as emissões e percebemos que as imagens estão associadas à estabilidade, legitimidade, tradições e autoridade do imperador vigente (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 52). No império, esta prática é difundida. As moedas apresentam nos seus reversos deuses, batalhas, construções, casamentos, instituições. Estas representações buscam criar uma legitimidade do poder. Em seus aversos, na maioria das vezes aparece o busto do imperador ou de figuras importantes que se relacionam direta ou indiretamente com o mesmo. (CARLAN, 2008, p. 128). Pois, “a moeda, acessível a todos estratos sociais, e circulando em todo vasto território do Império, permitia identificar um indivíduo concreto, com características físicas muito personalizadas, como senhor absoluto, divino e com poderes ilimitados.” (SOUZA, 2012, p.1)

Mas início do principado, Roma sofre uma grande transformação no que é cunhado, deixando de representar a elite senatorial romana e passando a mostrar o imperador e eventualmente sua família. A partir de

Augusto, o sistema de emissões inspira-se na estrutura de seu Principado, período em que se renovam as atribuições das magistraturas e se concedem novos títulos ao governante. Grande parte das suas cunhagens procurou, nesse sentido, evidenciar as bases sobre as quais se fundou seu poder, numa clara tentativa de legitimação e consolidação das mesmas. (VIZENTIN, 2005, p. 68).

As cunhagens buscam, desta forma, criar uma imagem do governo ao público através da sua concepção de Estado, feitos militares e políticos, virtudes e legitimar sua linhagem sucessória. Segundo Porto, os romanos, durante os dois primeiros séculos do império, utilizaram na cunhagem de suas moedas símbolos que visam "promover ideias políticas, eventos sociais e religiosos, mensagens militares ou econômicas." (PORTO, 2007, p. 98)

A figura do imperador romano é utilizada por Roma de diversas maneiras: conquistas militares, atos públicos, construção de prédios públicos, entre outros. Esta utilização simbólica da imagem do imperador contribui para sua legitimação e, caso exista, de sua dinastia. Esta imagem pode ser explorada de diversas formas, conforme já foi discutido, principalmente, no capítulo anterior. Uma destas formas de utilização da figura do imperador é com seu busto aparecendo em moedas que circulam dentro e fora do território do Império Romano.

Nos aversos das moedas romanas, a utilização de bustos do imperador é comum, mas poderia ocorrer a impressão de outras imagens: de familiares ou representação de bustos das províncias, por exemplo. Costumam apresentar uma legenda que contempla os títulos do imperador em exercício.

Já o reverso das moedas é muito variável durante todo o Império. O principal fator de variação dos reversos é decorrente ao valor e lugar de cunhagem. Nos reversos buscam associar uma mensagem à figura do imperador. No reversos, é comum aparecer a imagem e legendas relativas a virtudes, deuses, monumentos, comemorações específicas etc. Noreña divide as representações dos reversos das moedas romanas em cinco tipos: 1- personificações, 2- deuses, 3- objetos inanimados e cenas diversas, 4- imperador e membros de sua família e 5- províncias e cidades. Dentre estas categorias o autor destaca que a personificação é a mais comum e a segunda que aparece com mais frequência é a cunhagem relativa a deuses.

Noreña sustenta que a tendência de personificação e deuses aparecerem mais está vinculada mais a uma tendência do pensamento romano do que a uma estratégia sistemática de divulgação e construção de imagem feita pelos imperadores. Argumenta que, devido ao

tamanho das moedas e por estas não serem o único veículo de informação e propaganda utilizados no império, ajudaria a entender a pouca incidência de moedas com marcos geográficos e objetos inanimados (NOREÑA, 2001, p. 153-154). Concordamos com estes pressupostos de Noreña, visto que uma mensagem só faz sentido se o receptor consegue decodificá-la e que, apesar de considerarmos a moeda uma forma eficiente e rápida de difusão de símbolos que legitimam o imperador e valores romanos, ela é apenas uma entre os diversos tipos utilizadas pelo império, como já foi destacado ao longo de nosso trabalho, mesmo que de maneira breve.

A cunhagem de moedas está ligada à propaganda de poder em Roma. Elas, além de sua importância econômica, são uma fonte preciosa de informação. Elas são ricamente cunhadas com um número impressionante de detalhes. Toda a mensagem contida na moeda, seja de maneira escrita ou imagética, visa levar uma ideia às partes mais distantes do Império, independente do receptor ser alfabetizado ou não.

Em Roma, a moeda era um instrumento para unificar seu território e destacar que ele estava submetido a um poder político, que, a partir do Império, será representado pela figura do imperador. Ele será cunhado no anverso da maioria das moedas romanas. Segundo José de Souza, esta representação tem também como objetivo, através deste "realismo da figuração do indivíduo, dar uma materialização ao poder, e induzir o cidadão, a uma maior obediência e devoção." (SOUZA, 2012, p. 1)

Estudar emissões monetárias nos oferece diversas informações. Como foi dito, elas representam aspectos de uma decisão política. A criação de moedas envolvia muita mão de obra desde a extração do minério, sua fundição e a confecção de moedas. Em Roma, como ressaltam Carlan e Funari,

todo esse metal era levado para oficinas monetárias, as casas que iriam emitir as moedas. Todas as casas emissoras estavam sob controle direto imperial, mesmo quando estivessem nas províncias ou emitissem moedas com alguma particularidade. Como lembra D. W. Rathbone, “o imperador era, em teoria, capaz de regular, em termos gerais, a quantidade e o tipo de moedas em circulação” (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 62).

Vinzentin ressalta os estudos de Sutherland sobre as cunhagens na dinastia Júlio-Claudio e destaca que alguns termos apareciam por associação e outros apareciam diretamente. O título *princeps* não aparecia, mas Augusto aparecia com frequência. Ela ressalta que nas cunhagens de Augusto busca-se ressaltar a legitimidade de seu poder através de *imperator*, *tribunicia potestas*, *Caesar*, *pater patriae* etc. Com o tempo, ela destaca que a figura de Augusto se confunde com a de Roma nas emissões monetárias. No governo de

Tibério ainda são ressaltadas as virtudes, mas Vizentim destaca que a proposta de governo, através das moedas, busca construir uma mensagem e dar continuidade ao governo de Augusto. Nos governos seguintes a Tibério, mudam as virtudes utilizadas pelos imperadores (VIZENTIN, 2005, p. 68-70). No governo de Nero ocorre uma transformação numismática: melhora na qualidade plástica das cunhagens, reforma monetária. (VIZENTIN, 2005, p.72). Em Galba, acreditamos que ocorre uma grande transformação no modo de se utilizar a moeda: criando novas virtudes, novas mensagens, aumento da variedade das moedas. Esta mudança se tornará prática recorrente nos imperadores posteriores a Galba. Supomos que a partir deste curto governo começou a ocorrer uma nova percepção da importância das moedas como uma forma de propaganda política e reafirmação da figura pública do imperador.

Porém, como funcionava a fabricação de moedas? Se a moeda é um meio simbólico utilizado na construção da imagem pública do imperador nos parece fundamental tentar explicar minimamente o processo pelo qual ela é feita. Mas, "One question regarding this public image is who, exactly, was responsible for selecting imperial coin types and determining mint output" (NOREÑA, 2001, p. 159). Esta questão é mais complexa por depender de fontes, que acreditamos que, muitas vezes, nem existam mais nos dias de hoje. Porém, nos ajuda a perceber uma sistematização e preocupação sobre o que é cunhado e como isso contribui na criação de uma imagem positiva do imperador. "What is important is that coins minted at Rome were official documents, and therefore stood as official representations of the emperor and his virtues."(NOREÑA, 2001, p. 160)

A confecção de moedas é complexa e exigia certa logística. Diferentemente de hoje, em que as moedas são cunhadas pelos bancos centrais, na Antiguidade elas eram cunhadas por oficinas monetárias. Elas poderiam ser: pequenos ateliês (pequenos edifícios e a produção se dava através do ferreiro e seus auxiliares) ou oficinas centrais (grandes instalações em centros importantes da antiguidade) (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 44).

Para pensarmos na confecção de moedas, devemos analisar a extração do minério. Tanto o ouro quanto a prata eram extraídos de minas. O trabalho nelas era horrível desde a antiguidade à Serra Pelada no Brasil, as condições de trabalho sempre insalubres. Desmoronamentos, falta de ar, problemas pulmonares, intoxicação são frequentes no trabalho nas minas. Este era feito por escravos ou por pessoas pobres. No mundo antigo, a península Ibérica se mostrou rica na exploração de minérios utilizados na confecção de moedas (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 38- 40).

Em Roma, a oficina central era a *officina monetae*. Ela tinha a função de coordenar as emissões de moedas cunhadas de maneira local em todo Império. Nelas haviam um controle

sobre os modelos de cunhagem utilizados por Roma e se formavam os ferreiros que trabalhariam na cunhagem das moedas (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 45).

O que era cunhado durante o Império dependia do *resure monetaes*, cargo que normalmente era indicado pelo Consul, criando redes clientelares. Galba era *Consul* da *Hispania*, provavelmente, teve papel na escolha de quem cunhava moedas em sua província. Este cargo fazia parte do *cursus honoris* do senador e trazia muito prestígio. Mas a cunhagem poderia ficar sob a supervisão de um liberto. Desta forma, Chung destaca que tanto o liberto quanto o *Consul* poderiam ter influência direta na escolha do que seria cunhado (CHEUNG, 1997, p. 59).

Na fabricação de moedas, segundo Carlan e Funari, haviam diversos cargos: Diretor, vice-diretor, supervisor, trabalhadores da bigorna, marteladores, gravadores, fundidores, trabalhadores da fornalha e auxiliares (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 46). As formas de fabricar eram variadas. Elas poderiam ser: moldadas (derretidas e colocadas em formas de bronze) ou batidas (o cunho era fixado através da batida de martelos e assim gravado) (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 46). Cheung destaca, porém, que este cargo era baixo, dificilmente um *monetales* fazia parte da *aula*. (CHEUNG, 1997, p.59)

Augusto, ao assumir o poder, propõe mudanças no modo como eram cunhadas moedas na Roma republicana. Estas transformações continuaram a ocorrer com os imperadores que o sucederam. As moedas na Roma Imperial eram cunhadas na capital do império e em diversas províncias. A descentralização da cunhagem de moedas é fruto de um longo processo que inicia-se no final do período republicano.

Durante o período da dinastia Júlio-Claudio, as cunhagens de moedas de ouro e prata ocorrem em Roma e eram produzidas de maneira regular (SUTHERLAND, 1984, p. 1-2). Porém, percebemos uma descentralização que se inicia em Augusto, as províncias começam a ganhar importância na confecção de moedas. Com o crescimento territorial de Roma, desde o fim do período republicano, é natural a utilização de outras regiões do Império romano para a cunhagem de moedas. Facilitava o abastecimento e circulação de moedas nestas regiões além de garantir uma propaganda imperial nestes locais. (SUTHERLAND, 1984, p. 2) Pois, quem valida esta moeda, quais as mensagens que ela transmite são ideias que ajudam a vender a ideia de pertencimento e de valores que representam os romanos.

Augusto desenvolve um novo sistema de padronização monetária, no qual as moedas são proporcionais em relação ao aureus, que possuía quase 8 gramas de ouro. Um aureus valia 25 denarius, ou 100 sestercios ou 200 dupondius e 400 as (SUTHERLAND, 1984, p. 3).

3.3 AS MOEDAS DE GALBA

Utilizaremos como fonte nesta dissertação moedas romanas cunhadas no principado de Galba. Neste governo, foram cunhadas moedas na Hispania, Roma, Gália e Cartago nos valores de *As*, *Aerus*, *Denarius*, *Dupondius*, *Quinarius* e *Sertecius*. Destas, buscamos analisar as que foram produzidas na *Hispania* e em *Roma*. A opção por estes dois locais se dá devido à ênfase de nosso mestrado ser focado em História Ibérica, Galba sair do governo desta província e tornar-se imperador romano, após a queda de Nero, e porque quantitativamente estas duas regiões cunharam a maioria das moedas que chegaram aos nossos dias. Nelas, buscamos analisar a propaganda do poder imperial, ressaltando, através da análise de três tipos de moedas: a *Roma Renasc*, e suas variáveis, a *Hispania* e as moedas relativas a virtudes. O motivo da escolha das três moedas é que ambas apresentam particularidades que remontam a Galba.

Roma Renasc, será uma moeda criada no governo de Galba, a *Hispania*, por ressaltar o poder provincial no apoio ao novo imperador e as virtudes imperiais que Galba promove uma revolução ao aumentar consideravelmente as virtudes com as quais ele se associa. Nós acreditamos que a análise destas três tipologias de moeda é relevante por nos dar indícios da utilização proposital da moeda como forma de propaganda e legitimação do poder.

Nós analisaremos, em nosso terceiro capítulo, moedas cunhadas no principado de Galba na Hispania e Roma. Sutherland (1984) analisa e cataloga estas moedas e será importante para podermos pensar o que é cunhado na Hispania e em Roma que podemos compreender como propaganda do poder imperial.

A maioria das moedas cunhadas por Galba na Hispania foi cunhada em Tarraco. As primeiras moedas cunhadas na Hispania sobre Galba têm a peculiaridade de a Hispania aparecer no anverso e Galba no Reverso. Utiliza-se a legenda PM no anverso, Pontifice Maximo, só após Galba ter se consolidado em Roma. As moedas cunhadas por Galba neste período são: Diva Augusta, Libertas Publica, Roma Renasc(ens), Roma Victrix e SPQR ObCS e as virtudes (SUTHERLAND, 1984, p. 217).

As moedas cunhadas de Galba em Roma são divididas por Sutherland em seis grupos. Os quatro primeiros grupos são de moedas cunhas e datadas entre Julho e Outubro e os outros dois grupos de moedas que entraram em circulação entre Novembro e Dezembro. (SUTHERLAND, 1984, p. 221-229)

No primeiro grupo aparecem moedas cunhadas no anverso com a palavra Imp Augustus e podia aparecer César. Em sua maioria são sertecios e ocorrem entre Galba ser proclamado imperador e a morte de Nero. Assim, estas moedas são cunhadas com autorização do Senado. O segundo grupo provavelmente é posterior à chegada de Galba a Roma e é um período curto. A maioria das moedas são sertecios também. O terceiro grupo já difere dos anteriores por aparecer referência a Galba como Pontice Maximus, PM, nas moedas. No quarto grupo, a inscrição *pontifice maximo* já aparece com maior frequência nas moedas, a referência a Galba na legenda costuma aparecer: Ser Galba Imp Caesar Aug (em diversas combinações). No reverso há uma variação maior de mensagens.

Já no quinto grupo se destaca por ressaltar questões que remetem ao apoio que Galba recebeu das províncias. O foco principal destas moedas que foram cunhadas em torno de novembro de 68 e fazem parte deste grupo são questões relativas que fogem do centro do Império. No grupo seis temos moedas, sertecios e as, e uma grande variação de cunhagens. Segundo Sutherland, este grupo é o mais heterogêneo e difícil de analisar (SUTHERLAND, 1984, p. 229).

Porém, onde encontraremos nossas moedas para analisá-las? Desde o Congresso Internacional de Numismática em Bruxelas em 1991, vem ganhando pauta a informatização dos conhecimentos e catálogos numismáticos. Em meio a estas discussões destaca-se o aumento das digitalizações e elaboração de catálogos virtuais. A digitalização de acervos numismáticos é vital, os catálogos impressos também são importantes. (FLOREZZANO, 2003, p. 338-339). As moedas que utilizaremos estão catalogadas e o acesso a elas é relativamente fácil, tanto de maneira digital quanto de maneira física indireta, através de catálogos feitos com viés acadêmico.

Nossa fonte encontra-se digitalizada no Online Coins Roman Empire, OCRE, no forumancientcoins e na wildwinds. Optamos por este site por seus catálogos serem resultado do trabalho de diversas instituições americanas de estudo em Roma Antiga e por seguirem o padrão de referência utilizado no Roman Imperial Coin ou RIC. O RIC é um renomado catálogo organizado pelo museu britânico sobre moedas romanas. Nos utilizaremos do primeiro volume, que trata das moedas cunhadas de Augusto a Vespasiano além dos sites citados acima. Segundo o RIC foram cunhadas 521 moedas no principado de Galba. Porém, vale ressaltar que neste catálogo uma mesma moeda é referenciada mais de uma vez devido à utilização de um mesmo molde em moedas de valor monetário distintos e por causa de pequenas variações de cunhagem das moedas.

O OCRE, surgiu de um projeto da Sociedade Americana de Numismática e o Instituto de Estudos do Mundo Antigo da Universidade de Nova York. Nela estão digitalizadas e catalogadas cerca de quarenta e três mil moedas sobre o Império Romano. Nos oferece a vantagem da qualidade das imagens digitalizadas das moedas, visto que não temos contato com elas, isso é essencial para as analisarmos, além de contar com uma descrição do anverso e reverso das moedas, local de cunhagem e tipo de moeda. Neste site, as moedas seguem a catalogação do RIC. Conseguimos ainda acesso a diversas informações quantitativas. Vale ressaltar que apesar do imenso banco de dados nem todas as moedas de Galba aparecem digitalizadas.

Já o *forumancientcoins* é um site voltado para os numismatas e colecionadores de moedas que tangem à antiguidade. Este site é uma ferramenta interessante de pesquisa, pois: cruza diversos bancos de dados, temos acesso a informações redirecionadas ao numiswiki, enciclopédia de construção coletiva sobre numismática, sobre qualquer moeda pesquisada. Apesar de haver um certo preconceito, principalmente na Academia, sobre a utilização deste tipo de fonte, consideramos as informações úteis. Mas a principal vantagem deste site, em nossa opinião é por nos poder permitir o acesso de maneira digital a Encyclopedia of Roman Imperial Coin, ERIC, um catálogo crítico sobre moedas cunhadas no período imperial romano e também ao Dictionary of Roman Coin, essencial por nos oferecer descrições e informações sobre as moedas que buscamos analisar.

O *wildwinds* nos oferece um tesouro numismático digital de setenta e duas mil moedas entre moedas gregas romanas, bizantinas célticas e inglesas. A pesquisa por moedas neste site é facilitada quando queremos analisá-las pelo seu valor monetário. Porém ele oferece menos opções para filtrarmos a pesquisa. Mas devemos destacá-lo pois, oferece a digitalização de moedas que não encontramos nos outros sites acima e por oferecer livros digitalizados sobre os imperadores analisados.

A representação historiográfica de Galba pode ocorrer através da leitura das fontes literárias, da numismática e do cruzamento das duas. (FERGUSON, 2014, p. 1) A utilização de numismática para compreensão sobre a ideologia imperial e dispositivos de propaganda em governos como o de Galba é rica, principalmente pelo pouco tempo que ele governou. Nos dá indícios sobre ferramentas de legitimação, e, pelo recorte espacial e temporal ser restrito, nos permite analisar nossa hipótese de maneira mais clara.

Buscamos ressaltar o acesso à fonte de nossa pesquisa. Através da análise das moedas de Galba, percebemos uma grande variedade de cunhagens, o que nos espanta devido ao pouco tempo em que ele governou, por volta de sete meses. Neste curto período, notamos oito

bustos, sendo que alguns apenas se diferem pelo lado que a imagem aparece de perfil, moedas em que aparece Galba em trajes militares, para ambos os lados e uma com o busto da *Hispania*. Nos aversos de suas moedas, com a variação de quarenta e sete denominações no entorno destes bustos. Porém, destacamos que muitas destas mensagens são variações, por exemplo, Galba Imp, Galba Imperator, Imp Galba e Galba Imper. Estas variações poderiam ocorrer por falha na cunhagem das moedas. Porém, Hekster destaca uma outra possibilidade, que pode ser aplicada para a análise de parte destas moedas que contém estas abreviações, nas quais elas seriam propositais e se destinariam a um público alvo específico. Esta hipótese pode ser utilizada para compreendermos tanto o averso quanto o reverso em uma análise numismática.

Outro aspecto importante que podemos identificar na leitura dos aversos é a maneira como os imperadores romanos buscam se ligar a Augusto. Na *gens* Júlio-Claudiana, criar esta imagem e ressaltar parentes ilustres era uma forma de garantir, explicar a legitimação destes a frente do império. (HEKSTER; MANDERS; SLOOTJES, 2014, p. 6-9). Ferguson destaca que através da análise numismática pode nos dar importantes indícios sobre como Galba consegue se firmar como imperador mesmo não possuindo relação direta com a *gens* Júlio-Claudio. Ele levanta algumas questões: A revolta de Galba como solução para derrubar Nero, tornando-se ele uma alternativa à volta dos ideais de Augusto e contra o que representou a dinastia Júlio-Claudiana. Ele sustenta este argumento ao analisar as fontes numismáticas. Suetônio e Tácito fazem uma associação de Galba a Livia (mulher de Augusto), e, desta forma, vincular Galba a Augusto. Esta associação, Ferguson atribui à leitura da moeda Diva Augusta. Destacando as previsões, nas fontes, que Galba governaria (FERGUSON, 2014, p. 14-16). Ferguson ainda propõe que Galba realizou uma propaganda que lhe dava legitimidade ao ligá-lo a Augusto. Prática similar realizada por Tibério na preservação do principado e garantia de sua legitimidade ao poder (FERGUSON, 2014, p. 22-23).



Imagem 1: anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 55

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+authority_facet%3A%22Galba%22+AND+portrait_facet%3A%22Livia%22. Acesso em 10/07/2017.

Neste denário, citado por Fergusson, temos no anverso a imagem de Galba laureado olhando à direita com as legendas de imp e Galba. No reverso notamos a imagem de Livia ao centro segurando um cetro olhando à esquerda e a legenda *[DIVI] AVGVSTA*.

As legendas eram outra forma. Os títulos utilizados por Augusto, apareceram em moedas durante todo o império. Elas buscam um resgate da memória tanto de Augusto quanto da República. O título *pater patriae* foi primeiramente atribuído a Cícero e depois a César. Após Augusto quase todos os imperadores receberam este título, ele tem o significado de defesa da Res publica. (VIZENTIN, 2005, p. 36). Nas moedas, ela aparece através da PP. O título *divuus*, dependia da aprovação de um colégio de religiosos e ser outorgado pelo Senado, podia ser atribuído ao imperador em vida ou após a sua morte. (VIZENTIN, 2005, p. 36), nas moedas, aparece através da sigla DIVI, DV, DIVVO e DIVSS. Já o título de *Caesar* era inicialmente um sobrenome da *gens Julia*. Este nome será transformado em título de poder associado ao sucessor imperial na dinastia Júlio-Claudio. Em Galba assume um aspecto jurídico. (VIZENTIN, 2005, p. 36-37) Este aparecerá através da sigla CAE ou CAES.

O título *Augustus* é conferido a Otávio em 27 a. C e possui um caráter tanto político quanto sagrado, investido pelos deuses e pelo Senado. Elevava seu detentor a um nível além do humano e reforçava a importância de sua figura no Estado. (VIZENTIN, 2005, p. 37). O título de Augusto "expressava mais adequadamente a superioridade moral e política do *princeps*," (VIZENTIN, 2005, p. 37). O título de *imperator* significa o poder militar supremo do qual o *princeps* representa e pode interferir em assuntos militares de todo império e faz com que, na teoria, todo o exército esteja submisso às suas ordens (VIZENTIN, 2005, p. 37). Nos anversos, como já foi dito anteriormente aparece como IMP, IMPERATOR, IM, IMPE.

Já que estes títulos vinham gradualmente, eles são importantes, pois através das nomenclaturas em torno dos bustos há importantes informações para datarmos as moedas, visto que todas foram cunhadas em pouco tempo, estas informações, quando cruzadas com outras fontes, nos permitem compreender a sua sequência.

No reverso das moedas de Galba a diversidade não é menor: são cinquenta e oito legendas e setenta e cinco imagens. Apesar de que as variações tendem a tratar do mesmo assunto e a se completar a legenda e a imagem do reverso.

No estudo numismático, as moedas podem ser analisadas buscando apenas classificá-las em um sentido mais técnico (peso, material, local de cunhagem). Porém, as utilizaremos buscando compreendê-las através de um perfil histórico e descritivo no qual as moedas são analisadas como símbolos e cunhadas com um objetivo específico do emissor para seu receptor. Assim, a moeda é analisada como objeto de propaganda oficial do governante, onde em seu anverso é destacada a imagem do imperador e seus títulos e em seu reverso informações mais específicas ou genéricas de Roma na antiguidade. (FUNARI, CARLAN, 2011, p. 27).

Wallace-Hadrill discorda parcialmente da análise que sobreponha a ideologia ao valor econômico no estudo numismático. Segundo o autor, a função principal da moeda é seu valor econômico, segundo que a moeda não é um jornal, onde se consiga ler informações sobre o império. Porém, a moeda deve ser analisada no contexto de sua cunhagem: neste o momento, tanto seu caráter monetário quanto de "propaganda" pode ser analisado com algum valor em uma discussão histórica. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 308)

Discordamos, pois apesar da função principal da moeda ser sua utilização econômica, a utilização de símbolos de maneira proposital pelo governante é importante fonte de informação. Claro que não são manchetes, mas são ideias de como o governo quer ser entendido pelos seus governados. Na leitura do reverso e anverso de uma moeda, um romano consegue identificar o governante, mensagens sobre a administração do império, notícias sobre conquistas ou resolução de algum conflito, mesmo ele sendo alfabetizado ou não. As moedas seguem um padrão de cunhagem que facilita a identificação do receptor, por possuir códigos escritos e imagéticos.

Ada Cheung começa seu artigo "The political significance of Roman Imperial coins types" apresentando um problema levantado por AHM Jones na década de 50 do século passado e que vem acalorando as discussões entre numismatas e historiadores: sabemos que as moedas contêm uma riqueza de informações inestimável, que nos leva ao passado e, nos dias de hoje, a diversas hipóteses sobre seu uso, porém, não temos fontes de como estas

informações eram lidas em seu tempo, visto o amplo público que tinha acesso a elas. (CHEUNG, 1997, p. 53). Além disso, pouco sabemos sobre o processo de criação, escolha, momento de utilização na construção de uma moeda (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 21). Mesmo sem ter como precisar a recepção da informação, concordamos com o argumento de Cheung, que provavelmente era importante e havia uma recepção do público às informações cunhadas nas moedas uma vez que, adotadas, serão utilizadas em Roma do final do período republicano até o fim do Império.

No final da República esta prática de leitura das moedas é sofisticada. Os símbolos gravados deveriam fazer parte do repertório cultural do Império, a representação imagética. As legendas seguem o mesmo princípio. Cheung destaca que a utilização numismática pelos imperadores romanos será eficiente pela ambiguidade que ela pode causar. Uma mensagem pode ser lida de maneiras distintas dependendo de como o receptor lembra de determinada imagem. (CHEUNG, 1997, p.55) Desta forma, a moeda tem uma finalidade de trabalhar com a ressignificação da memória coletiva.

Oliver Hekster argumenta nesta linha e propõe que a reação das pessoas às moedas é variada. A moeda, além de seu caráter econômico, é um importante difusor de ideologia imperial. Desta forma, haveria consciência na fabricação de moedas de sua utilidade na criação de ideologias? Elas eram direcionadas a grupos específicos? (HEKSTER, 2003, p. 22).

A ideia é que a cunhagem da moeda era direcionada para públicos primários e secundários. Por exemplo, uma moeda de alto valor tendia a ter mais circulação entre determinados grupos sociais. A memória que se busca construir para esse grupo pode ser distinta de outros segmentos da sociedade. Esta é uma hipótese interessante para a análise numismática, segundo Hekster, "That is, one might want to look whether there was a diversification of messages between coins of different denominations. If so, one could argue that there was awareness amongst those who designed coins that different denominations could target different groups of audiences."(HEKSTER, 2003, p. 22).

Assim, para podermos analisar a mensagem que a moeda busca transmitir, devemos destacar onde ela é cunhada e o seu valor. Através destas informações, podemos pensar em segmentos primários e secundários de difusão de uma mensagem. (HEKSTER, 2003, p. 24). Sendo este um dos motivos metodológicos pelo qual optamos pela análise regionalizada das moedas de Galba.

Neste tipo de análise de mensagens em moedas, é mais pertinente a análise de recortes temporais mais curtos do que em períodos muito longos. O motivo é a mudança de contexto

que deixa de fazer sentido em análise utilizando períodos muito longos (HEKSTER, 2003, p 25). Pois, segundo Cheung, é necessário compreendermos que a moeda possuía um caráter de imediatismo. Mas a cunhagem era um meio rápido? Respondemos essa questão com sim. Percebemos nas guerras civis de 68-69 que os 3 imperadores ficaram pouco tempo cada um no poder e uma variedade impressionante de moedas diferentes cunhadas. Galba cunhou quinze virtudes distintas em seu breve principado. Cheung afirma que em três meses você teria uma cunhagem com perfeição, em um mês e meio já poderia ser cunhado algo de qualidade inferior e com menos tempo é possível que se tenha uma cunhagem de pior qualidade (CHEUNG, 1997, p. 56). Vinzentim discorda desta posição, pois, "as moedas não pretendiam ter um efeito propagandístico imediato. A propaganda é uma consequência e não o fim da temática monetária. Tanto que, após a morte de um Imperador, as moedas cunhadas continuavam circulando por um bom tempo"(VIZENTIN, 2005, p. 76).

Nós não concordamos com a posição de Vizentim. Apesar das moedas dos imperadores não deixarem de circular após a sua morte e sua função é sua utilidade monetária, acreditamos que a propaganda que aparece nas moedas visa atender demandas do presente, quando elas entram em circulação, e buscam criar novas significações para o passado. Através de virtudes, deuses, programas políticos as moedas buscam ressaltar a imagem do imperador e dar legitimidade a ele. Esta legitimidade se dá ao criar um passado que o torna apto a governar e não através da forma que ele vai ser lembrado. As propagandas imperiais nas moedas visam grupos sociais. Para compreendermos a mensagem que elas transmitem devemos compreender seu sentido no contexto em que foram criadas quando, o significado não é algo estático (HEKSTER, 2003, p. 34-35).

Devemos ressaltar que o tempo que consideramos imediato pode ser diferente em determinados períodos da história da humanidade. Hoje, consideramos imediato como sinônimo de instantâneo, devido ao processo de globalização e velocidade da informação em que vivemos. Mas em uma Roma nos primeiros séculos, três meses poderia ser instantâneo. Cheung faz uma comparação interessante ao comparar "a moeda como o monumento em miniatura" (CHEUNG, 1997, p. 61), ambos desempenham a mesma função com a diferença no tempo de confecção, alcance e como a mensagem é transmitida. Em relação a uma estátua ou obra pública, podemos considerar que sim. A moeda, neste sentido, pode ser considerada mais eficaz por chegar ao cidadão e não ficar restrita e imóvel em um lugar específico. Pois "as moedas têm exercido funções simbólicas e políticas importantes, como definidoras de reinos, impérios e estados nacionais" (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 80).

Cheung discute sobre a circulação da moeda no império romano. Sobre este tópico ela esclarece que o público que tem acesso a determinada cunhagem é baixo, a difusão de uma moeda pelo império devia ocorrer de maneira relativamente lenta. Mas ela destaca que a moeda possui um caráter atemporal. (CHEUNG, 1997, p. 56) Mesmo as moedas que fazem referência a um acontecimento específico não se tornava obsoleta, visto que ela tinha o papel trazer memórias a tona. Desta forma, "as emissões monetárias contribuíam para um certo tipo de propaganda, anunciando algo que é novo elas concretizam ideias que já fazem parte do imaginário da população"(VIZENTIN, 2005, p. 76).

As moedas eram importantes para qualquer imperador. Através delas, ele anunciava que estava governando e passava mensagens sobre como queria ser visto ou lembrado. "Coins played an essential part in the formulation of Roman imperial rule. The imagery on coins presented a wide range of messages to the various peoples within (and even outside) the heterogeneous Roman Empire" (HEKSTER; MANDERS; SLOOTJES, 2014, p.5). Desta forma, as mensagens contidas nas moedas através de imagens e palavras buscavam dar um consenso em um mundo heterogêneo.

A importância da representação numismática como forma de manifestação do poder imperial é uma importante ferramenta de culto à imagem do imperador. Na numismática temos representados vários elementos da sociedade romana. No que tange a aspectos religiosos, temos a representação de deuses, o exercício do sacerdócio e até a representação de templos (MANCINI, 2015, p. 94).

Wallace-Hadrill destaca que, ao analisarmos as moedas no alto império, notamos algumas tendências: uma primeira tendência no padrão de cunhagem de moedas ocorre na dinastia Júlio-Claudio: notamos pouca variedade na utilização das virtudes nas moedas cunhadas neste período, aparecem no máximo cinco virtudes distintas durante o governo de um imperador. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 310-311, p. 323) Acreditamos que o motivo da baixa exploração de virtudes se dá a uma estratégia de consolidação distinta: a legitimação do imperador segue uma lógica, e a propaganda imperial visa reforçar essa lógica hereditária.

Após a queda de Nero, notamos uma grande mudança: o aumento do número de virtudes que aparecem nas moedas cunhadas. Entre Galba e Antônio, apenas Otho utilizou apenas cinco virtudes em sua propaganda numismática como imperador. Os demais imperadores utilizaram mais de nove cunhagens de virtudes distintas (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 310-311, p. 323). Vale destacar que as virtudes representadas em sua maioria já foram utilizadas no período que chamamos de República. Acreditamos que com a queda de Nero a necessidade de dar legitimidade a novos imperadores e eventualmente

dinastias ocorre com a propaganda imperial numismática focada em valores que fazem os romanos romanos, as virtudes que remetem a *Res pública* e afastam de uma imagem de tirania e Guerra Civil. Buscam trazer ao presente uma memória de uma Roma como grande, graças a seus valores e virtudes. No artigo, *Memória e esquecimento: narrativa sobre imperador romano e Senado* de Omena e Funari discutem a importância da memória na construção do passado. Estas narrativas têm a função de reconstruir o passado e configurar a representação de identidades tanto do presente quanto do passado. (OMENA; FUNARI, 2012, p. 164). Utilizando pressupostos teóricos de Paul Ricoeur, eles discutem sobre como a seleção de momentos históricos é utilizada na recriação de memórias tanto individuais quanto coletivas. Esta construção pode trazer sentimentos ao tempo presente como esperança, medo, união (OMENA; FUNARI, 2012, p. 168-171). Esta seleção de memórias, a nosso ver é importante em análises numismáticas. A rememoração de um passado reconstruído em um tempo presente busca dar legitimidade a questões atuais de um governo. Na análise das moedas cunhadas em Galba percebemos, de um lado, a imagem deste e, do outro, uma associação a um passado distante que deve ser buscado ao rememorar as virtudes da *Res pública*.

A moeda como elemento de propaganda e poder imperial romano busca legitimar o poder de maneira simbólica. Segundo Carlos Augusto Ribeiro Machado, em *Entre o homem e Deus: o ritual de apoteose imperial na Roma Antiga*, o governante se legitima ao consolidar o culto imperial, isto ocorre ao acumular títulos sobre o imperador e ao torná-los públicos. Estes títulos apareceram nas moedas, o que nos ajuda a compreender a evolução da propaganda da legitimidade do poder imperial.

Nesta perspectiva, Carlos Augusto Ribeiro Machado nos apresenta duas linhas teóricas para abordarmos o tema. Uma destas linhas é proposta por A. D. Nock, na qual, segundo Machado, através do culto imperial, era mantida a coesão política do Estado romano, que é reforçado por lealdades e comprometimentos da ordem política. Outra linha de análise parte da apropriação teórica de Clifford Geertz, na qual o culto do soberano, através dos signos de poder, demonstra a concepção da política da sociedade que é governada pelo soberano. Desta forma, o culto imperial ajuda a transformar o imperador em um símbolo que dá identidade e legitimidade à manutenção da ordem social e política dentro do império. Ambas as perspectivas não são excludentes e nos ajudam a pensar a importância do estudo numismático para compreendê-las (MACHADO, 2014).

Claudio Umpierre Carlan em *Numismática Romana: Teoria e Método: a arte a serviço do Estado* ressalta a importância de Chartier nestes estudos ao propor a construção de signos de poder, sendo que estes signos buscam delimitar a diferença entre o cidadão comum e o

governante através de signos que identificam poder, o governante, o Estado, programas de Estado e grupos de apoio ao imperador (CARLAN, 2006).

Já sobre o conceito de poder não será utilizado como luta entre opressor e oprimido, e sim como uma luta constante que se dá através das relações interpessoais e desempenha um papel importante na manipulação de memórias e construção de imagens. (FUNARI, CARLAN, 2011, p. 25). Estas relações interpessoais criam grupos que buscam legitimidade e acesso perante o imperador. Estes grupos ajudam tanto na ascensão do imperador quanto na governabilidade.

A política está em constante transformação. Quem assume ou representa a autoridade ou o poder deve utilizar diversos símbolos para legitimá-lo como tal. Este diferencial pode ser através de títulos, roupas, adereços. A moeda contendo diversos símbolos tanto gráficos e imagéticos nos permite analisar estes símbolos de poder. (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 70). Podemos pensar na utilização da moeda além de sua questão econômica: a utilização de moedas para fins religiosos entre os gregos antigos, pagamento do Caronte por exemplo.

Porém, a análise destes símbolos é variada, pois, podem ocorrer diversas interpretações sobre o mesmo signo sem serem excludentes. Por exemplo, como diferentes classes sociais interpretam uma mesma mensagem. "A moeda, com suas imagens e símbolos, atingem, de forma desigual, analfabetos e pessoas letradas, pessoas que dominam as sutilezas de algumas imagens e outras que as ignoram." (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 72).

Os signos do poder não têm as mesmas áreas sociais de circulação e não implicam as mesmas regras de interpretação. Reconstituir essas diferenças (no acesso ao signo como nas possibilidades da sua leitura, mais ou menos conforme à intenção que o produziu) é uma tarefa difícil, mas indispensável, para apreender, no campo da prática, a eficácia da simbólica do Estado (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 72-73).

Enfim, "Na Antiguidade, assim, a moeda unificava um território, que estava submetido a um mesmo poder político. Mais do que a língua e religião, era o único instrumento ligado ao poder, que permanecia estável. Transmítia uma forte carga propagandista do governo central" (CARLAN, FUNARI, 2012, p. 78).

4 - NUMÁRIA DE GALBA: TIPO E ANÁLISE DAS CUNHAGENS

Nas moedas cunhadas no governo de Galba podemos perceber algumas propostas e a propaganda política: "Virtude", "Vitória", "Restaurador da liberdade", "Renascimento de Roma" e a "pacificação do Império". De maneira geral, acreditamos que a propaganda feita por Galba em suas moedas busca construir uma imagem de que ele é capaz de salvar império e de resolver todos os problemas que seu antecessor não conseguiu.

Neste capítulo, analisaremos três tipos de moedas cunhadas no principado de Galba: as que contemplam virtudes, roma renasc e as que no anverso destacam a *Hispania*. A ênfase nos aversos é devido à variação que elas nos propõem nestes campos. O anverso destas moedas nos dá informações mínimas de quando elas são cunhadas, estas informações podem ser estimadas pelo acúmulo de cargos vinculados a Galba no entorno de seus busto. No reverso destacaremos as variações utilizadas que buscam construir a imagem do imperador.

Nos utilizaremos as analisaremos, a princípio, de método quantitativo, buscando evidenciar a representatividade das moedas que temos acessado nos bancos de dados consultados, buscando ressaltar o material e tipo da moeda, a concentração do tipo da moeda em relação ao tesouro analisado.

Nesta abordagem, separaremos as moedas cunhadas na província da *Hispania* e as cunhadas em Roma, conforme já explicado no capítulo anterior.

Os tipos de imagens que o império difunde e associa a seu imperador e nos permitem perceber a recepção e a construção da imagem pública do princeps varia conforme o tempo (NOREÑA, 2001, p. 160). Nós acreditamos e concordamos com Noreña que o estudo numismático nos permite perceber como é construída a imagem do imperador, tanto quando analisamos um imperador em específico quanto ao analisarmos a percepção que é construída de quem desempenha este cargo, momento em que utilizamos recortes temporais mais amplos.

Dito isso, começaremos nossa análise com as moedas que retratam as virtudes imperiais. Estas moedas são relevantes porque esta tipologia está presente em todo o período imperial, por nos mostrar quais virtudes são mais ou menos ressaltadas durante o principado que estudamos nesta pesquisa. Vale destacar que Galba utilizou de quatorze virtudes distintas durante seu breve governo. Estas virtudes são conceitualizadas e exemplificadas com imagens respectivas, nas quais buscaremos demonstrar elementos essenciais e caso, existam moedas com alguma particularidade específica também será destacado.

Posteriormente, analisaremos as moedas *Roma Renasc*. Elas surgiram no período das guerras civis e foram muito exploradas por Galba. Estas moedas nos parecem muito relevantes pela mensagem que transmitem, Roma estava em crise e esta foi causada pela dinastia que até outrora governava. Com a mudança da linhagem do imperador, novas possibilidades se abrem e Roma voltará a ser grande. Esta, grosso modo, é a mensagem que acreditamos que elas buscam transmitir e, por isso, a relevância das mesmas serem contempladas nesta pesquisa.

E, por fim, serão estudadas as moedas que representam a *Hispania*. Esta província é importante no período abordado e Galba sai dela para governar Roma. A representação desta província nas moedas pode ter vários significados: ajudar a população a saber quem é Galba, retribuir o apoio da elite política e militar desta província ao ajudarem a fazer Galba imperador, entre outras que abordaremos de maneira devida quando chegarmos a elas.

A escolha destes grupos de moedas se justifica por sua relevância em relação às moedas cunhadas no principado de Galba como exposto no gráfico abaixo:

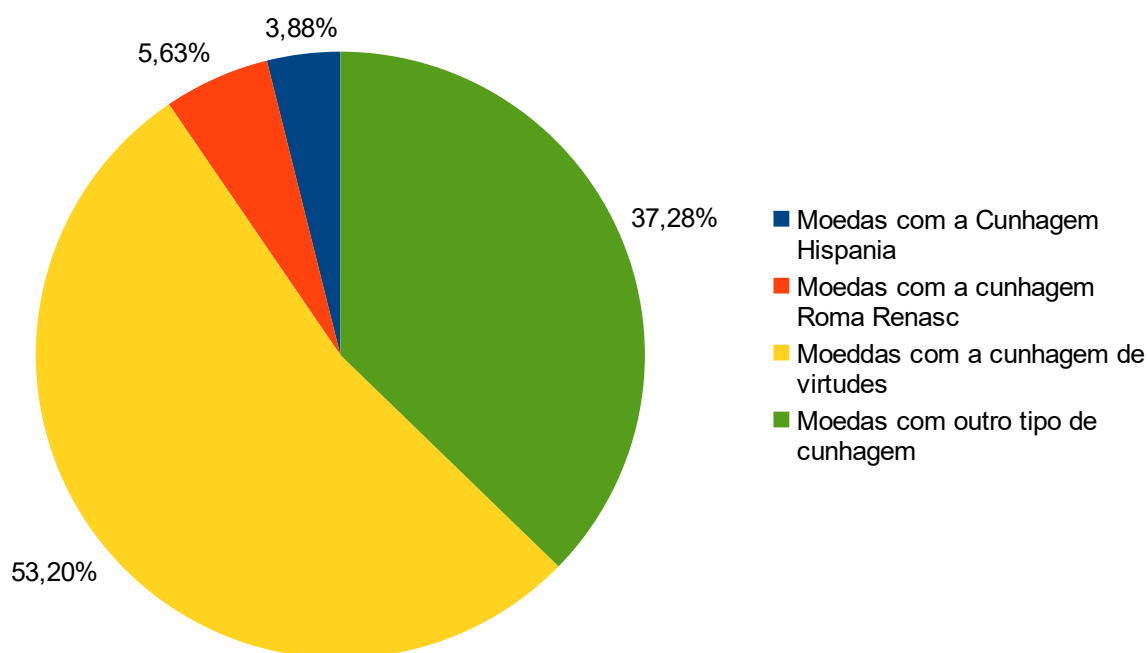


Gráfico 2: Moedas cunhadas em Roma e Hispania

Fonte: Disponível em <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba>

Das quatrocentas e sessenta e cinco moedas cunhadas nestas duas localidades, as com as quais trabalharemos são significativas. Percebemos que a imagem que Galba visa construir é pautada principalmente nas virtudes. Porém, achamos necessário analisar também estas informações separando os locais de cunhagem para percebermos melhor se a estratégia de consolidação do poder é igual em ambas.

Quando analisamos unicamente as moedas cunhadas na Hispania utilizando estes três grupos de moedas temos os seguintes dados:

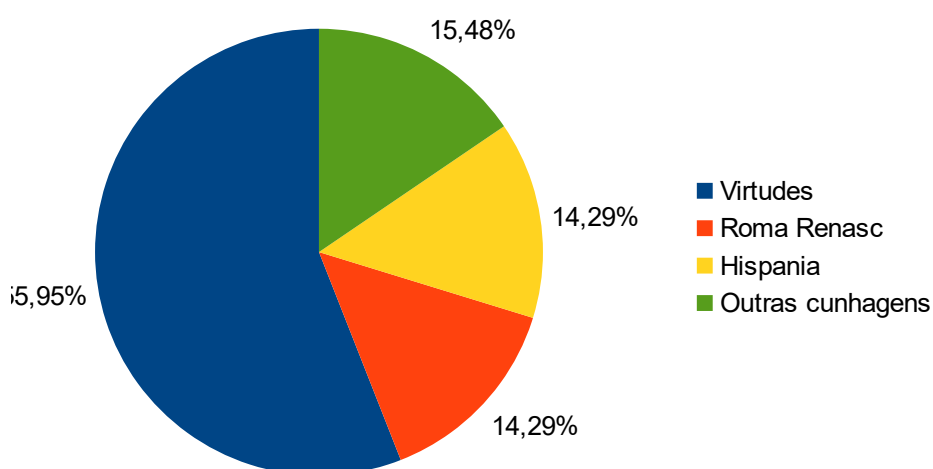


Gráfico 3 - Moedas cunhadas na Hispania

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba&lang=pt>

Neste gráfico, percebemos que os três grupos que analisamos são muito representativos na propaganda, utilizando a numária romana desta província. Apesar de não podermos precisar qual foi a tiragem de cada uma destas moedas, podemos perceber uma tendência sobre quais aspectos Galba buscava construir sua imagem.

Quando fazemos o mesmo tipo de análise nas moedas cunhadas em Roma, temos a seguinte informação:

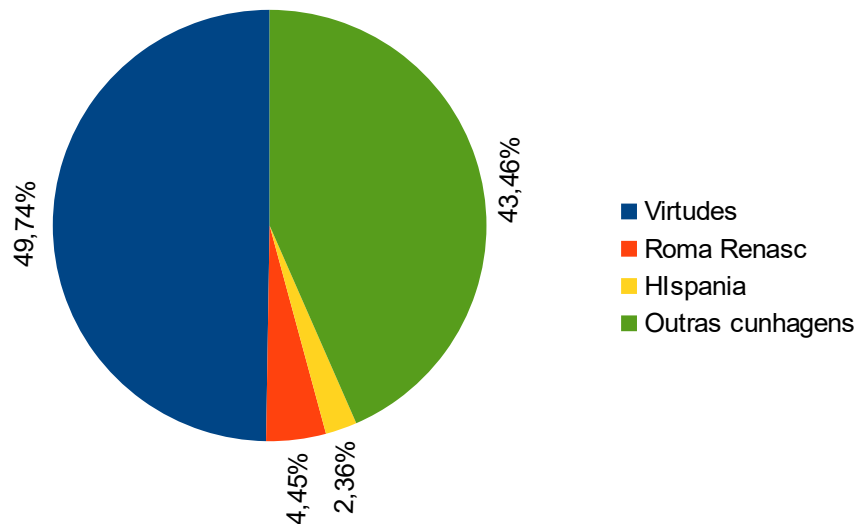


Gráfico 4 - Moedas cunhadas em Roma

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba&lang=pt>

Notamos que os aversos de Galba, em Roma, são muito mais diversificados. Isto pode se dar por ocorrer uma pluralidade de grupos e interesses maior do que na *Hispania*. Mas mesmo assim continuam a ser significativas as cunhagens de nossos três grupos em análise em relação ao todo.

Devemos destacar que as virtudes aparecem como predominantes nos três casos, porém, elas contemplam um conjunto de catorze virtudes e os outros grupos de moeda apresentam apenas uma tipologia de símbolos. As moedas Roma Renasc, por terem como intuito um recomeço, mostram a grandiosidade de Roma. Já nas da Hispania nos parece importante a intenção de criar uma identidade pública de Galba e dos grupos sociopolíticos que o apoiaram.

Agora, analisaremos cada um destes três grupos de maneira isolada, buscando perceber quais elementos Galba buscou utilizar na consolidação de sua imagem pública através da utilização da numária romana em antes e durante seu governo.

4.1 AS VIRTUDES DE GALBA.

A associação do imperador a virtudes é algo que ocorrerá durante todo o império. Utilizando um número maior ou menor de virtudes, muitos imperadores buscaram consolidar suas imagens públicas através destas. Elas podiam aparecer como forma de propaganda em diversos meios, mas todas tinham o mesmo objetivo: consolidar a legitimação do poder imperial. Aqui nós daremos ênfase exclusiva à utilização de virtudes presentes em moedas, devido ao recorte de nossa dissertação.

A utilização de virtudes em moedas romanas antecede o Império. Sulla e César, por exemplo, utilizavam de virtudes associadas à sua imagem. Porém, com Augusto ocorre uma padronização e formalização da utilização de virtudes como forma de personalizar características romanas na figura de uma pessoa, o *princeps* (NOREÑA, 2001, p. 152-153). A virtude aparece sempre associada à figura do imperador, pois é uma forma de materializá-la no império, onde estas virtudes não devem ser vistas apenas como uma qualidade do imperador e sim como algo quase divino (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 315-316). As virtudes são um aspecto importante para que possamos analisar e compreender como a ideologia é construída pelo imperador.

Podemos perceber que a "fluctuations in emphasis on the different imperial virtues nevertheless reflect changing conceptions of what the ideal emperor was, and therefore provide an important insight into one of the long-term structures of imperial ideology."(NOREÑA, 2001, p. 153).

Wallace-Hadrill em, "The Emperor and his Virtues" (1981), analisará a construção do poder do imperador através da propaganda que ele cria sobre sua pessoa, através da associação de sua imagem a virtudes. Utilizando de um aporte teórico de Max Weber, Wallace-Hadrill buscará analisar aspectos subjetivos da construção do poder, que é a convicção que um governante consegue aparentar a seu governado, e elementos que são utilizados nesta construção. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 298). A utilização destas virtudes representa a personificação de ideias, virtudes, associadas à figura do imperador.

O objetivo da utilização das virtudes nas cunhagens de moedas, segundo Vizentim, é "glorificar o regime imperial, cuja continuidade deveria ser mantida. Além disso, procuraram enfatizar os atributos pessoais do soberano, dando-lhe um caráter quase sobrenatural." (VIZENTIN, 2005, p. 71). As virtudes são um "conjunto das qualidades que formam o

homem, o *uir*, e, em particular, a coragem posta a serviço de um princípio moral" (VIZENTIN, 2005, p. 40).

Porém, quando propomos análises que tangem às virtudes, devemos enfatizar o meio em que elas são divulgadas. Cada meio (moedas, textos, biografias e monumentos) de cada região do império e período pode destacar e dar relevância a virtudes diferentes (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 299-300). Noreña, em seu artigo "The Communication of the Emperor's virtues" concorda com esta preocupação de Wallace-Hadrill. Ao analisar a baixa incidência da presença de algumas virtudes em moedas ele levanta a hipótese, com a qual concordamos, de que haviam meios mais ou menos eficazes para circular determinada informação. O imperador tinha diversos outros meios (editos imperiais e nos tribunais, concessões durante as viagens que fazia) para propagandear suas virtudes e de maneira talvez mais eficaz do que na moeda, dependendo da virtude analisada.

Desta forma, a utilização da representação numismática podia ser reservada para a utilização de outras representações, entre elas algumas virtudes, que compõem a imagem pública do imperador de maneira mais eficaz. (NOREÑA, 2001, p. 157). Outra observação é que a utilização de virtudes nas moedas depende do nível cultural do receptor, que pode ter uma leitura distinta e mais complexa. (CHEUNG, 1997, p. 54). No caso de Galba ele utiliza de virtudes novas na cunhagem do anverso de suas moedas. Ressaltamos que esta estratégia visa solidificar a sua imagem em relação aos descendentes da dinastia anterior.

As catorze virtudes cunhadas no governo de Galba, não necessariamente foram as únicas trabalhadas por este imperador na construção de sua memória pública. Porém, não necessariamente por uma virtude aparecer relativamente pouco nas moedas significa que ela não foi trabalhada em outros meios. Buscamos tentar compreender quais virtudes eram mais ou menos trabalhadas na numária deste breve imperador. Pois as virtudes buscam personificar uma característica do imperador e de seu governo.

Utilizar a virtude não necessariamente implica na personificação dela. A personificação ocorre com a associação da figura do imperador com ideias abstratas, conceitos. Já as virtudes são qualidades morais inerentes ao homem (NOREÑA, 2001, p. 153). Neste sentido, Vinentim destaca a posição de Michael Grant ao classificar as virtudes que são cunhadas em três tipos: a personificação concreta, a personificação como virtude a ser alcançada e a virtude como a personificação de um indivíduo (VIZENTIN, 2005, p. 71). Pois o que dá sentido aos títulos que o imperador carrega são as virtudes que ele possui, ou propagandeia ter. As virtudes do imperador podem ser entendidas não apenas como propaganda de governo de um imperador, mas como uma construção pública de sua biografia.

No caso das moedas, a associação de imagem e texto ajuda de maneira sintética e clara a dar uma forma a construção da memória do imperador. (NOREÑA, 2001, p. 153). Assim, as "virtudes eram relacionadas não apenas à figura do Imperador mas também à do próprio povo romano pois em nome deste eram emitidas"(VIZENTIN, 2005, p. 71).

Nas moedas, a personificação do imperador com a virtude ocorre no fato de que a personificação de uma virtude no reverso dialoga com a imagem do imperador no anverso. Anverso e reverso devem ser entendidos como uma coisa só e utilizada sistematicamente pelo imperador. Noreña destaca que Augusto formaliza a personificação das virtudes pelo imperador, não ficando preso à personificação das virtudes gregas de um governante (bravura, sabedoria, moderação e justiça). (NOREÑA, 2001, p. 152).

No governo de Galba, a variedade na utilização de virtudes na cunhagem de moedas mais que triplica em relação à dinastia Júlio-Claudio, acreditamos que o motivo é para reafirmar uma imagem positiva tanto de Roma. A expectativa é associar estas mensagens a coisas positivas proporcionadas pelo atual governo. As virtudes ajudam a agregar predicados ao imperador.

No governo de Galba, são cunhadas moedas com as seguintes virtudes: *virtus, pietas, providentia, aequitas, concordia, felicitas, fides, fortuna, honos, libertas, paz, salus, securitas e victoria*. Na Hispania, temos a presença de cinco destas virtudes cunhadas em Tarraco. São elas: *Bonus Eventus, Concordia, Libertas, Victoria e Virtus*. Elas representam 53 por cento das moedas cunhadas lá e quase cinquenta e dois por cento das moedas cunhadas no império durante o governo de Galba.

Em Roma, por sua vez, percebemos a presença de onze virtudes distintas. Sendo elas: *Aequitas, Concordia, Felicitas, Honos, Libertas, Pax, Pietas, Salus, Securitas, Victoria e Vitus*. As virtudes representam 53 por cento das cunhagens feitas em Roma, e trinta e oito por cento das moedas cunhadas em todo império.

Noreña utiliza como recorte temporal o ano de 69, quando Vespasiano assume o poder, o início de uma "revolução" sobre a cunhagem de moedas (NOREÑA, 2001, p. 150). Nós discordamos de Noreña quanto à escolha de Vespasiano. Percebemos que a percepção de trabalhar as virtudes do imperador e a ampliação destas virtudes começa a ocorrer um ano antes, com a ascensão de Galba ao poder. Em seu curto governo é aumentado consideravelmente o número de virtudes às quais o imperador é vinculado. Número muito maior do que o utilizada durante a dinastia Júlio-Claudio. Wallace-Hadrill, em seu artigo "The emperor and his virtues"(1981), ao fazer um levantamento sobre o número de virtudes utilizadas pelos imperadores entre Augusto e Dioclesiano, nos fornece uma tabela que nos

permite fazer diversas indagações. Uma delas é que até Galba, quem assumiu o cargo de imperador cunhou em média 4 tipos de virtudes, mesmo a sua maioria tendo ficado bastante tempo a frente do império romano. Galba, em seus 6 meses, utiliza de 14 virtudes distintas. Prática que será posteriormente utilizada por Vespasiano. (WALLACE-HADRILL, p. 323, 1981)

Wallace- Hadrill apresenta uma hipótese em seu artigo *Galba's Aequitas (1981)* sobre uma maior utilização de virtudes em comparação com o período dos Júlio-Claudio. O motivo seria que após a revolta contra Nero, principalmente com a entrada de Galba na Revolta de Vindex, diversos temas utilizados nas moedas do período republicano, as virtudes, recebem uma releitura e se tornam cada vez mais utilizadas no império a partir de Galba. Porém, as legendas utilizam-se, muitas vezes, de virtudes republicanas, mais associadas a Augusto, *Pax Augusta, Aequitas Augusta*, etc. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 32-33).

Wallace- Hadrill destaca que Galba, em suas cunhagens, busca, por um lado, ressaltar suas virtudes, e, por outro, instigar a rebeldia contra Nero e ou sua memória. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 34). Concordamos com esta hipótese, visto que mais da metade do que foi cunhado em Galba, tanto quando analisamos Roma e a *Hispania* de maneira isolada ou quando as analisamos juntas em relação ao império são moedas que apresentam algum tipo de virtude.

A maior utilização de virtudes pode significar que elas tinham uma melhor recepção pelo público destas mensagens. O imperador de maneira geral devia reforçar estes valores para ajudá-lo na legitimação de seu poder.

4.1.1 As virtudes nas moedas da *Hispania* e de Roma

Roma cunhou muito mais moedas que a *Hispania*. O motivo é a importância da primeira em relação à segunda. Quando analisamos as virtudes cunhadas nestas duas regiões, percebemos esta diferença, como ressaltado no gráfico abaixo:

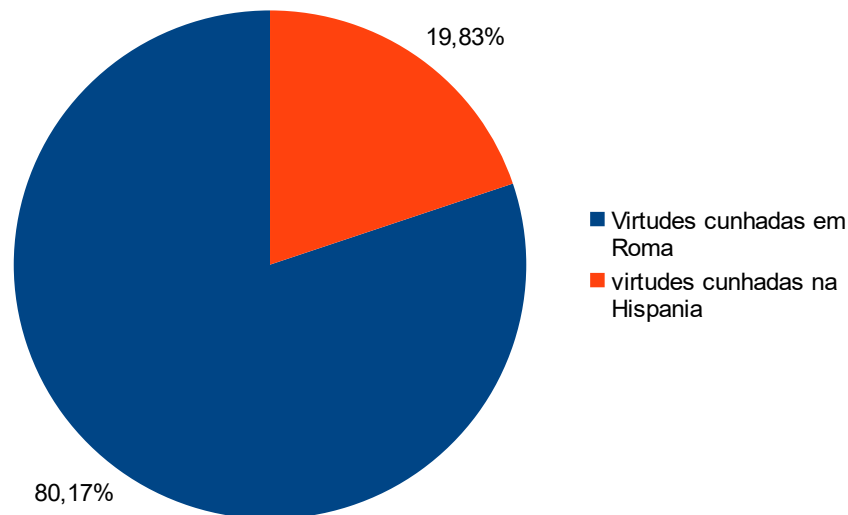


Gráfico 5 - Virtudes cunhadas na Hispania e Roma

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba>

Porém, ao analisarmos o que foi cunhado, levantamos que as virtudes presentes em Roma, em relação à Hispania, aparecem com mais frequência. E constatamos que cinco virtudes aparecem com maior incidência, como demonstramos na tabela abaixo:

Virtudes cunhadas em Roma e na Hispania			
Virtude	Roma	Hispania	Total
Victoria	54	17	71
Libertas	51	16	67
Virtu	16	7	23
Pax	26	0	26
Concordia	17	3	20
Outras virtudes	26	4	30

Tabela 1- Virtudes cunhadas em Roma e na Hispania

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba>

Percebemos que virtudes parecem querer retratar uma prosperidade que o novo imperador pode levar a consolidar: *Victoria*, *Libertas*, *Virtu*, *Pax* e *Concordia*. Nos parece que Galba propunha criar uma imagem que colocaria fim à guerra civil que se abre ao suceder Nero. Porém, devemos destacar que algumas virtudes aparecem associadas a outras, como é o caso de *Honos*, que, nas moedas, aparece associada à *Virtus*, *Vitoria* que é representada nas moedas *Roma Renasc*, entre outras. O que pode nos ajudar a pensar que algumas virtudes não

funcionavam sozinhas ou que representavam aspectos de simbiose com outras virtudes. Isto nos parece plausível, visto que poderia ser uma estratégia para facilitar o entendimento da mensagem que ela continha.

Analisaremos as virtudes com maior incidência buscando vislumbrá-las no contexto do governo de Galba e assim compreender qual figura pública é construída através do suporte de propaganda numismático em relação às virtudes que o imperador possuía e/ou buscava mostrar que o norteariam em seu governo.

A moeda com o anverso de Vitoria aparece com bastante frequência nas moedas de Galba, de maneira solo ou associada a um conjunto de símbolos. Observando o reverso das moedas, percebemos que elas foram cunhadas em vários momentos distintos de seu governo. Percebemos isso pelas legendas que circundam o busto de Galba em seus aversos. A Vitória é identificada com uma mulher com asas em pé, normalmente, com uma grinalda, um galho e/ou um globo. Abaixo seguem alguns exemplos:



Imagem 2 - Reverso RIC I (Second

Edition) Galba 10

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Victory%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29. Acesso em 10/07/2017.



Imagem 3 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 11

Fonte: Disponível em: http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Victory%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29. Acessado em 10/07/2017.

A deusa Vitória é muito cultuada e a representação de desuses em moedas é comum e só ajuda vincular sua imagem à do imperador e a consolidar uma imagem de predestinação. À utilização tão recorrente desta virtude personificada por esta deusa acreditamos estar associada a necessidade de se provar e ressaltar que está sendo vitorioso ao se legitimar no poder.

Libertas é outra virtude que aparece com bastante frequência, de três formas: Libertas publica, libertas Restituva e Libertas August. Ambas buscam passar uma mensagem de restauração, que a liberdade está restaurada. A libertas Publica é representada por libertas vestida segurando um cetro e um pileus como podemos ver na imagem abaixo



Imagem 4 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 23

Fonte: Disponível em: <http://numismatics.org/collection/1985.140.33>. Acesso em 10/07/2017.

A Libertas Restitua apresenta os mesmos elementos, mas em outra posição, como podemos observar abaixo em um denário, que, em seu anverso aparece o busto de Galba laureado com a inscrição *Imperator Galba*.



Imagem 5 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 39

Fonte: Disponível em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Libertas%22+AND+%28mint_facet%3A%22Rome%22+OR+mint_facet%3A%22Tarraco%22%29.

Acesso em 10/07/2017.

Já a Libertas Augusta notamos a mesma representação simbólica de Libertas porém com a inscrição August.



Imagem 6 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 442

Fonte: Disponível em: <http://ikmk.smb.museum/object?id=18227482>. Acesso em 10/07/2017.

Mas por que Galba buscou a representação desta virtude vinculada a três mensagens distintas? Haynes, em seu livro, *The History of Make-Believe: Tacitus on Imperial Rome* (2003) ao analisar o início da guerra civil na obra de Tácito, nos fornece uma hipótese, com a qual concordamos. No contexto do principado de Galba a insegurança é grande. Houve uma grande ruptura na lógica da sucessão imperial na dinastia Júlio-Claúdio. Nero, por parte da elite política romana, é visto como um tirano. Galba, ao buscar reforçar sua imagem com a

virtude da *libertas*, acreditamos que busca representar "the earlier Empire was a stabilizing fiction significant the possibility of knowing truth, it lapsed, with the death of Nero into the formlessness and hence meaninglessness."(HAYNES, 2003, p. 43). Acreditamos que Galba busca simbolizar a liberdade pós governo de um tirano, Nero.

A terceira virtude mais representada em nosso recorte espaço/temporal é a *Virtu*. Ela "was the quality of manly courage displayed in any public action, especially in the performance of military exploits on behalf of the state" (NOREÑA, 2001, p. 159). Esta virtude foi cunhada por quase todos os imperadores, e o motivo, acreditamos, que em função de consolidar as vitórias militares. No caso de Galba, o que leva à queda de Nero é uma rebelião onde ele conduz e lidera diversas batalhas para poder ser aclamado imperador. Esta imagem positiva de vitorioso pelo Estado.

São cunhadas trinta e uma moedas distintas sobre a virtude no governo de Galba. Três destas moedas são associadas honos et virtus. Dentre estas vinte três, foram cunhadas sete na Hispania e dezesseis em Roma. A *virtu* aparece apenas em sestércios cunhados em Roma, no total de cinco moedas, nelas todas são Honos et Virtus. Os denários são as moedas mais cunhadas com esta virtude. Na Hispania, foram cunhadas cinco variações desta moeda. Em Roma, foram cunhadas oito, porém, com a mesma representação. Os Aureus são no número de cinco variações, sendo três cunhadas na Hispania e duas em Roma.

A representação da virtude apresenta três variações principais das moedas cunhadas em Galba possuindo como elementos principais: Uma destas variações apresenta a figura de um homem, nu ou com túnica, segurando uma espada e um *parazonium*, Outra é a uma representação de um corpo masculino, vestido ou não, segurando um globo e uma lança. Nesta representação aparece a vitória. E por fim tem uma terceira representação com um busto, de virtude, utilizando um capacete.



Imagem 7 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 221

Fonte: Disponível em: http://www.wildwinds.com/coins/ric/galba/RIC_0221.jpg. Acesso em 10/07/2017.



Imagem 8 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 30

Fonte: Disponível em: [http://numismatics.org/ocre/id/ric.1\(2\).gal.30](http://numismatics.org/ocre/id/ric.1(2).gal.30). Acesso em 10/07/2017.



Imagem 9 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 93

Fonte: Disponível em: http://www.wildwinds.com/coins/ric/galba/RIC_0093.jpg. Acesso em 10/07/2017.

A moeda *Pax*, apesar de apresentar diversas variações, foi cunhada apenas em Roma. Por quê? Acreditamos que o motivo está relacionado com a imagem de estabilidade e que os conflitos que continuam ocorrendo, mesmo com Galba assumindo o poder, estão se finalizando. Busca passar uma tranquilidade em Roma. Pois em um lugar que está em guerra civil, a *Pax* deve ser almejada. Ela trará estabilidade. Ao recriar a mensagem do que ocorreu após o assassinato de Júlio Cesar, que Roma retornou a uma guerra civil que só acabará com a concentração do poder nas mãos de Augusto, por isso esta virtude está associada em seu reverso ao nome do primeiro imperador romano.

A representação da *Pax* Augusta é de duas formas, com a *pax* sentada e com ela em pé. Nas duas representações ela aparece vestida e segurando em uma de suas mãos um ramo e na outra um caduceu, como podemos ver nas moedas abaixo,



Imagem 10 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 281

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Pax%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29&start=0&lang=pt. Acessado em 10/07/2017.

A *Concordia*, o quinto reverso mais representado, acreditamos que propunha passar a mesma mensagem que *Pax*, só que em relação à pacificação das províncias. Nas moedas da *Concordia* aparece uma mulher sentada, *Concordia*, em uma cadeira segurando um ramo e um cetro.



Imagem 11 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 380

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Concordia%22+AND+%28mint_facet%3A%22Rome%22+OR+mint_facet%3A%22Tarraco%22%29&lang=pt. Acesso em 10/07/2017.

Outras virtudes também foram cunhadas, tais como *Securitas*, *Salus*, *Felicitas*, *Bonus Eventus*, *Pietas* e *Aequitas*. Estas virtudes também são importantes para compreendermos a construção da imagem do imperador mesmo que com baixa variedade de aversos.

A moeda com a legenda *Aequitas*, por exemplo, começa a ser utilizada no império romano com Galba (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 323). Os futuros imperadores a utilizarão com frequência como uma virtude a ser destacada pelo imperador. Noreña destaca que, entre 69 e 235, ela é a virtude que mais aparece nos denários romanos (NOREÑA, 2001, p. 157). Porém, como ela é representada? O que ela significa?

Apesar de *aequitas* se parecer com *Justiça*, ela apresenta algumas distinções: enquanto a *justiça* diz respeito às leis *aequitas* diz respeito ao senso de igualdade da aplicação da justiça. "Esta imagem devia ser trabalhada pelo imperador, pois "the emperor's judicial function was a core element of his civic role and the popular conception of the princeps as a source of justice was fundamental to the emperor's public image." (NOREÑA, 2001, p. 157). Esta percepção é importante, visto que a corte de Nero ganha bastante destaque na condução da política durante seu governo, libertos aparecem desempenhando cada vez mais um papel de protagonista nas relações políticas, visto sua proximidade com o imperador. A proximidade com o imperador representava a ascensão a um número imensurável de privilégios.

Na representação da *Aequitas* normalmente se parece com uma mulher com um balanço, sendo que a balança representa o equilíbrio entre as duas partes, isonomia na decisão a ser tomada. (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 23-26). Abaixo segue um reverso de uma moeda com esta virtude cunhada no governo de Galba:



Imagem 12 - Anverso RIC I (Second Edition) Galba 491

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Aequitas%22.

Acessado em 10/07/2017.

Esta interpretação sobre o que representava a *Aequitas* não é a única. Noreña destaca que a virtude *aequitas* é motivo de muito debate no campo historiográfico que aborda o assunto, para uns ela representa a equidade imperial, em um sentido mais jurídico, outros a entendem como um modelo de administração exemplar. Sua utilização em moedas, segundo o autor, está associada principalmente a esta segunda interpretação. No caso de Galba, a ideia de valorizar a administração do império nas moedas é importante. Vale destacar que um dos motivos da crise que leva à queda de Nero está associada a seus gastos excessivos, a reconstrução de Roma após o incêndio, principalmente da *domus aurea*. Tácito, nos Anais, relata que após o incêndio que se alastrou por dias em Roma, Nero gastou recursos inimagináveis para reconstruir a cidade e também uma suntuosa moradia. Este projeto

devastava a Itália, arruinavam as províncias, os povos aliados, e até as mesmas cidades que se chamavam livres. Nem desta na pilhagem universal escaparam os deuses, porque foram espoliados os templos de Roma, e se lhes roubou todo o ouro que nas diferentes idades, ou por seus triunfos ou por seus votos, o povo romano lhes tinha consagrado na sua boa ou duvidosa fortuna. (Tac, Ann, XV, 45)

O incêndio que devastou Roma, ocorreu em 64, e suas consequências percorrem os anos posteriores. Este é um exemplo de gastos que leva o império a uma crise econômica ocorrida 4 anos antes de Galba assumir. A construção de uma imagem de bom administrador e que os gastos que consumiam o império acabariam era de suma importância.

Segundo Noreña, a utilização de *aequitas* nas cunhagens ocorre pela valorização dos imperadores em construir uma imagem associada à boa administração financeira do império, necessária para que não ocorressem crises econômicas e de abastecimento no território romano (NOREÑA, 2001, p. 158).

Galba utiliza e enfatiza esta mensagem em suas moedas, acreditamos que para reforçar um contraponto ao antigo imperador, Nero. Como uma forma de se destacar e transmitir uma mensagem de que excessos aos cofres romanos não aconteceram. Plutarco, em sua vida sobre Galba, destaca suas qualidades na administração austera (Plut. Galb,3,3). Apesar de ser uma qualidade para um governante, foi visto com maus olhos o fato dele querer conduzir a administração pública com poucos gastos (Plut. Galb,3,4).

Apesar desta virtude ser pouco cunhada no principado de Galba, ela não é confeccionada na *Hispania* e mesmo em Roma ela aparece em cinco exemplares distintos. A presença dela em Roma, acreditamos, reforça a ideia expressa acima.

Pietas é outro exemplo de moeda que em Galba é pouco utilizada mas que será muito difundida entre os imperadores posteriores. Ela é a segunda virtude mais cunhada durante o seu principado. Ela representa, segundo Noreña, "one of the oldest Roman virtues, referred in general to an attitude of devotion, respect and duty toward those to whom one was bound in any way" (NOREÑA, 2001, p. 158). Patrick Kragelund em seu artigo "Galba's "Pietas," Nero's Victims and the Mausoleum of Augustus" complementa ao destacar que a *pietas* denota "tradicionalmente é associada a devoção aos deuses, parentes, pátria e/ou o imperador"(KRIGELUND, 1998, p. 162). A sua utilização na numismática está vinculada à capacidade do imperador em representá-lo como chefe religioso e guardião da tradição religiosa romana, alguém para interceder no plano divino. Representa a obrigação do imperador com os seus súditos e ajuda a legitimá-lo. A utilização de *pietas* por Galba pode ser uma forma de ressaltar uma virtude que não ocorria no governo de Nero. Desta forma Kregeland destaca que a utilização da *pietas* como uma forma deste criar uma imagem de legitimidade de seu governo (KRIGELUND, p. 162-164, 1998). Mas por que Galba não explorou muito esta imagem nas moedas confeccionadas em seu governo? Acreditamos que pelo pouco tempo de seu governo ele possa ter preferido investir em outros elementos de sua imagem.

Enfim, após a análise das virtudes cunhadas em Galba percebemos que ele busca construir uma imagem de recomeço e, por não ter ascendência na dinastia Júlio-Claudio ele busca criar um lastro para sua legitimidade na somatória de diversas virtudes que o tornam apto a governar e o distanciam de seu antecessor.

4.2 ROMA RENASC

Nero, assim como Calígula, Domiiano e Comodo, é retratado como imperadores ruins, principalmente nas fontes escritas, normalmente escritas após a sua morte (HEKSTER; MANDERS; SLOOTJES, 2014, p. 1). Um dos motivos desta perspectiva é em decorrência dos relatos destes imperadores que chegaram aos nossos dias, e que são utilizados pela historiografia, são baseados em fontes escritas, de viés senatorial e escritas posteriormente à morte destes imperadores. Não buscamos aqui analisar se eles eram ou não ruins. Mas o fato de serem representados desta forma nos leva a acreditar que eles não agradaram certos grupos sociais, o que contribuiu para a perpetuação de uma memória negativa dos mesmos.

Nero, por exemplo, matou a mãe, a esposa, o irmão, é acusado de colocar fogo em Roma, Deu muito poder a libertos em detrimento de senadores, cobrou pesados impostos das províncias, acusou e mandou matar muitos ilustres romanos, às vezes, como forma de auto proteção do poder, participou de atos luxuriosos que desonravam as virtudes de um romano, ainda mais de um *princeps*, o primeiro entre os iguais. Todas estas atitudes o levaram a perder diversas bases que o ajudavam a manter no poder. Alguns grupos manifestam certa indisposição para com este imperador. Porém, quem poderia sucedê-lo? Ele não tinha filhos ou outros membros de sua *gens* para o fazê-lo. Este contexto nos transmite uma imagem caótica sobre o império e sem perspectivas. Os anos de 68 e 69 foram muito conturbados no Império Romano. Porém, longe dali, na Hispania, surgirá um novo imperador. Nero será deposto e seu sucessor é aclamado fora de Roma. Este, não possui vínculo com a *gens* Júlio-Claudio. Em meio a tantas mudanças e incertezas o que será de Roma?

O cenário político romano com a morte de Nero, mas que pode ser aplicado a outros imperadores também é reconfigurada: exílios são suspensos, delatores punidos e julgamentos revistos. Libertos é pessoas próximas ao imperador de baixo status jurídico sofrem perseguições e punições quanto membros de um alto status jurídico costumam promover sem grande retaliação a transição de um governo ao outro (KRAGELUND, 1998, p. 153-154). Na pratica é reescrito o passado recente. Por exemplo: pessoas que não puderam receber funerais e enterros dignos o recebem, pessoas que tiveram os nomes apagados são lembrados e as vezes o imperador considerado um tirano que promoveu tudo isso tenta ser apagado da memória coletiva, através da destruição de estatuas, menções e documentos. Kragelund acentua que Galba representa como alternativa a dar voz a aristocracia senatorial romana ao construir uma imagem sobre si de restaurador da República (KRIGELUND, p. 160-162, 1998). Neste contexto, após Galba assumir o poder é criado uma moeda que busca propagandear uma solução: ROMA RENASC.

Esta moeda não foi utilizada antes deste imperador. Ela apresenta a vinculação de vários elementos já conhecidos da numária romana para construir uma mensagem que Roma e o império voltaram a se estabilizar. Este contexto caótico chegará ao fim. As moedas que utilizam da memória coletiva para fazer alusões ao tempo presente, no caso desta moeda, a mensagem é que após um ciclo de imperadores cheios de vícios, Roma se reerguerá.

As moedas roma renasc foram cunhadas tanto na Hispania quanto em Roma. Elas estão cunhadas em aureus, dez variações, e denarius, dezoito variações. No gráfico abaixo, apresentamos a concentração deste tipo de anverso nestes dois locais.

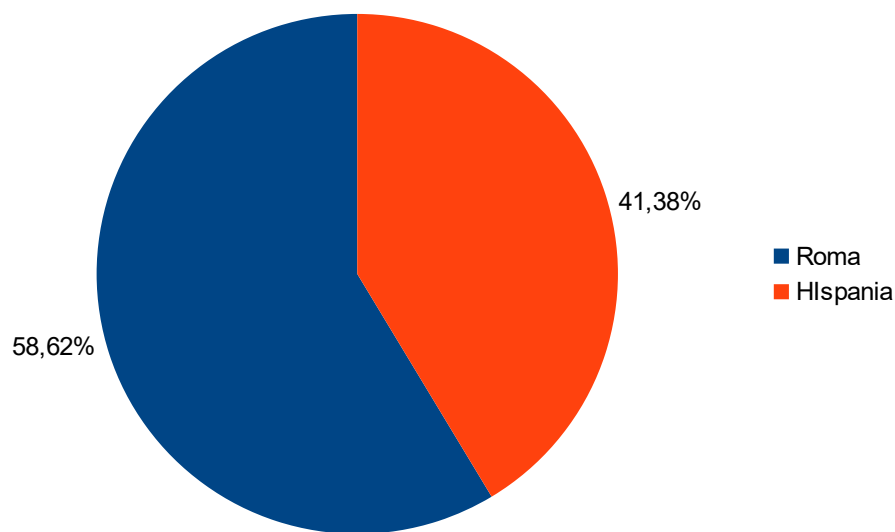


Gráfico 6 - Moedas Roma Renasc cunhadas em Roma e na Hispania

Fonte:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Roma%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29&start=20

Elas representam cinco por cento das moedas cunhadas durante o governo de Galba. Mas como era esta moeda?

4.2.1 As moedas Roma Renasc.

A representação da Roma Renasc apresenta duas variações: Roma vestida com trajes militares, segurando uma lança em uma mão e na outra um globo e Vitória, podendo estar parada ou em movimento. A outra representação de roma renasc apresenta os mesmos

elementos, só que ao invés de uma lança ela segura um aquilífero, cetro com uma águia, símbolo das legiões. Já que esta moeda apresenta um símbolo novo, ela utiliza de elementos já conhecidos dos habitantes do império: Roma, vitória, a lança e o aquilífero.

Através da leitura de seus anversos, percebemos que ela foi cunhada em vários momentos distintos do governo de Galba. Neste lado da moeda notamos as inscrições: GALBA IMPERATOR, SER GALBA IMP CAESAR AVG P M TR P, IMP SER GALBA AVG. Acreditamos que a reutilização desta mensagem está associada com o acúmulo de cargos na figura de Galba.

Esta moeda é a que mais apresenta variações entre os aureus cunhados durante o governo de Galba, o que pode significar a quem esta mensagem era direcionada. Por ser uma moeda de maior valor, acreditamos que ela circulava mais entre pessoas com maior poder econômico. E quais eram as suas preocupações? Esta mensagem de renascimento de Roma poderia ser uma propaganda para receber apoio destas elites, facilitando a governança de Galba.

Abaixo, apresentamos as duas variações das moedas Roma Renasc



Imagem 13 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 28

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Roma%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29&start=0. Acessado em 10/07/2017.



Imagem 14 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 160

Fonte: Disponível em: http://numismatics.org/ocre/results?q=galba%20AND%20deity_facet%3A%22Roma%22%20AND%20%28mint_facet%3A%22Rome%22%20OR%20mint_facet%3A%22Tarraco%22%29&start=0. Acesso em 10/07/2017.

Mas o que ela significa? Nós podemos lê-la como a volta da liberdade que foi cerceada por Nero voltaria, que haveria paz dentro do território e que Roma voltaria a ser o que era após anos de tirania dos sucessores de Augusto. A utilização do aquilífero pode simbolizar o apoio do Exército romano, visto que este é um símbolo utilizado pelas legiões romanas, e a lança uma arma também do Exército assim como os trajes que Roma utiliza. Isto pode ser significativo, visto que Nero havia perdido o apoio de parte do Exército e estes elementos podem associar a imagem de apoio que Galba recebia dele, dificultando o surgimento de uma guerra civil. Tanto nas guerras civis que Júlio Cesar e Augusto se envolveram o papel do Exército foi importante. A imagem da vitória, neste contexto, ajuda a passar esta imagem de sucesso na pacificação do império. Bem, esta é nossa hipótese de leitura desta moeda, pensando nela como uma veículo de propaganda.

4.3 HISPANIA

As moedas que fazem referência à Hispania são importantes devido ao fato de Galba ser aclamado imperador fora de Roma. Até então, isto é algo inédito no contexto político do Império Romano. Ocorre uma nova lógica de ascensão ao título de imperador. Não que nenhum imperador antes de Nero não tenha sido assassinado, mas todos foram eleitos dentro da casa Júlio-Claudio.

A moeda com o símbolo referente à *Hispania* foi cunhada tanto em Roma, 9 exemplares, quanto na própria província da *Hispania*, 11 exemplares. Ao analisarmos suas legendas percebemos que ela foi confeccionada antes e após Galba assumir o poder. Ela é relevante pois serviu de plataforma para expressar as intenções de Galba com o império. Em Roma, sua cunhagem não é tão expressiva mas na Hispania sim. Como podemos perceber no gráfico abaixo:

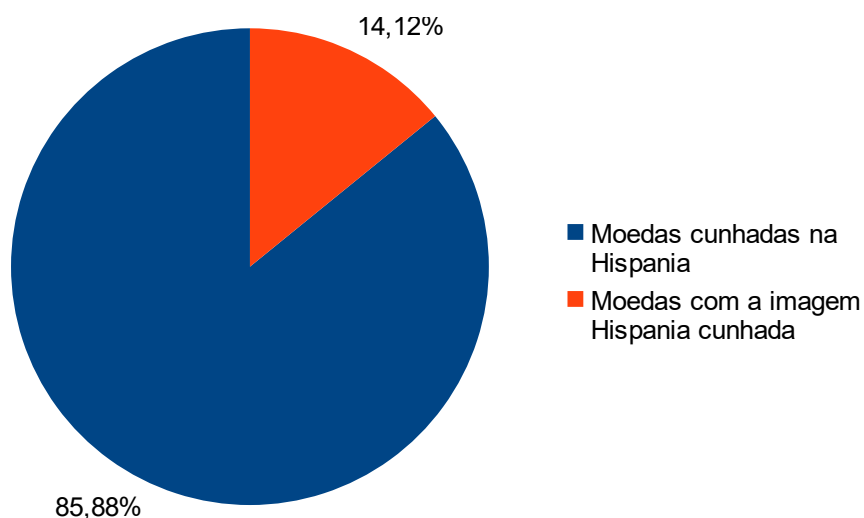
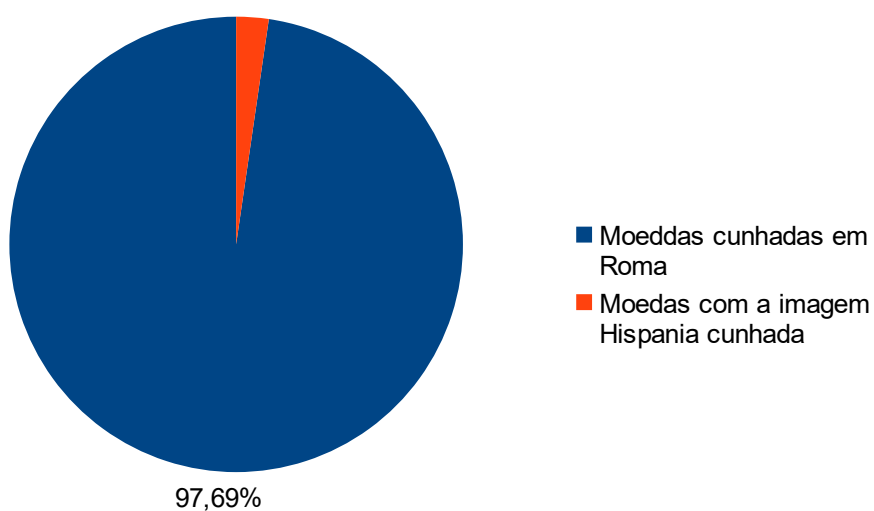


Gráfico 7 - Moedas com o cunho da imagem da Hispania

Fonte:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Hispania%22+AND+%28mint_facet%3A%22Rome%22+OR+mint_facet%3A%22Tarraco%22%29



8 - Moedas com o cunho da imagem da Hispania em Roma

Fonte: http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Hispania%22+AND+%28mint_facet%3A%22Rome%22+OR+mint_facet%3A%22Tarraco%22%29

Mas porque esta diferença? Um dos fatores é que, primeiramente, Galba, ao participar da revolta de Vindex conta com apoio das elites locais. Porém, acreditamos que a utilização desta imagem possuía significados distintos em Roma e na Hispania. Em Roma, ela buscava ressaltar e explicar quem é Galba, de onde veio e o que ele fez pela Res Publica. Já nas cunhadas na Hispania, acreditamos que visava destacar a luta e o posicionamento da província perante o governo de Nero, a princípio, e depois ressaltar a importância da mesma luta na consolidação do imperador.

Fabiola Salcedo Garces em seu artigo

La Hispania Barbara e la Hispania Civilizada: la imagen de un concepto"(1996) destaca que "la imagen civilizada de Hispania es utilizada como propaganda politica em tiempos de la insurrección hispano-gala contra Nero. El reflejo de este acontecimiento se manifestó en las series acuñadas en Hispania e Galia por los seguidores de Galba y Vindex, respectivamente en el 68 d.C. (SALCEDO GARCES, 1995-96, p. 188)

O que, em nossa opinião é muito significativo, pois mostra como as moedas são relevantes na propaganda e difusão de uma ideia e acontecimento, a aclamação do imperador repassa esta informação a todos os cantos do império e tenta explicar uma nova lógica. Busca dar uma origem ao novo imperador, torná-lo conhecido pelas massas do império. Pois, "no império a moeda teve um papel importantíssimo como veículo de propaganda dos feitos do soberano e do ideário romano, funcionando a imagem do imperador, como representante máximo da coesão política dos territórios romanizados." (SOUZA, 2012, p. 1).

A representação da Hispania apresenta elementos locais em sua construção imagética e valoriza a ideia de romanização, como um lugar onde seus cidadãos não são menores em relação aos que vivem na capital do império. O que o torna apto e legítimo como imperador mesmo legitimado, a princípio, em uma distante província. "A moeda, acessível a todos os estratos sociais, e circulando em todo o vasto território do Império, permitia identificar um indivíduo concreto, com características físicas muito personalizadas, como senhor absoluto, divino e com poderes ilimitados." (SOUZA, 2012 p.1), Galba busca construir ao vincular sua imagem à *Hispania* também.

Porém, as moedas com a cunhagem da *Hispania* apresentam algumas particularidades que analisaremos a seguir.

4.3.1 A *Hispania* nas moedas

A *Hispania* é representada de diversas formas distintas. A maioria das moedas cunhadas que carregam este símbolo são denários, dezesseis, e três são aureus. Ocorrendo cinco variações na simbologia das moedas. As representações onde aparece apenas seu busto, no anverso, com duas lanças, um escudo circular. Outra representação aparece *Hispania*, de corpo inteiro, segurando as duas lanças, o escudo e um ramo de trigo e outra, que aparece no anverso, o busto da *Hispania*, como descrito anteriormente, e no reverso, um escudo celtibero com duas lanças e a inscrição SQPR abreviação da frase *Senatus Populusque Romanus* (*O Senado e o Povo Romano*) e uma moeda onde a *Hispania* é associada à Gália. As moedas cunhadas na Hispania apresentam uma variação maior do que em Roma. Enquanto nas moedas cunhadas na Hispania temos quatro modelos de aversos distintos e um incerto, em Roma, há apenas um modelo de moeda com esta legenda e este grupo simbólico.

A Hispania foi cunhada em sua maioria em denarius, dezesseis, e aparecem alguns exemplares em aureus, quatro, sendo que todos se referem a uma representação da Hispania de corpo inteiro, dois cunhados em Roma e dois em Tarraco. Na tabela abaixo levantamos e dividimos as cunhagens da Hispania em quatro grupos, destacando onde cada um foi cunhado.

<i>Hispania</i> cunhada em Roma e <i>Hispania</i>			
Tipo da moeda	Roma	<i>Hispania</i>	Total
Busto da <i>Hispania</i> com a imagem de Galba de corpo inteiro (reverso)	0	3	3
<i>Hispania</i> de corpo inteiro	9	4	13
<i>Hispania</i> e Galia	0	4	4
busto da Hispania (anverso) e escudo com lanças	?	?	1

Tabela 2 - Virtudes cunhadas em Roma e na *Hispania*

Fonte: <http://numismatics.org/ocre/results?q=galba>

Podemos perceber que as mensagens construídas em Roma e na Hispania são distintas. Enquanto em Roma é representada a Hispania vinculada à imagem de Galba, provavelmente para criar uma trajetória para o imperador de sua carreira política, as da Hispania buscam explorar, além deste elemento, a importância da província no apoio ao novo *princeps* em se legitimar ao poder. Temos ainda uma moeda que ressalta elementos regionais e romanos da província Hispania cunhada provavelmente no período entre Galba se rebelar contra Nero e

ele assumir o seu posto. Apesar de sua origem de cunhagem ser desconhecida, ela contém elementos interessantes para serem analisados e tem uma certa probabilidade de ter sido cunhada na Hispania. Por isso, a incluímos em nossa análise.

Em todas estas moedas temos em comum a presença da legenda e um conjunto de imagens que representam a Hispania. A construção imagética da Hispania é composta por elementos que buscam ressaltar elementos, tanto signos da romanização, uma matrona romana com seus cabelos amarrados, quanto das locais, ramo de trigo e armas provavelmente de origem celtibérica, ao se construir a representação desta imagem na Roma Antiga.

A primeira representação da Hispania é de um busto de uma mulher de cabelo solto utilizada em um denário em 81 a.C. Esta representação é emblemática pois tem um caráter político militar. Busca mostrar o poder da vitória de Roma e pacificação da Hispania. Nas representações da Hispania é comum aparecer o caráter bélico, a lança e a caetra (escudo utilizado por povos que viviam na Hispania) e o trigo, produto característico da região. Esta imagem será replicada em moedas e estátuas desde então. As moedas cunhadas sobre o governo de Galba utilizam destes elementos simbólicos.

A representação da *Hispania* está inserida em um contexto de administração e domínio romano sobre suas províncias, nestas representações busca-se ressaltar elementos locais e elementos romanos como forma de marcar o domínio de Roma. Segundo Salcedo Garcés,

El reflejo iconográfico de ello fue la formulación visual de las provincias y naciones de manera particularizada, individualizada, resaltando, en cada caso, elementos típicos de cada provincia y trascendiendo las fórmulas iconográficas genéricas de bárbaros cautivos encadenados a trofeos (SALCEDO GARCÉS, 1996-96, p. 183)

A representação mais recorrente da Hispânia nas moedas de Galba apresenta Hispania em pé com um ramo de trigo, duas lanças e um escudo. Esta moeda aparecerá cunhada em Roma e na Hispania apresentando uma pequena variação na primeira, por apresentar as lanças levemente inclinadas. Este modelo de moeda é a que apresenta um número maior de variações, em relação ao seu averso, sendo provavelmente a moeda mais cunhada dentre as deste tipo. Em seu averso, a imagem do busto de Galba aparece com uma variação de legenda que nos dá a entender que ela foi utilizada em várias ocasiões distintas. Onde aparecem as legendas GALBA IMP, SERVIS GALBA IMPERATOR, SER GALBA CAESAR AVG e IMP SER GALBA AVG, destacamos que a cunhagem repetida deste reverso em diversos momentos da consolidação do poder de Galba, ao acumular títulos, pode representar a necessidade da associação da sua imagem à província que governou. Ajudar a explicar de onde veio e qual era a sua capacidade administrativa.

Abaixo, apresentamos duas imagens destas moedas, a primeira cunhada em Hispania e a segunda em Roma, nas quais podemos perceber a variação em relação às lanças destacada anteriormente.



Imagem 15 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 19

Fonte:

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Hispania%22. Acesso em 10/07/2017.



Imagem 16 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 20

Disponível

em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Hispania%22. Acessado em 10/07/2017.

A moeda GALIA HISPANIA é a segunda a possuir mais variações. Este modelo de moeda não aparece com exemplares cunhados em Roma e suas quatro variações são relativas a cunhagens feitas na Hispania. Esta moeda faz referência ao início da revolta de Vindex e à ascensão de Galba ao poder. A atuação destas duas províncias, Galia e da Hispania, é fundamental neste processo de aclamação de um novo imperador. Na moeda abaixo, vemos Galia e Hispania de frente uma com a outra dando as mãos (símbolo de aliança), ambas armadas, Galia com um cetro e a Hispania com o escudo e a lança e a legenda das duas províncias acompanhando a imagem das figuras.



Imagem 17 - Reverso RIC I (Second Edition) Galba 18

Fonte: Disponível em:

http://numismatics.org/ocre/results?q=galba+AND+deity_facet%3A%22Hispania%22. Acesso em 10/07/2017.

Nesta moeda, percebemos um "claro documento de la alianza entre Galia e Hispania - aparecen en el anverso los bustos de Hispania y Galia afrontados. (SALCEDO GARCES, 1995-96, p. 188). Nela notamos a importância da construção da imagem que estas províncias buscam ressaltar na legitimação de Galba. Ela pode ser lida como uma mensagem sobre o que Roma pode voltar a prosperar graças ao apoio que elas deram na chegada ao poder de Galba. Outra hipótese de leitura é que esta moeda busca enaltecer a importância da elite destas duas províncias ao vinculá-las à memória coletiva da consolidação do poder do atual imperador, principalmente no caráter regional. Acreditamos esta segunda hipótese como mais plausível, pois,

"La elección de estos atributos tiene un valor funcional derivado del papel que ambas provincias debían desempeñar en la revuelta. La insurrección armada fue iniciativa de Vindex. La aportación de Hispania fue, además de la dirección de la misma, el aprovisionamiento material"(SALCEDO GARCES, 1995-96, p. 188)

As primeiras representações da Hispania em que Galba aparece aclamado imperador possuem uma tipologia invertida. Normalmente os bustos são vistos no anverso e a imagem contendo alguma informação no reverso. Nestas não.



Imagem 18 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Galba 1

Fonte: Disponível em: http://www.wildwinds.com/coins/ric/galba/RIC_001.jpg. Acesso em 10/07/2017.

Nesta moeda, o anverso é composto por uma legenda: GALBA IMP[erator] escrita na parte superior e vemos a imagem de um homem, Galba, em trajes militares com seu braço direito esticado para traz montado em um cavalo. Esta representação, do imperador montado no cavalo nas culturas mediterrâneas, tem o significado de autoridade e poder (CARLAN, 2012, p. 63). Esta moeda só foi cunhada na *Hispania*.

Outra representação numismática da Hispania ocorre sem a menção de Galba na moeda. Nela, aparecem apenas elementos relativos a esta simbiose de símbolos locais e romanos. Wallace-Hadrill em *Rome Cultural Revolution* destaca que esta prática é comum no império. Pois nele se busca gerar uma sensação de pertencimento ao associar elementos já existentes na cultura romana com símbolos de novos grupos sociais que ganham destaque (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 36-37). Este tipo de análise nos permite compreender a formulação e a aceitação de cunhagem de moedas como esta. Esta moeda surge durante o período da guerra civil, pois após "a la muerte de Nerón, el 9 de junio del 68, Galba fue proclamado Princeps por el Senado, abandonando entonces el título de legatus SPQR y asumiendo ya el de Caesar y Augustus que anteriormente había rechazado." (SALCEDO GARCÉS, 1995-96, p. 188). O local de cunhagem é incerto mas elementos que ela apresenta e o contexto político da época dizem que ela pode ter sido cunhada na Hispania.



Imagem 19 - Anverso e reverso RIC I (Second Edition) Civil War 135

Disponível em: <http://numismatics.org/ocre/results?q=hispania>. Acessado em 10/07/2017.

No anverso, temos o busto da Hispania com o louro sobre a cabeça, símbolo utilizado para representar o imperador, um ramo de trigo e a inscrição em torno da moeda, HISPANIA S C, um escudo, duas lanças. Já no reverso, temos um escudo com duas lanças cruzadas e a inscrição SQPR, que é a abreviação da frase *Senatus Populusque Romanus* (*O Senado e o Povo Romano*).

Segundo Salcedo Garces, "ellas muestra una Hispania acompañada de dos atributos bélicos -las lanzas y la caetra - y de otro cuya alusión directa es la producción de trigo característica de la provincia: las espigas." (SALCEDO GARCES, 1995-96, p. 188).

Neste capítulo, analisamos de maneira empírica o que havíamos discutido nos capítulos anteriores: as moedas como fonte de propaganda na consolidação e legitimação do poder imperial de Galba. Buscamos levantar dados que nos ajudem a entender o que era utilizado e sua importância na construção de uma imagem pública deste imperador perante os desafios de quebrar uma lógica já estabelecida de sucessão imperial. Percebemos a tentativa de agregar valores que o tornam apto a governar e ao mesmo tempo o distinguem e marcam um distanciamento das características da dinastia anterior que levaram Roma a uma guerra civil.

5 GALBA VAI À ESCOLA

A educação no século XXI tem grandes desafios à sua frente. Um deles é a introdução do mundo digital e sua ilimitada gama de opções no ambiente escolar. Destacamos a importância deste debate, visto que o aluno deve sair da escola não apenas dominando minimamente o currículo formal, mas preparado para o mundo que está por descobrir e viver. Neste aspecto, é importante que o aluno saia da escola familiarizado com o mundo digital e sua utilização no dia a dia.

Rosmary Wagner Pereira, em seu artigo “*WebQuest: ferramenta pedagógica para o professor*”, chama a atenção para o descompasso entre as novas tecnologias e sua utilização pela educação (PEREIRA, 2009, p. 1). Em um mundo cada vez mais digital, vemos nas escolas um ambiente que podemos considerar “retrógrado”. Neste sentido, podemos exemplificar a proibição da utilização do celular em sala de aula, falta de salas de informática minimamente equipadas, internet limitada e falta de aparelhos de Datashow. E costuma-se ouvir as perguntas: “Por que os professores não dão aulas diversificadas, que atendam às necessidades dos alunos?”, “por que o professor não utiliza das novas tecnologias em suas aulas?”

Os professores possuem certas dificuldades que podem atrapalhar a introdução de novas tecnologias em suas aulas, tais como: baixa remuneração da docência em nosso país (o que pode inviabilizar e/ou dificultar o acesso a estas tecnologias), o excesso de carga horária a que os docentes são submetidos (dificultando a familiaridade com novas tecnologias) e o fato de que em muitas partes do Brasil o acesso à tecnologia e internet é relativamente recente (muitos professores foram formados como docentes em um ambiente de baixa utilização de tecnologia), além de haver baixo incentivo a professores se capacitarem nestas tecnologias.

Neste aspecto, Pereira destaca a posição de Moura ao elencar as dificuldades que inviabilizam a utilização destes recursos por parte dos professores, ressalta a visão dos mesmos sobre o uso destas tecnologias, destacando algumas falhas:

- Falha de propósito: quando o professor não enxerga a utilização das tecnologias como importante no processo pedagógico.
- Falha do método: utilização equivocada das tecnologias no ambiente escolar.
- Falha na significação: não explícita com clareza os motivos da utilização de um suporte tecnológico em sala de aula. (PEREIRA, 2009, p.p. 13-4)

Apesar destes problemas que tangem o aspecto da utilização de tecnologia em sala de aula, que é um dos muitos desafios a serem superados pela Educação em nosso país, devemos destacar contribuições e discussões pois, mesmo em meio às adversidades, devemos lutar para garantir um ensino de qualidade aos nossos alunos.

A criação de um objeto de aprendizagem foi uma exigência do Mestrado Profissional em História Ibérica, da Universidade Federal de Alfenas. Devendo o tema discutido na dissertação ser convertido, de alguma maneira, em uma temática que possa ser abordada em salas de aula do Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio. Esta proposta visa ampliar o acesso a discussões que poderiam ficar presas dentro dos muros da academia. Também busca debater sobre a utilização de objetos de aprendizagem pautados em meios digitais. Tema que vem crescendo no meio acadêmico, mas que encontra diversas barreiras em ser introduzido em escolas de Ensino Fundamental II e Médio.

Desta maneira, criamos um objeto cujo tema é a utilização de moedas como forma de construção e propaganda do poder no Império Romano. O objeto está vinculado com a temática que foi discutida nos capítulos anteriores e destacamos que as moedas podem ser utilizadas como documento histórico e fonte de pesquisa. Aqui, não pensaremos na moeda apenas no seu sentido monetário. Ao utilizarmos em sala de aula, buscamos incentivar a curiosidade do aluno e, de maneira lúdica, identificar os valores propagandísticos e de poder presentes em qualquer moeda. Para isso, será construído um objeto de aprendizagem que dê destaque a estes aspectos através de moedas romanas.

Roma aparece nos livros didáticos nos livros do sexto ano e do primeiro colegial do ensino médio. Nós criamos uma webquest para ser utilizada em cada uma destas séries, onde, a abordagem dada ao tema também nos parece que se aplica melhor a alunos entre onze e doze anos. Este material deve ser utilizado de maneira complementar ao que o aluno está estudando em sala de aula.

Buscamos, com a elaboração deste objeto de aprendizagem, que o aluno desenvolva determinadas competências e habilidades, tais como:

- Analisar como a imagem pública de um governante é construída e a sua importância para a governabilidade.
- Identificar a possibilidade da utilização de símbolos de poder em uma fonte material, moeda.
- Propor a criação destes símbolos de maneira consciente ao aluno.
- Enumerar a presença de algumas características que legitimam o imperador romano.

Mas em que uma webquest pode contribuir no aprendizado do aluno?

As discussões relativas à aprendizagem são sempre polêmicas. Pois há sempre divergências devido à formação variada de seus interlocutores, suas perspectivas teóricas e distanciamento entre as discussões geridas no meio acadêmico e da realidade vivida pelas escolas. Neste contexto, a elaboração de nosso objeto de aprendizagem tem como objetivo levar o aluno a uma aprendizagem significativa. Que contribua em uma formação crítica e autônoma perante o mundo que o rodeia.

Sobre o ponto de vista psicopedagógico, destacamos a aprendizagem significativa, na qual o aluno não é apenas um receptor de conhecimentos, mas um elemento importante na construção do saber. Assim, a utilização do conceito de aprendizagem significativa é uma importante ferramenta de análise e compreensão da educação nos dias de hoje. Mas o que seria esta educação significativa?

César Coll, em seu livro *“Significado e Sentido na Aprendizagem Escolar. Reflexões em Torno da Aprendizagem Significativa”*, propõe um importante debate acerca deste conceito que apresenta vários significados ao longo da história do pensamento educacional. Coll realiza uma análise histórica deste conceito, cuja primeira utilização surge no início do século XX e, influenciada pelo pensamento de Rosseau, propõe “o princípio da autoestruturação do conhecimento, isto é, veem o aluno como verdadeiro agente e o responsável último do seu próprio processo de aprendizagem.” (COLL, 1994, p. 146) Uma segunda corrente surgida na década de setenta, influenciada pelo pensamento de Bruner, busca que o aluno “adquirir o conhecimento pelos seus próprios meios” (COLL, 1994, p. 146). E uma terceira, de um viés piagetiano, dos métodos ativos de constante reconstrução do que é aprendido (COLL, 1994, p. 146).

Devemos questionar a ideia de que a aprendizagem significativa é apenas o processo cognitivo do aluno mediando o ensino. Pois a elaboração dos significados dos alunos não é só assimilar o novo em relação ao já aprendido. A relação entre o professor e aluno é importante para uma educação significativa, já que devemos relacionar a maneira como o professor apresenta a atividade com a forma como o aluno interpreta a intenção do professor para que exista um intercâmbio de informações no qual o aluno “atribui um sentido e constrói alguns significados, isto é, realiza algumas aprendizagens com um determinado grau de significância” (COLL, 1994, p. 155).

Assim, para uma aprendizagem significativa, é preciso ensinar o aluno a aprender a aprender. Coll ressalta os vários agentes envolvidos na aprendizagem e, principalmente, como o aluno dá sentido à experiência da aprendizagem.

Primeiramente, devemos compreender que a aprendizagem significativa deve ser analisada por um viés qualitativo. Devemos fugir do pensamento de que tudo é como ensinamos na avaliação do aluno e devemos valorizar como o aluno absorve o que foi aprendido. Outro ponto que devemos ter cuidado diz respeito a acharmos que devemos apenas apresentar os conteúdos de aprendizagem para que o aluno se desenvolva sozinho. Também não devemos negligenciar que os significados criados pelos alunos são criações culturais de onde aluno e professor estão inseridos.

Tomado os devidos cuidados elencados há pouco, devemos ter em mente que o significado que o aluno produz é relativo à interação de três variáveis: o aluno, o conteúdo e o professor. Apesar de o aluno

ser responsável final da aprendizagem em que constrói seu conhecimento, atribuindo sentido e significado aos conteúdos do ensino, mas é o professor quem determina, com sua atuação, com o seu ensino, que as atividades nas quais o aluno participa possibilitem um maior ou menor grau de amplitude e profundidade dos significados construídos e, sobretudo, quem assume a responsabilidade de orientar esta construção numa determinada direção(COLL, 1994, p. 156)

Muitos dos conteúdos ensinados nos dias de hoje e, principalmente na forma como eles são ensinados, fazem com que o aluno atribua sentido ao que lhe ensino. Não queremos dizer que os conteúdos não são importantes, mas caso o aluno não lhe atribua valor, para quem o professor ensina? Os objetivos do professor e do aluno, o que cada um entende como fundamental e o que os motiva são distintos. Este hiato na comunicação tende a não formar o aluno e a frustrar o professor.

Nós vivemos em um mundo de circulação de notícias cada vez mais rápido. Os alunos estão, cada vez mais novos, inseridos em um mundo de tablets e computadores. Neste aspecto, ressaltamos a importância do objeto de aprendizagem, utilizar de meios e/ou suportes digitais pode ser uma saída, um passo para motivar o aluno a experimentar o aprender. Nosso objeto de aprendizagem utiliza do computador e da internet como forma de introduzir o aluno às possibilidades de aprender, utilizando recursos que, muitas vezes, ele tem à disposição. A criação de um objeto de aprendizagem pautado no meio digital deve apresentar ao aluno formas de aprender em meio às novas tecnologias.

Alice Virgínia Brito de Oliveira, Carmen Lúcia de Araújo Oliveira e Luís Paulo Leopoldo Mecadante colaboram com esta discussão ao analisarem a utilização da internet como meio de aprendizagem. Os autores destacam que há um distanciamento de recursos digitais e a sala de aula. A internet, por exemplo, oferece diversos recursos para tornar o ensino mais atraente ao aluno, cabe ao docente descobrir a melhor forma de utilizá-lo.

(OLIVEIRA; OLIVEIRA; MERCADANTE, 2016, p. 2) No caso do ensino de História, especificamente, o aluno se pergunta sobre a importância do passado em meio a constantes inovações. De maneira mais ampla, por que aprender isso se tem em sites de busca?

No século XXI, um dos desafios da educação é sobre a velocidade de produção e acesso ao conhecimento, pois "o conhecimento histórico precisa ser trabalhado, também, atendendo às modificações culturais, sociais, políticas e econômicas que interferem diretamente na educação."(OLIVEIRA; OLIVEIRA; MERCADANTE; 2016, p. 2) Muito se vem pesquisando sobre a utilização de novas práticas pedagógicas, pois a função do professor vem mudando nas últimas décadas, ele perdeu o papel de "dono do saber" e deve desempenhar um papel de "facilitador do saber", guiando os alunos na aquisição do conhecimento.

Pesquisas sobre a utilização de computadores no ambiente educacional vêm crescendo nos últimos anos. Porém, no ambiente escolar, esta introdução é complexa, devido ao conservadorismo do regime escolar, dificuldades na implementação (por questões físicas da escola e/ou metodológicas), dificuldade na avaliação da eficiência da utilização destes recursos, dificuldade na implementação destas tecnologias na prática docente. (PEREIRA, 2009, p. 11-12). Porém, mesmo com estas dificuldades a escola não pode ficar à margem do mundo digital e excluí-lo.

Caso analisemos apenas o uso do computador, Pereira explicita a posição de Valente sobre as possibilidades da sua utilização em ambientes educacionais de cinco maneiras distintas: Programas tutoriais, programas de exercício e prática, jogos educacionais, simulação e computador como ferramenta.

Programas tutoriais são aqueles em que um programa de computador explica e conduz a introdução de um conteúdo através de animações, áudio e/ou imagens. Programas de exercício e prática buscam consolidar algum conteúdo visto pelo aluno. Normalmente envolvem técnicas que buscam pela repetição e memorização do aluno. Podendo ser ou não na forma de jogos. Os jogos educacionais buscam levar o aluno a aprender através do jogo, sem a necessidade de explicação de um terceiro, algum aspecto do conteúdo a ser ensinado. Já a simulação propõe colocar o aluno em situações fictícias, baseadas ou não em alguma realidade temporal, onde ele se depara com algum problema, risco, e, através de suas ações, ele busca uma solução. E, por fim, o computador, como ferramenta, é utilizado da mesma maneira que um lápis, o aprendizado ocorre pelo intermédio do computador. Por exemplo, escrever uma redação utilizando algum editor de texto, etc. (PEREIRA, 2009, p.p. 6-8)

Os autores Adaiane Giovani e Fábio André Hahn, em seu artigo *“A webquest e a educação de histórica: como os alunos aprendem história com as novas tecnologias?”* discutem a importância da utilização de novas formas de ensino e aprendizagem no campo da história. (GIOVANI; HAHN; 2014, p. 2-3) Diante deste problema, nosso objeto de aprendizagem busca contribuir nesta discussão. Assim, propomos a utilização de uma metodologia, que será discutida posteriormente, da WebQuest.

A WebQuest foi criada nos Estados Unidos da América pelo professor Bernie Dodge e Tom March, e tinha como intenção tornar o aluno mais autônomo em relação às informações que ele pode adquirir na internet e contribuir no seu desenvolvimento cognitivo (GIOVANI; HAHN; 2014, p. 7). A WebQuest consiste em utilizar a internet como meio de pesquisa, e se propõe um problema a ser solucionado pelos alunos com o auxílio da internet. Esta metodologia utiliza da aprendizagem significativa, pois "a metodologia WQ tem como base princípios construtivistas, na medida em que o docente assume o papel de mediador do processo de aprendizagem, estimulando o estudante a questionar, averiguar, investigar" (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MERCADANTE, 2016, p. 3). "Uma WQ é uma atividade investigativa, em que as informações com que os estudantes interagem provém da Internet. Sua elaboração prévia pelo docente permite a apresentação de desafios aos estudantes, relativos ao contexto no qual estão inseridos. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MERCADANTE, 2016, p. 3)"

Segundo Giovani e Hahn a importância da utilização de uma metodologia de ensino pautada no WebQuest busca

"superar o enrijecimento da prática de ensino tradicional tão presente no cotidiano escolar, no qual a verticalização do saber tem sufocado as possibilidades de aprendizagem efetiva, e neste caso, de uma aprendizagem histórica, que, para além do acesso a informação, necessita da assimilação e apropriação dos fatos por parte do aluno, de maneira que se possa contribuir para a sua própria formação." (GIOVANI; HAHN, 2014, p. 4)

As possibilidades da utilização da WebQuest pelo professor são múltiplas: trabalho individual ou coletivo; a utilização de várias linguagens, interdisciplinaridade, a utilização em qualquer nível de ensino e possibilidades da utilização da tecnologia em sala de aula. (GIOVANI; HAHN, 2014, p. 8)

Esta metodologia utiliza da internet para a resolução de algum problema proposto pelo professor e possibilita a utilização do computador de maneira variada, podendo ser utilizado em qualquer uma das formas propostas no parágrafo anterior. Não propomos com nosso

objeto de aprendizagem reinventar a roda, mas sim apresentar uma possibilidade de utilização de uma metodologia pautada na tecnologia que pode ser facilmente implementada, caso o professor queira, em seu repertório didático.

As contribuições da metodologia da WebQuest seriam: aproximação do conteúdo estudado com a realidade digital tão presente em nossa juventude; desenvolver a capacidade do aluno de utilizar a internet como forma de produção do conhecimento, estimular a habilidade cognitiva dos jovens, possibilidades de um ensino multidisciplinar e desenvolvimento da imaginação histórica. (GIOVANI; HAHN, 2014, p. 2-5).

Alice Virgínia Brito de Oliveira, Carmen Lúcia de Araújo Oliveira e Luís Paulo Leopoldo Mecadante pontuam as vantagens e limitações da utilização desta metodologia. A vantagem é que ela pode ser aplicada a qualquer faixa etária, quebra a rotina da sala de aula, oferece modos cooperativos, aumenta a autonomia do aluno para solucionar problemas utilizando a internet, bem como filtrar as fontes de pesquisa. Porém, os autores apontam como limitações das WebQuests a total compreensão do docente em como realizar uma WebQuest, limitações estruturais em relação aos computadores e à internet. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; MERCADANTE, 2016, p. 10).

Enfim, na Webquest, o professor não deve ser o agente principal na construção do conhecimento e sim um mediador e condutor do aluno em sua construção do conhecimento para que ambos compartilhem, de maneira mais ampla, os significados em relação aos conteúdos. Esta condução ocorre através da utilização da internet. A utilização das WebQuests visa desenvolver a capacidade de pesquisa do aluno, possibilitando que ele crie um objeto com o qual ele está aprendendo e se mostra um efetivo método para incorporar a tecnologia em sala de aula. (VANGURI; SUNAL; WILSON; WRIGHT, 2004, p. 2-3)

Nos últimos anos, vem crescendo o número de pesquisas em História Antiga no Brasil, mesmo com as diversas limitações impostas a nossos pesquisadores: pouca bibliografia traduzida, dificuldade em acesso à produção feita no exterior, falta de incentivos à pesquisa. Neste contexto, percebe-se que a grande maioria das pesquisas realizadas no Brasil em História Antiga utiliza de fontes escritas, apesar de um crescente interesse em pesquisas arqueológicas. Assim, muitas pesquisas e fontes são pouco ou totalmente desconhecidas no cenário nacional. Nosso tema de pesquisa é um exemplo. Tanto pelo recorte temporal quanto pela fonte principal que utiliza, a representação do poder nas moedas cunhadas sob o imperador Galba. O desenvolvimento deste objeto de aprendizagem busca atuar nestas lacunas, uma vez que sua intenção é trabalhar o tema discutido na dissertação com outros públicos. Levando esta temática além de um restrito grupo na academia.

A temática deste objeto de aprendizagem é relativa à construção do poder no período imperial romano, sendo Roma o maior império Ocidental da Antiguidade Clássica. Quando Roma é abordada em sala de aula, costuma ocorrer, no sexto ano do ensino fundamental II, e/ou no primeiro ano do ensino médio. Porém, ressaltamos que ela é de extrema importância, não por aspectos de erudição, mas por contemplar muito de nossa cultura até hoje. O estudo de Roma permite que o aluno entre em contato com diversas rupturas e permanências históricas.

Nosso objeto de aprendizagem busca apresentar o aluno a uma das possibilidades da utilização de meios tecnológicos como forma de aprender. Discutir formas de legitimação e propaganda do poder em Roma e nos dias atuais. A utilização da moeda não apenas como meio pelo qual ele compra seu chiclete ou bala, mas como uma fonte de informação, muitas vezes menosprezada. Discussões diversas podem surgir a partir da utilização deste objeto de aprendizagem.

Assim, podemos apresentar aos nossos alunos a discussão sobre as formas de construção e manutenção do poder. Tema tão pertinente no Brasil e que é pouco abordado na escola, que é um dos ambientes que o aluno tem à disposição para encarar a realidade em que ele vive. Discutir o poder em sala de aula é formá-lo como um cidadão crítico. Pois a “escola é um mundo. O mundo é a escola. Os contextos externos e internos se influenciam mutuamente.” (COLARES, GONÇALVES, COLARES E LEÃO, p.161, 2011).

Nosso objeto de aprendizagem é uma WebQuest e ela pode ser desenvolvida de duas formas: construindo um site próprio ou através de um blog. Optamos pela utilização do blog pela sua facilidade na criação, alteração e mudanças. Devemos, assim, buscar utilizar ferramentas mais simples que nos permitam maior liberdade e menor transtorno na elaboração de nosso objeto de aprendizagem. Outro fator é o custo de manutenção. Muitos blogs possuem a opção de serem criados e hospedados de maneira gratuita na internet. Outra vantagem da utilização do blog é que ele pode ser aberto em diversos dispositivos eletrônicos: computadores, tablets e celulares, por exemplo. O que pode facilitar sua aplicação em sala de aula e contribuir para driblar eventuais estruturais da escola. Nós optamos por desenvolver nossa webquest no wix, por ser mais fácil de trabalhar e por abrir de maneira eficaz tanto em computadores quanto em celulares e tablets. Nossa WebQuest se encontra no site <https://almeidajoapaulope.wixsite.com/historiaemmoedas>

Desta forma, a Webquest é uma metodologia que busca trazer a internet para a sala de aula de maneira eficiente e produtiva, com o objetivo dos alunos desenvolverem uma postura crítica sobre as informações que têm à sua disposição e rompe com a ideia que muitos

estudantes, principalmente do ensino fundamental e médio, possuem de que pesquisar é copiar. Pois, o professor norteia as ações do aluno para que ele possa chegar, após passar por várias etapas, a um resultado final.

Analisaremos aspectos formais que constituem uma WebQuest, buscando ressaltar o que vai e aonde. Esta é uma parte importante do trabalho, pois, o assunto e o tema servem como exemplo de como pode ser utilizada esta metodologia. Assim, deveremos discutir aspectos técnicos que constituem uma WebQuest com intuito de servir de guia para a elaboração de uma WebQuest, independentemente da disciplina e tema adotado.

Alice Virgínia Brito de Oliveira, Carmen Lúcia de Araújo Oliveira e Luís Paulo Leopoldo Mecadante apresentam como deve ser construída uma WebQuest. Há elementos técnicos e metodológicos. Primeiramente, o docente deve compreender minimamente a metodologia da WebQuest, se familiarizar com o espaço onde ela será inserida na internet, páginas na internet, blogs. Neste ponto, destacamos que as opções de utilização de portais que disponibilizam blogs são vastas. Cabe ao professor descobrir um que case melhor suas expectativas com seu domínio de informática. Vale ressaltar que a internet está recheada de ótimos tutoriais sobre como construir uma WebQuest.

Após este primeiro domínio de como fazê-lo funcionar, devemos compreender como uma WebQuest é dividida: introdução; tarefa, processo, recurso, conclusão e avaliação. (OLIVEIRA, OLIVEIRA, MERCADANTE, 2016, p. 5-9) e (PEREIRA, 2009, p. 10-11). Sobre a metodologia, nos atentaremos a seguir. Uma WebQuest costuma ser dividida em etapas: apresentação, tarefa, processo, recursos, avaliação e conclusão.

Na introdução, de maneira cativante o docente apresenta o tema que será problematizado e pesquisado ao estudante. Nesta apresentação, devemos instigar o aluno no cumprimento da WebQuest. No nosso objeto de aprendizagem será apresentado um contexto de crise no império romano pós governo de Nero e a importância de elementos que busquem legitimar o poder do novo imperador, Galba, que governa a província da Hispania e tem que se tornar um governante bem querido pelo império romano. Já na do ensino médio o aluno ganha de seu avô uma moeda de Galba e pensa em vendê-la.

Posteriormente, é apresentada a tarefa a ser executada pelo estudante, devendo ser condizente com a maturidade do aluno e desafiadora. Aqui será descrito o que o aluno deve desenvolver como objeto da WebQuest. No caso do sexto ano, o aluno será responsável pela elaboração de uma moeda, que deve representar elementos da Hispania Romana em um reverso de uma moeda de Galba. Aqui disponibilizaremos uma imagem de uma moeda em branco com espaço para inserir a imagem no reverso e o anverso constará uma imagem de

Galba. O espaço para a legenda de ambos os lados ficará em branco para o aluno inserir a mensagem que ele ache apropriada. Já na atividade do ensino médio o aluno desempenhará o papel de um numismata ao analisar vários elementos presentes na moeda de Galba para que possa vendê-la sem ser ludibriado pelo comprador.

No processo, o aluno buscará resolver o problema proposto. Os passos que o aluno deve seguir para a construção do objeto da tarefa, no caso do sexto ano será explicado que antes dele começar a preencher sua moeda, ele deverá consultar a área de recursos e no do ensino médio o que ele deve consultar para analisar a moeda

O recurso é o conjunto de fontes e bibliografia que o aluno terá em mãos para a resolução do problema. No caso de nossa Web Quest será um conjunto de hiperlinks de sites na internet para a resolução da proposta da WebQuest e elaboração do objeto proposto. Estes serão subdivididos em: imagens que simbolizam Hispania romana. Já que nosso público será de alunos entre onze e doze anos, os links relacionados a imagens Na WebQuest do ensino médio será disponibilizado um conjunto de informações através de hiperlinks, tais como: textos relacionados a Galba e sobre as legendas utilizadas nas moedas romanas.

A avaliação será similar nas duas WebQuests. A forma como o docente analisará e pontuará o objeto entregue. A descrição de como será avaliado o objeto elaborado pelo aluno. O discente deve explicitar a forma como solucionou o problema proposto na introdução. Devemos deixar claro pelo que o aluno será avaliado. Aqui buscaremos ressaltar que valorizaremos o qualitativo. Sendo valorizada a criatividade e a explicação dos elementos utilizados na moeda.

A conclusão finaliza a apresentação da WebQuest e busca explicitar as habilidades que o aluno deveria desenvolver com a utilização da WebQuest. Este momento será dividido em dois, no caso de nosso objeto de aprendizagem. Em um primeiro momento, o aluno terá acesso a links de moedas utilizadas no principado de Galba. A descrição das moedas será similar, guardadas as devidas proporções de linguagem do nosso público. Aqui buscamos que o aluno tenha contato com moedas romanas e tenha um meio de comparação com o que ele criou. Para que ele possa perceber continuidades e rupturas sobre a utilização e explicação das moedas, além de incentivar sua curiosidade. Após a entrega, no caso, o layout da moeda, que poderá ser exposto em forma de varal, colado nas paredes da sala ou de algum espaço em comum da escola.

O objeto de aprendizagem aqui desenvolvido é um material de apoio a ser utilizado no sexto ano do Ensino Fundamental II e primeiro ano do Ensino Médio, quando o professor trabalhar o conteúdo Roma. Roma costuma ser abordada através de suas formas de governo

(monarquia, república e império). No caso, recomendamos que sua utilização ocorra após ter sido trabalhada a centralização do poder com Augusto. Pois o período imperial costuma ser abordado após a centralização, demonstrando características gerais e dando ênfase a imperadores que o senso comum costuma interpretá-los como loucos, Calígula e Nero por exemplo. Buscamos com este objeto de aprendizagem romper com esta abordagem.

Ao utilizá-lo após a aula em que são trabalhadas as reformas feitas por Augusto, este objeto oferece ao professor uma abordagem para que os alunos possam compreender que estas reformas sempre têm que ser reafirmadas a cada imperador. Possibilita ao aluno, também, aplicar alguns conceitos aprendidos para legitimar um imperador.

Aplicar uma WebQuest, a metodologia de nosso objeto de aprendizagem, de maneira ideal, requer um laboratório de informática que comporte todos os alunos. Caso o número de computadores seja menor que o de alunos, recomenda-se que sejam divididos em duplas ou trios. Porém, caso não existam tais condições físicas mas os alunos tenham acesso à internet em seus celulares ou tablets pode ser utilizada esta ferramenta. Em casos de maior escassez material, o professor pode levar as etapas da WebQuest de maneira impressa e trabalhar com os alunos dentro da sala. Apesar de não ser ideal é a realidade de muitas escolas pelo Brasil.

Esta WebQuest pode ser aplicada em até quatro aulas. Com uma a duas aulas, os alunos entrariam em contato com quase todas as etapas da WebQuest, exceto a conclusão. A elaboração da moeda, não precisa necessariamente que o aluno esteja diante do computador e consumirá uma aula ou pode ser colocada para que o aluno o faça em casa. Na última aula, o aluno entregaria sua moeda e entraria em contato com a conclusão da WebQuest. Após esta etapa, o aluno pode propor uma discussão com os alunos sobre a atividade e/ou aplicar um questionário sobre a realização da tarefa. Os objetos confeccionados pelos alunos podem ser expostos pelo professor na própria sala ou em outro ambiente da escola. Elas podem ser fixadas nas paredes e/ou em varais de barbante. A exposição é uma ferramenta motivadora importante para os alunos e o professor pode, também, premiar as melhores moedas, segundo os critérios de avaliação propostos pela WebQuest.

As propostas aqui apresentadas são apenas uma possibilidade de aplicação desta WebQuest. O professor não tem obrigação nenhuma de segui-la. Atividades realizadas fora de sala de aula costumam ter boa recepção entre os alunos, e, para muitos, pode ser um primeiro contato com um computador, por mais inacreditável que pareça. Esta atividade pode ser inserida dentro do repertório didático do professor e pode ser complementada com atividades do livro didático utilizado, filmes e/ou histórias em quadrinhos.

Enfim, a realização deste objeto pedagógico nos ajuda a pensar sobre as possibilidades da utilização de um recurso digital em sala de aula. O século XXI é marcado até então pela inserção de seus jovens no meio digital, porém, muitos saem da escola sem contato com ele. Ressaltamos que o aluno deva sair da escola com o mínimo de repertório que o permita utilizar a tecnologia como um meio de aprendizagem para que o torne mais autônomo nesta era digital. Onde que ele aprenda a aprender com tecnologias que o rodeiam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a construção da imagem pública e a construção do poder por Galba em seu principado na Hispania e Roma através de uma análise numismática. Buscamos perceber e compreender quais são esses elementos e propomos hipóteses de leituras para o tesouro analisado, que foi dividido em três grupos simbólicos: moedas que abordavam as virtudes, moedas que cunhavam em seu reverso Roma Ranas e moedas que contemplavam a representação da *Hispania*. Para que nossos objetivos fossem concretizados fizemos diversos cruzamentos de dados, buscando levantar a relevância e a incidência da cunhagem destas moedas. Após este levantamento, analisamos alguns exemplares de cada grupo analisado e propomos hipóteses de leituras para que possamos compreendê-las no contexto em que foram cunhadas.

No que se refere à análise das moedas, nós entramos em contato com elas intermediados pela internet. Hoje, há diversos sites dedicados à numismática seja com finalidade acadêmica ou de venda. Para tabularmos nossos dados e construirmos nossos gráficos, utilizamos o site Online Roman Imperial Coin, OCRE. Os motivos de optarmos por utilizá-lo nesta etapa da pesquisa são: que ele tem um perfil dedicado a pesquisas acadêmicas e seu banco de dados é fixo, não alternando como ocorre em diversos sites de numismática dedicados à venda e compra de moedas. Outro fator, são as opções de busca que este site nos ofereceu, o que foi muito importante na confecção dos gráficos e tabelas ao levantarmos e cruzarmos dados. Para a análise iconográfica das moedas, utilizamos principalmente o Forum Ancient Coins. Apesar deste site ter um perfil mais voltado ao colecionismo, nele encontramos ferramentas importantíssimas para a confecção de nossas análises e para esclarecermos eventuais dúvidas sobre o que era representado nas moedas. Pois neste site temos acesso ao Numiswiki, uma versão online do ERIC, uma enciclopédia de moedas imperiais romanas. Outros sites foram utilizados, mas principalmente para coletarmos imagens, que, muitas vezes, apresentavam melhor qualidade.

Ao analisarmos as moedas, percebemos que estão presentes elementos que buscam legitimar o *princeps* que estudamos na consolidação de elementos que o tornam apto a governar e encerrar os problemas que estavam presentes no principado de Nero. Nas virtudes cunhadas tanto em Roma quanto na *Hispania* percebemos a presença de mensagens que buscam ressaltar as virtudes de Galba, associando sua imagem a alguém com *virtus* para governar, interromper um período de perseguição e cerceamento da liberdade, paz, tanto

dentro de Roma quanto em suas províncias. Neste aspecto, foram criadas diversas novas virtudes, as quais não eram utilizadas em moedas e que são representativas por estarem presentes nos imperadores posteriores. Aqui, percebemos que houve uma mudança na estratégia de legitimação do poder, buscou-se sistematicamente a consolidação de uma imagem pública não associada à hereditariedade e sim às qualidades, virtudes do atual imperador, tendência que, a partir de então, será recorrente entre os futuros imperadores.

Esta ideia de agregar virtudes é somada a uma moeda até então nunca cunhada em Roma associada a um renascimento. As moedas *Roma Renasc* buscam, assim como as virtudes, construir uma imagem de que o terror causado pela sucessão dos imperadores anteriores chegou ao fim e que Roma voltará a ser vitoriosa e estável politicamente a partir deste novo *princeps*. Isto porque ela busca, por um lado, uma desassociação da gens anterior e dos vícios cometidos por ela. Um novo período de liberdade e grandiosidade em Roma, ela renasce após uma guerra civil para um período de estabilidade, assim como ocorrerá anteriormente a ascensão de Augusto.

Nas moedas que contemplam a imagem da *Hispania*, acreditamos que elas possuíram um significado distinto das moedas cunhadas em Roma e na *Hispania*. Em Roma, elas buscavam dar uma trajetória e uma explicação de onde surgiu o atual imperador, como forma de demonstrar que Galba possuía pré-requisitos para governar e quem não o conhecesse teria uma fonte de informação para buscar. Já nas moedas cunhadas na *Hispania*, acreditamos que elas buscavam valorizar o apoio dado por esta província na consolidação do poder deste imperador.

Para chegarmos a esta leitura da importância das moedas na construção da imagem do imperador os capítulos um e dois foram essenciais. Em nosso primeiro capítulo, buscamos analisar como a historiografia pensa o poder na Roma Antiga. Neste problema, percebemos dois vieses de análise que não se excluem, mas se complementam. Uma forma de se analisar o poder é pensar que ele é construído através das relações interpessoais. Através das relações de patronato e amizade é permitida uma governabilidade ao imperador. Por outro lado, esta governabilidade e a sustentação destas redes de relações interpessoais só é possível graças a uma construção de uma imagem pública em que associam a imagem do imperador ao maior provedor de benefícios do império. Esta imagem é construída através do acúmulo de cargos, que permite ao *princeps* uma maior legitimidade em vários espaços sociopolíticos, através da publicização de seu poder através da máquina do Estado. Sua imagem é reproduzida através de diversos meios e ele, através da ostentação de um número variado de predicados consegue construir uma imagem pública de que está apto a governar e que é o primeiro entre os iguais.

Em nosso segundo capítulo, buscamos analisar a moeda como fonte. Desta forma, analisamos diversos aspectos da numismática que nos permitem pensar nossa fonte para além de seu valor econômico, que é sua utilização principal. Buscamos entender historicamente como a moeda é pensada e como a numismática se consolida como ciência. Nos permitiu entrar em contato com como esta fonte é trabalhada para que dela consigamos construir uma análise historiográfica. Aqui foi possível analisar e quantificar o que foi cunhado no principado de Galba.

No quarto capítulo, buscamos discutir sobre como esta pesquisa pode romper as paredes da academia. Por isso, foi essencial entendermos as formas pelas quais ocorre a aprendizagem. A partir disto, buscamos elencar a importância da utilização de WebQuest como complementação didática. Nela, conseguimos levar aos estudantes metodologias do fazer científico e romper com a ideia de que pesquisa é igual a copiar do Wikipédia ou de alguma enciclopédia física. Dificuldade encontrada por muitos jovens e que muitas vezes se acentua quando entram no ensino superior.

Em geral, nossa pesquisa buscou ressaltar a importância e as possibilidades que a utilização de moedas como fonte de pesquisa nos dão para compreendermos questões relativas à construção do poder. Pois, a representação numismática é um meio, e não o único meio de construção da imagem do imperador (NOREÑA, 2001, p. 157).

Neste trabalho, buscamos discutir sobre as estratégias utilizadas por um imperador ao se legitimar no poder e a importância da propaganda política para o mesmo. Galba governa entre 6 de Junho de 68 e 15 de Janeiro de 69. Ele é o primeiro imperador a não pertencer a *gens* Júlio-Claudio, chegando ao principado após revoltas contra Nero. Para se legitimar imperador é necessário que ele utilize de diversos símbolos de poder para que seja reconhecido como governante. Tanto na dinastia iniciada por Augusto quanto por Vespasiano, percebe-se uma propaganda, ideologia que legitima seus sucessores. Galba, apesar de governar por pouco tempo necessita de um outro tipo de estratégia. O imperador representa ou deveria personificar Roma. As moedas são uma forma de consolidar sua imagem pública. Estudar a construção desta imagem nos dá indícios para questionar como era o imaginário e os meios de comunicação na Roma Antiga. E nos permite também compreender como a memória pode ser recriada, manipulada de acordo com situações culturais e sociais do presente. Onde as moedas são um meio de utilizar da memória para legitimar justificar e reconciliar e não reconstituir como era no seu passado (OMENA, p. 19, 2015).

Enfim, nossa hipótese é que ocorreu uma transformação do modo da construção da imagem imperial e de elementos que legitimam o *princeps* com Galba em relação à dinastia

Júlio- Claudio nos pareceu pertinente. Buscamos através desta dissertação compreender como a representação numismática é utilizada na propaganda, consolidação e legitimação do poder imperial no principado de Galba. Pois "o instrumento do poder, efetua a transposição dramática de eventos históricos, a tradução simbólica das relações políticas e sociais e a encenação da ideologia".(BALANDIER, 1982, p. 17)

REFERÊNCIAS

ALONSO RABANAL, Manuel Abilio. **Consideraciones sobre la crise de los años 68-69.** In.: Lucentum, n. 1, p.183-188, 1982

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BRANDÃO, José Luís Lopes. Introdução. In.: PLUTARCO. **Vidas de Galba e Otão. Tradução** do grego, introdução e notas de José Luís Lopes Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

CARLAN, Cláudio Umpierre. A arte monetária e suas interpretações. In: IV Encontro de História da Arte: Arte e História da Arte, entre a produção e a representação, 2008, Campinas. **Atas IV Encontro de História da Arte: Arte e História da Arte, entre a produção e a representação.** Campinas: IFCH/UNICAMP, 2008. v. 1 p. 128-132.

_____. A arte monetária romana: reflexos de uma propaganda. In: I Encontro de História da Arte, 2005, Campinas. **Anais I Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005, p. 166- 170.

_____. Linguagem e imagem: numismática como documento. **Revista E. F. e H. da Antiguidade,** Campinas, n. 28, Jul./Dez. p. 13-26, 2014.

_____. Numismática Romana: Teoria e Método. A Arte a serviço do Estado. In: II Encontro de História da Arte, Campinas, Campinas. **Atas II Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/ Unicamp, 2006, p. 107- 111

CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. Memória e Poder: um estudo de caso. **MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES,** 12 (30), 2011 (jul./dez). Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em 25 mar. 2017.

_____. **Moedas: a numismática e o estudo da História.** São Paulo: Annablume, 2012. (Coleção História e Arqueologia em Movimento).

CHEUNG, Ada. **The political significance of Roman Imperial coins types.** Disponível em: <<http://doi.org/10.5169/seals-171714>>. Acesso em 15 jan. 2017.

COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; GONÇALVES, Tadeu Oliver; COLARES, Anselmo Alencar; LEÃO, Jacinto Pedro P. O professor-pesquisador-reflexivo: debate acerca da formação de sua prática. In: **Olhar de professor**, Ponta Grossa, n. 14 (1), p. 151-165, 2011.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Trad. Emília de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artmed, 1994.

ELDER, Walter. Augustus and The Power of Tradition. In.: GALINSKY, Karl (ed.). **The Cambridge Companion of the Age of Augustus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. c. 1, p. 13-32.

FAVERSANI, Fábio. **A sociedade em Sêneca**. 2001. 171f. Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

_____. “As relações interpessoais sob o Império Romano: uma discussão da contribuição da escola de Cambridge para o estudo da sociedade romana”. In CARVALHO, Alexandre Galvão (Org.). **Interação social reciprocidade e profetismo no mundo antigo**. Vitória da Conquista: Edição Uesb, 2003. c.1, p. 19-42.

_____. Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira. **Mare Nostrum. Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo**, v. 4, p. 100-111, 2013.

FERGUSON, Mathew. **The Propaganda of Accession of the Roman Emperor Galba**. Disponível em.

<https://www.academia.edu/7411126/The_Propoganda_of_Accession_of_the_Roman_Emperor_Galba>. Acessado em 20 fev. 2017

FLOREZANO, Maria Beatriz Borba. Tendências da Numismática Moderna. O XIII Congresso Internacional De Numismática - Madrid, Setembro de 2003. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 13, p. 337-342, 2003.

FORUM ANCIENT COINS. Disponível em: <<http://www.forumancientcoins.com/>>. Acessado em 18/06/2017

FRIGUETTO, Renan. Algumas considerações sobre o poder na Antiguidade Clássica e Antiguidade Tardia. In. **Etyao Stylos. Instituto de Estudios Grecolatinos"prof. F Novoa"**, Buenos Aires, n.13, p. 38-47, 2004.

GIOVANI, Adaiane; HAHN, Fábio André. **A webquest e a educação de histórica: como os alunos aprendem história com as novas tecnologias?** . Disponível em <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/262.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2016

GRUEN, Erich S. Augustus and the making of the principate. In.: GALINSKY, Karl (ed.) . **The Cambridge Companion of the Age of Augustus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. c. , p.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **A Noção de Propaganda e sua Aplicação nos Estudos Clássicos: O Caso dos Imperadores Romanos Septímio Severo e Caracala**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

HAYNES, Holly. **The History of Make-Believe: Tacitus on Imperial Rome**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2003.

HEKSTER, Oliver. Coin and Message: Audience targeting on coin in different denominations? In: L. de Blois et al. (eds.), **Representation and Perception of Roman Imperial Power**. Amsterdam: Gieben. 2003. c. 1. , p. 20-35.

HEKSTER, Olivier; MANDERS, Erika; SLOOTJES, Daniëlle. Making History with Coins: Nero from a Numismatic Perspective. **Journal of Interdisciplinary History**, XLV:1 (Summer, 2014), 2014

JOLY, Fábio Duarte. A Escravidão no Centro do Poder: Observações acerca da Família Cesares. **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**. v. 4, Ano 4, n.1 Janeiro/Fevereiro/Março, p. 1-11, 2007.

_____. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.111-127, 2005.

_____. **Tácito e Metáfora da Escravidão: Um Estudo de Cultura Política Romana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

KRAGELUND, Patrick. Galba's Pietas, Nero's Victims and the Mausoleum of Augustus. In.: **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 47, H. 2 (2nd Qtr., 1998), p. 152-173, 1998.

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. Tradução de Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Odisseus Editora, 2005.

LOBUR, J. A. **Consensus, Concordia and the Formation of Roman Imperial Ideology**. London: Routledge, 2008.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. Entre o homem e Deus: o ritual de apoteose imperial na Roma Antiga. **Mare Nostrum**. n. 5. p. 59-75, 2014.

MANCINI, Wiliam. Poder imperial e lugares de culto nas representações numismáticas do principado de Cláudio. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 5, p. 93-111, 2015.

MILLAR, Fergus. **Rome, the Greek world, and the East. v. 1. The Roman Republic and the Augustan revolution**. London: The University of North Carolina Press, 2002

MORGAN, Gwyn. **69 A. D. the year of four emperors**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

NOREÑA, Carlos F. The Communication of the Emperor's virtues. In.: **The Journal of Roman Studies**, Vol. 9, p. 146-168, 2001.

OLIVEIRA, Alice Virginia Brito de; OLIVEIRA, Carmen Lúcia de Araújo Paiva; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Estratégias didáticas com uso de TIC no ensino superior: a webquest na formação dos estudantes de História**. . Disponível em: <<http://acesso.virtualeduca.red/documentos/ponencias/puerto-rico/835-def2.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2016.

OMENA, Luciane Munhoz de. **Pequenos poderes na Roma imperial: o povo miúdo na ótica de Sêneca**. 2007, 225f. Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. Rememoração de um exílio e a morte sob o viés filosófico de Sêneca. **É: Revista Ética e Filosofia Política**. Número XVIII - v. 2, dez, p. 16-29, 2015.

OMENA, Luciane Munhoz; FUNARI, Pedro Paulo A. Memória e esquecimento: narrativa sobre imperador romano e senado. **História** (São Paulo) v. 31, n.1, p. 163-184, jan/jun 2012

ONLINE COIN ROMAN EMPIRE. . Disponível em <http://numismatics.org/ocre/results?q=fulltext%3Aagalba>. Acessado em 15 jun. 2017

PEREIRA, Rosmary Wagner. **WEBQUEST: Ferramenta pedagógica para o professor. Superintendência da Educação**: São Paulo, 2009.

PETERSON, Jeremy. Friends and high places: The creation of the court of the Roman Empire. In: **The Court and Court Society in Ancient Monarchies**. United States of America by Cambridge University Press: New York, 2007.

PLUTARCO. **Vidas de Galba e Otão**. Tradução do grego, introdução e notas de José Luís Lopes Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PORTO, Vagner Carvalheiro. **Imagens monetárias da Judeia/ Palestina sob dominação romana**. Tomo I A moeda na Judeia entre os séculos II a. C e II d. C.: Histórico e análise. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

RICHARDSON, John. **The Language of Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SALCEDO GARCÉS, Fabiola. La Hispania Bárbara y la Hispania Civilizada: la imagen de un concepto. **Stvd. hist., Ha antig.** 13-14 p. 181-194, 1996.

SALLER, Richard. **Personal Patronage under the Early Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SOUSA, José de. **O retrato da numária romana**. Projecto IPSIIS [S.i], 2012

SUETÔNIO. **A Vida dos Doze Césares**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

SUTHERLAND, C. H. V. **The Roman imperial conaige**. Volume 1 From 31 B.C to AD 69. London: Spink and Son Ltd, 1984.

TÁCITO. **Anais**. Tradução de J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952 (Clássicos Jackson, Vol XXV).

VANGURI, Pradeep R., SUNAL, Cynthia Szymanski; WILSON, Elisabeth K., WRIGHT, Vivian H. WebQuest in Social Studies Education. **Journal of Interactive Online Learning**. v. 3, n. 2, Fall 2004.

VENTURINI, Renata Lopes Bizoto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 215-222, 2001.

VIZENTIN, Marilena. **Imagens do Poder em Sêneca: estudo sobre o *De Clementia***. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Galba's Aequitas. **The Numismatic Chronicle (1966)** v. 141, p. 20-39, 1981

_____. **Rome's Cultural Revolution**. London: Cambridge University Press, 2008.

_____. The Emperor and His Virtue. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Vol. 30, n. 3, p. 298-323, (3rd Qtr., 1981), 1981

_____. The imperial court. In: BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (Eds.). **The Cambridge Ancient History – The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. c. 7, p. 283-308.

WELLESLEY, Keneth. **The year of the four emperors**. Routledge: London, 2000.

WILDWIDS. Disponível em. <<http://www.wildwinds.com/coins/ric/galba/RIC>>. Acessado em 30 jun. 2017

WINTERLING, Aloys. **Politics and society in imperial Rome**. Wiley-Backwell. 2009